

Fala Miguel

de Miguel por

Maria Helena Marques Lapenda

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Fala Miguel



Miguel Luiz Lapenda

Fala Miguel

por Maria Helena Marques Lapenda

Livro I

Revisto pelo canal e ampliado com notas avulsas inéditas

Livro II

Canalizado originalmente

 Sinergia

2014

© 2014 | Maria Helena Marques Lapenda

Capa
Marcos Lopes

Diagramação
Abreu's System

L2991

Lapenda, Maria Helena Marques

Fala Miguel / Maria Helena Marques Lapenda. – Rio de Janeiro: Sinergia,
2014.

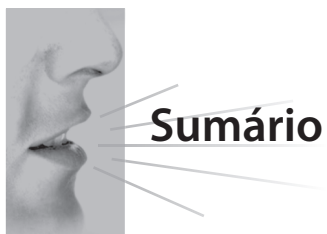
198p.

ISBN: 978-85-7947-245-9

1. Espiritismo. I. Kardecismo. II. Mediunidade. III. Relação Mãe e Filho. 2.
Título.

CDD 133.9

Singular Digital Ltda.
Rua Capitão Guynemer, SN, Quadra 20 Lotes 5 e 6.
Duque de Caxias - Rio de Janeiro. CEP: 22.250-000
www.singulardigital.com.br



Livro I

Apresentação.....	9
Chegou minha hora	12
Considerações de um espírito em conhecimento	15
Primeira mensagem	17
Segunda mensagem.....	20
Terceira mensagem.....	23
Reflexões de um recém-chegado no Além.....	24
Na universidade do amor	27
Salvamento no umbral.....	34
Algumas celebrações.....	37
Da rotina.....	41
Aprendizados e mestres.....	49
Alguns que chegam... ..	69
Dias de diversão e de trabalho	78
Ninguém realiza nada sozinho	88
Características dos Planos.....	94
Notas... ..	108
E assim se passaram três anos sem eu ver o seu rosto... ..	111
Sempre vale a pena	115

LIVRO II

Apresentação.....	121
Trovas da vida e da morte	124
Um conto.....	126
Mensagem I	128
Mensagem II	129
Página às mães	130
Mudanças	132
Partidas e chegadas.....	143
Controle dos pensamentos.....	147
Familiarização.....	151
Aulas e reflexões	156
O equilíbrio de onde estamos	168
Pinceladas de vidas	173
Amadurecimento, mudanças e responsabilidades.....	178
Processo de Crescimento.....	189

Livro I





Apresentação

A cada dia que passa o verdadeiro amor nos dá mostras vivas de sua real existência.

O verdadeiro amor é aquele que se evidencia nas coisas mais simples e mais óbvias, mais puras e mais claras.

Num mês de dezembro, visitando um lar carente no sertão da Bahia, pisando o chão frio de terra batida, repassando meu olhar na simplicidade de todas as rachaduras da parede que, mesmo assim, ainda ostentava o brilho de algumas painéis caprichosamente polidas, encontrava-se diante de mim uma senhora idosa pelas rugas — desenhadas na tortura dos anos misturados à miséria e abandono.

Ali estava eu, entregando uma das cestas básicas, das milhares distribuídas naqueles dias de sol, meio ao árido horizonte do mais autêntico sertão nordestino, em sua paisagem seca e seu povo tão sofrido.

Aquela senhora me contava sobre a fome sem medida, a mesma fome que doía exatamente naquele instante em seu ventre coberto pelas vestes humildes e seus olhos profundos de quem sente dor.

Nunca mais serei capaz de esquecer aquela fisionomia. Já faz um ano e parece que foi ontem.

Ressaltava ao meu espanto e comoção que logo acabaria o alimento que eu depositava em suas mãos. Ora, claro, repartiria com seus parentes da roça. Lá, a fome infinita é dividida — foram essas as suas palavras, sua própria definição do que costumava sentir quando a necessidade de comer era menor diante da necessidade alheia. O dever da solidariedade, acima de qualquer sofrimento.

A fome era tanta que aquela humilde sacolinha que eu mesmo entregava seria incapaz de saná-la.

E, para finalizar fazendo verter minhas lágrimas embutidas no colo de minhas pálpebras, afirmava com seu linguajar matuto e tão rico de sabedoria: “... mas o AMOR que veio no seu coração, seu Menino, não acaba não. Esse amor, ele sim, acaba com a minha fome!...”

O amor surge assim, inesperadamente, e vive longamente por toda a eternidade. Numa palavra, num gesto, numa frase, num acontecimento, numa dádiva.

Nasce gigante porque é amor!

O amor não morre, vive para sempre.

Não se mede.

Não se define.

A saudade é o seu idioma universal.

Deram-me hoje uma incumbência tamanha.

Um coração de Mãe, fonte inesgotável de amor puro, comparável às águas límpidas e cristalinas de uma cachoeira celestial, convidou-me a prefaciar o livro de seu filho, escrito por ele mesmo na esfera da Espiritualidade e por intermédio de um canal mediúnico, o mesmo canal de amor e de saudade de sua Mãe, que o recebeu após devolver-lhe à sua origem.

Morte? Não, isso não existe. No caso dele então nem se fala...

Está mais do que evidente em suas comunicações.

Óbvio, um garoto de luz como Miguel só podia ter vindo de “lá”, para onde retornou com todo o seu brilho reluzente, próprio de quem viveu como vivia.

Quem o conheceu entende melhor o que digo. Passei perto dessa benção, tínhamos um laço próximo e distante de família, mas não deu tempo. Miguel foi responsável até na hora e no dia da partida.

Quem o deteve?

Ninguém. Deus o convidou e ele, apressado, se foi.

No Capítulo XVII — **Sede Perfeitos**, do *Evangelho Segundo o Espiritismo* de **Allan Kardec**, seguindo o tema *O Homem de Bem*, vemos claramente descrito:

“ — **O Homem de bem tem fé em Deus, na Sua Bondade, na Sua Justiça e na Sua Sabedoria; Sabe que nada acontece sem a Sua Permissão e submete-se em todas as coisas à Sua Vontade...**

Por isso está aí entre nós agora, mais vivo do que nunca.

FALA MIGUEL é a prova documentada de que ele volta para nos acrescentar.

Se a saudade é a fome do amor e se há amor, ele próprio pode suprir toda essa fome. Aquela velhinha humilde disse isso. Pode acabar tudo, o amor não acaba. O amor é eterno!

Miguel é amor!

Fale, Miguel...

Marcus Vinícius de A. Ferreira
(Quito Formiga)



Chegou minha hora

Quando anoiteceu eu sabia que era minha hora de retornar ao mundo Espiritual. Por volta das 18h fui dormir um pouco, pois pretendia sair para uma “balada”.

Minha mãe não quis me acordar quando meu amigo Rodrigo me telefonou. O despertador, que eu havia colocado para despertar às 21h, tocou; minha mãe e meu irmão já estavam dormindo, um sono tão pesado que nem conseguiram jantar.

Agora sei o motivo daquele sono; era para que eles não impedissem minha saída.

Fui acordar minha mãe para pedir o cortador de unhas e ela, sonolenta, me instou a não sair. Mas era preciso, o meu prazo de permanência na Terra havia acabado e, quando o tempo se acaba, não tem jeito.

Passei os últimos dias na Terra dormindo bastante, pois a loja em que trabalhei durante um ano demitiu-me sem motivo; agora, porém, sei que havia muitos motivos, era preciso que eu dormisse bastante para que meu Espírito fosse trabalhado por meus mentores para a aceitação de minha partida.

Sexto sentido de mãe é fantástico; uns quinze dias antes de minha partida, minha mãe só falava que não queria que eu andasse de ônibus, íamos comprar um carro, mas não deu tempo.

No dia 21 de setembro de 2000 eu parti.

Fui assassinado num trólebus, no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo.

Vinte e um de setembro é uma bela data para se deixar a Terra. Eu a deixei já sentindo saudades, mas consciente de que a separação física de todos que amo é temporária e que o tempo passa muito rápido.

Fui assassinado com quatro tiros, sem motivo aparente, pois nada de mim roubaram; mas como desencarnei não importa, o que importa é que tenho dentro de mim a vontade de levar a todos o nome de DEUS e a aceitação de Sua vontade para que possamos receber Suas bênçãos para transportarmos montanhas. Quando aceitamos o que nos acontece sem questionar, tudo é luz.

Quando levei os tiros, após o pânico veio o sono leve, suave, sono de mudança, de transformação, sentia uma claridade imensa à minha volta, não abri os olhos, mas mesmo assim percebia a claridade.

Quando tomei ciência de mim mesmo, já estava deitado sobre meu corpo sem vida. Meu espírito saiu facilmente de meu corpo, com naturalidade, como se sempre estivesse preparado para aquele momento.

Embora não sabendo de onde vinha, cheguei a ouvir música, claramente, muito suave, orquestrada, que me encheu de emoção. Não consegui conter as lágrimas, descontroladas, que corriam por minha face. Fui inundado de emoção por estar deixando a Terra e também por retornar a meu verdadeiro lar. O choro era simplesmente de comoção, nada havendo que pudesse atrapalhar esse momento tão lindo, como, por exemplo, revolta ou incompreensão.

Abri meus olhos e vi muitas pessoas à minha frente. Homens e mulheres, vestidos de branco, todos com uma linda luz em volta deles, como se fossem uma lâmpada acesa.

Um dos homens apresentou-se como Eurícles Formiga, parente de meu pai, mas que eu não conheci quando estava encarnado.

Quando encarnado, o tio Formiga era espírita e médium de psicografia, levou muito consolo aos parentes de desencarnados através das mensagens mediúnicas que recebia no Centro Espírita Perseverança. Era também advogado, jornalista, poeta e tantos outros papéis que desempenhou com sabedoria. E continua trabalhando aqui, no que chamo de Além. Tem sido um pai para mim, sempre que possível estou com ele, sua companhia é sempre uma grande e prazerosa aventura.

O outro homem que se apresentou disse ser meu bisavô, João Regadas, que também não conheci quando encarnado.

Estes dois homens, e os outros que ali estavam, colocaram-me numa maca e me deram passes energéticos. Adormeci e acordei num hospital. O mais incrível é que, antes de me colocarem na maca, aconteceram tantas

coisas em tão pouco tempo; cheguei a ir até minha mãe, para beijá-la, quando ela chegou ao hospital Saboya, no Jabaquara, Jabaquara, em São Paulo, onde meu corpo físico foi socorrido, já sem vida.

No Plano Físico, minha mãe ficou sabendo de meu desencarne no hospital, e ela se manteve em atitude de respeito a mim e fé em Deus.

Ela foi até o pátio do hospital e foi ali que fui dar-lhe meu beijo.

Aproximei-me dela e lhe dei um beijo tão grande! Um cachorro sentiu minha presença e começou a latir em minha direção.

Minha mãe, e as pessoas que estavam ao seu redor, viram o cão latindo “para o nada”.

Então, meu irmão, que é médium e possui grande facilidade em sentir a presença de espíritos, disse para minha mãe: — Mãe, é o Miguel, ele veio lhe dar um beijo.

E ela recebeu meu beijo, emocionada, com amor.

Eu queria agradecer tudo o que minha mãe havia feito por mim nesta encarnação, facilitando-me o crescimento, a evolução espiritual.

Sua ajuda foi inestimável em meu desencarne, ajudando-me a manter a serenidade e equilíbrio, tão fundamentais neste momento pessoal, a fim de que tudo transcorra naturalmente, sem ilusões e dramas desnecessários.

Antes de ser levado para o hospital eu pude presenciar o velório do corpo físico que usei nesta encarnação, e, graças a Deus, todo o velório transcorreu sem dramas. Quando os familiares não se conformam com a morte de um ente amado, os que desencarnam são os que sofrem. No meu velório tudo se deu tranquila e serenamente.

Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os que estiveram presentes, amo todos vocês, um dia vamos nos encontrar, certamente!

Assim que cheguei à Universidade fiquei sabendo que minha mãe canalizaria este livro. Quando enviei minha primeira mensagem eu lhe disse: — Eu te amo tanto, que quero dizer isso de um modo diferente.

Esse é o modo diferente, ou seja, comunicando-me de maneira direta com minha mãe.



Considerações de um espírito em conhecimento...

Não posso dizer que o hospital para onde fui levado era um de primeiro mundo, mas de um mundo sensacional, espetacular, onde tudo e todos são movidos pelo amor. Senti-me como se estivesse no paraíso. E realmente estava, pois estava sendo amado por todos. Recuperei-me muito rápido. Ou melhor, adaptei-me à minha nova condição de desencarnado muito rapidamente, graças a Deus.

Tive muita ajuda de minha mãe, pois os enfermeiros me levavam até ela, na Terra, para que eu me nutrisse de suas forças.

O transporte foi feito em uma ambulância parecida com o aeróbus, citado na obra de Chico Xavier, 'O nosso lar', que é nosso meio de transporte aqui do Além.

Cada pensamento de fé de minha mãe era como um soro glicosado, eu posso dizer assim, e "amor de mãe levanta defunto". E foi o que aconteceu, literalmente. Fiquei ótimo em poucos dias. E continuei progredindo rumo à minha nova morada, uma colônia chamada Colônia São Bernardo, uma colônia para jovens evoluídos para Jesus. E, rapidamente, comecei a estudar na Universidade do Amor.

Minha mãe sentia que em breve eu mandaria notícias, mas não sabia como. Dez dias após meu desencarne, tia Annabel Formiga, quem também não conheci quando encarnado — embora agora eu conheça seu espírito e sei que é uma pessoa maravilhosa, dedicando sua vida para ajudar ao próximo, principalmente no trabalho de levar pessoas ao Centro Espírita Perseverança, onde todos encontram conforto divino, que é o mais impor-

tante na vida —, chamou minha mãe para ir até esse Centro Espírita Perseverança. Tia Annabel não esperava uma mensagem minha, mas alguma notícia vinda através do tio Formiga.

Qual não foi a surpresa quando leram, pelo microfone, que havia uma mensagem de Miguel Luiz para sua mãe?!

Minha mãe foi a que menos ficou surpresa, pois ela tinha certeza absoluta que isso iria acontecer.

Quando cheguei ao Perseverança, eu estava muito emocionado, e ainda meio anestesiado com tanta mudança em apenas dez dias.

Mas Deus me concedeu a graça de poder comunicar-me com minha mãe e irmão em bem pouco tempo de desencarnado e isso porque minha mãe percebeu em meu processo de despedida física uma mensagem de aprendizado e o caminho necessário à minha evolução, respeitando meu caminho como alma e indivíduo que sou.

Falar-lhes que eu estava bem, e a cada dia melhor, recebendo as luzes e o amor que me enviavam ininterruptamente ajudou-me imensamente.

Primeira mensagem

Ao Guilherme

Teu irmão cavalga agora
Sob a sublime leveza
Do sentimento da paz
Num campo onde só há beleza

Rogaciano Leite (*)

Para Maria Helena

A flor que tu entregaste
Ao céu de nosso Jesus
Desabrochou como rosa
Inundada de plena luz!

Cleomenes Campos (*)

Nessa grande travessia
Do mar de nossos destinos
A prece-farol nos guia
Afastando os desatinos!

Eurípedes Formiga F. de Sá (*)

* Poetas desencarnados
Psicografia de Miguel Formiga

Mamãe,

Mesmo assim, sentindo que o tempo é curto para isso, em função de toda a sonolência que ora trago comigo, vem a necessidade de me adaptar mais depressa, pois o tempo passa e existe muita coisa a ser feita.

Estou sendo muito ajudado pelo tio Formiga, o Eurícles Formiga, que, junto do bisavô João e muitos outros iluminados de roupa branca, se apresentaram para mim logo que eu despertei, três dias depois da fatalidade que me desligou.

A respeito disso, sem delongas, gostaria de dizer, mamãe, que já esperava algo de novo para mim, para o meu futuro, e você sabia bem disto. Algo acontecerá que defina a minha trajetória e, no fundo, seria definitiva a mudança.

O modo como aconteceu não importa, o que importa é que tenho desenhado por Deus, em minha mente, o meu caminho; e nele consigo me planejar para vencer todas as dificuldades e certo de que meu ideal será completamente alcançado, porque Deus está comigo.

Ouvi tanto isso de você e só agora consigo registrar melhor no meu íntimo, sem dúvidas e indagações.

Ajude por favor, para que ninguém se sinta culpado pelo que aconteceu, pois tudo estava preparado para minha partida, e todos nós nos encontrávamos prontos para assimilar essa vontade Divina.

Ninguém deve divagar em suposições de que pudessem impedir o que já estava escrito. Partiria logo após a minha descida daquele ônibus, era apenas questão de minutos.

Juro que saí de casa com vontade de ficar, mas certa obrigação forçava minha saída. Como sempre fui convicto de meus deveres e obrigações, eu resolvi atender o desconhecido.

Sei de sua luta íntima para que eu ficasse. Mas, era preciso, mamãe.

E, agora, olhando assim para você, reconheço que não fui eu o emprestado a você, mas você, cheia de luz, foi a emprestada a mim.

Eu te amo, te amo tanto que quero dizer isso de um modo diferente. Podemos continuar rezando juntos; aliás, temos feito isso nesses poucos dias que nos separaram, fisicamente apenas. Levaram-me até você para que eu me fortalecesse e fosse alimentado de suas forças.

Agora, falarei um pouco com o Gui: ô, cara, valeu! Você é especial, como sempre imaginei que fosse. Aquele seu ato inesquecível, e você sabe a que

me refiro, demonstrou toda a luminosidade que vejo em você. Continuamos juntos com a mãe, e vou ajudar você a fazer dela a pessoa mais feliz desse mundo. Olha só, o meu conselho: segue aí a sua vida e não se preocupe, pois ela não ficará sozinha.

A maior necessidade é sua, de crescer e se projetar, garantindo a vida de quem nos deu a chance de triunfamos perante Deus.

Eu amo você, meu irmão, meu cavaleiro, minha vida!

Mãe, eu sou seu filho para sempre, filho-irmão; mas, sempre filho, por favor!

Diga ao papai que não pense que seria diferente se eu estivesse lá com ele. Na verdade, eu sempre estive com ele, e ainda estarei disposto a fazer tudo para ajudá-lo no que quer que ele precise de mim.

Teria sido muito doloroso para ele se tivesse acontecido por lá o que aconteceu aqui. E Deus quis poupá-lo disso.

Em pouco tempo estarei me formando, na Universidade do Amor, e todos vocês se orgulharão de mim.

Beije meu pai, mamãe.

Beije a vovó, que recebeu meus sinais de amor*.

Beije o tio Pedro, que tem dedicado carinho ao Guilherme e auxiliado você.

Beije a tia Annabel, que ouviu o chamamento de Deus.

Meu beijo especial, como nunca lhe dei.

Ah, meu joelho não dói mais, já sarou, e eu estou bem, muito bem.

Fique comigo, mamãe; sinta, como eu, que nada mudou.

Obrigado, eu cresci em espírito, graças a você.

Muito obrigado, eu te amo!

Seu filho,

Miguel Luiz Lapenda Bernardo de Albuquerque

Mensagem recebida em 01 de Outubro de 2000, no Centro Espírita 'Perseverança' Psicografada pelo médium Quito Formiga

* Associamos esse termo, "sinais de amor", ao fato de na casa da avó de Miguel, D.Maria Antonia, certa tarde, após o falecimento de Miguel, a TV ter se ligado sozinha.



Segunda mensagem

Guilherme,

A Vitória é desafio
Que exige experiência
Que é fruto da Humildade
Unida com resistência!

Eurico (*)

Lena,

Teu exemplo de firmeza,
Baseado em tua fé,
Pouco a pouco ajuda tantas
Mães a ficarem de pé!

René Guimarães (*)

* Poetas desencarnados
Psicografia de Miguel Formiga

Mamãe, Gui,

Não me canso de falar e quando puder, se assim puder, estarei junto de vocês, como sempre foi.

Você nem imagina como eu tenho me adaptado mais e mais depressa. Definitivamente, estava preparado para tudo.

Sou feliz, muito feliz, mamãe!

Eu me recordo bem, quando estava na janela lá de casa, desejando iniciar a reforma das paredes, agora a melhor reforma em que venho trabalhando é a de mim mesmo, junto com você, com o Gui, com a minha família.

A gente está mudando para melhor, mamãe.

E isso é tão bom, nos traz tanta felicidade.

Por falar nisso, agradeço, como o filho a quem me considero, ao tio Pedro, ele é um cara muito legal, sempre achei isso.

Sobre o papai, esqueçam. Qualquer comentário demonstra mágoa. E isso não faz bem. A gente anda numa elevação que dá gosto, não é mesmo?

Gui, cara, como você é grandão! Eu admiro você pra caramba.

Sabe, olhando assim para você, e ao mesmo tempo analisando tudo o que me ronda onde estou, eu me pergunto: o que é que estou fazendo aqui?

Esse lugar é seu. Lugar de anjo, de gente boa, de gente que só tem amor no coração, sem precisar de mais nada.

Você é tão desprendido e, eu, tão imperfeito. Estou aprendendo com você, meu irmão.

Mãe, não vejo a hora de ser útil, de trabalhar.

Mas ainda é cedo, tenho convicção disso.

É que nós queremos abraçar o mundo quando chegamos aqui, sem preocupação, como é o meu caso.

Tem muito jovem que chora de desespero quando vê os pais sofrendo.

Eu tenho é paz na consciência, isso me dá energia.

Eu quero mandar um beijo especial pra tia Annabel que nos acolheu, indicando o nosso caminho, que já era aquele, só faltava a mão dela para nos levar.

Eu estou feliz.

Que Deus traga muita paz para esse lar amigo.

Eu te amo, mamãe.

Miguel

Mensagem recebida na Noite de Natal de 2000.

Psicografada pelo médium Quito Formiga



Terceira mensagem

Mãe, não há tempo hoje, mas como me ajudam aqui, me deram mais uma vaguinha e nosso beijo de saudade é mais forte agora.

Você tem sentido minha presença com mais certeza, isso me deixa tão feliz, que são inevitáveis as lágrimas de alegria.

Não se abale com as dificuldades, tudo está bem, pode acreditar.

Nós estamos juntos, eu, você, o mano e, claro, o tio Pedro e a tia Cynthia.

Meu beijo especial (especial e espiritual) para ele, isso quer dizer “cheio de vibrações de força e de paz”, transmita a ele o meu carinho e do tio Formiga, que nos ajuda a toda hora.

Continue rezando por todos nós.

As suas preces me fortalecem a cada dia.

Vou indo nessa, pois o tempo é curto mesmo!

Reze comigo no dia vinte e um, a gente vai se encher de luz e de alegria.

Eu te amo também!

Miguel

Mensagem recebida em 17 de setembro de 2001.

Psicografada pelo médium Quito Formiga



Reflexões de um recém-chegado no Além

Minha mãe nunca brigou com Deus por causa de minha partida aparentemente prematura, com 20 anos de idade — sempre fala que reagiu assim por respeito a mim, para que eu pudesse ser feliz no Além.

E todas as mães deveriam agir de forma semelhante. Primeiro, porque não morremos. Apenas fazemos uma transição, em espírito, do corpo físico para um corpo não físico. Segundo, porque todos os acontecimentos servem para nos ensinar a progredir, a amadurecer. Nada realmente acontece por acaso. Há sempre uma razão por trás de cada evento. E muitas vezes os acontecimentos de que mais precisamos, que mais vai conseguir trabalhar uma questão não resolvida da pessoa, acontecem para nos impulsionar para esse aprendizado. Assim, se uma mãe se vê às voltas com a chamada morte de um filho, através desse fato ela pode trabalhar o desapego, o respeito à evolução do filho, a aceitação de que temos que devolver a Deus o que nos foi dado com um propósito. Debater-se contra isso, sofrendo, resistindo à possibilidade de seguir adiante com a própria vida é tornar o aprendizado mais doloroso e também proporcionar sofrimento ao filho que se foi, que na missão de ajudar a mãe em sua evolução, acaba se enredando ao perceber que o aprendizado está mais doloroso do que deveria ser.

Continuamos ligados a todos que amamos na Terra; todos os sentimentos nos chegam como “telegramas; os que recebo — como sedex” —, graças a Deus, são de amor.

Mas há muitos jovens que sofrem com telegramas totalmente desorientados, desequilibrados.

“Mães de anjos”, repensem o que sentem, pois seus filhos recebem tudo sem censura; e já não aguentam mais tanta tristeza por uma separação que é absolutamente temporária.

Quer vocês queiram, ou não, o destino de todos é o Além. Então, a aceitação é uma questão de inteligência, e só é conseguida pelo treinamento diário, através da aprendizagem do controle da mente, a fim de amenizar a saudade, preenchendo o coração com o amor, de maneira a banir o egoísmo para fora de suas vidas, respeitando o desencarnado como um ser vivo, e bem vivo.

Esses nossos parentes estão na infância espiritual, não aceitando a vontade de Deus e deixando uma boa parte de desencarnados sem paz. E, o pior, é que eles pensam que estão fazendo o melhor para os seus filhos.

Pois — acreditem —, seus filhos vivem com Deus e “numa boa”; só existe a separação da matéria.

Não aceitem que estamos longe de vocês, estamos bem próximos; e todos pedem que as famílias reajam tendo Deus no coração, pois estamos vivos e não é justo sermos tratados como mortos.

Então, de forma a ajudar os desencarnados, como se deve pensar neles?

Pense que não voltaremos para a Terra nesta vida. Portanto, não tem volta.

E se não tem volta, o que vocês podem fazer para que todos — vocês e os desencarnados — vivam bem?

Vivenciar esta separação temporária de maneira harmoniosa, com contentamento, de maneira a todos ganharmos.

Primeiro, se é uma separação temporária, o desespero é uma tolice.

Segundo, é a vontade de Deus e Deus é sábio.

Terceiro, aprenda a amar incondicionalmente, não importa onde a pessoa esteja, é preciso amá-la sem egoísmo.

Todos só partem da Terra no dia e na hora certa.

Os filhos dos filhos de Deus são filhos de Deus, não há como permanecer na ilusão quanto a quem é pai e a quem é filho.

Pai é só Deus e Jesus, e filhos somos todos nós.

As noites de setembro de 2000 (aqui menciono o tempo na Terra, para que o leitor se sinta melhor localizado) foram as mais estranhas e as mais maravilhosas que trago na memória.

Quando me vi de volta ao mundo espiritual, fiquei aparentemente paralisado, estupefato, maravilhado.

A sensação de liberdade que senti sem o corpo físico é algo inigualável, a leveza, do ser espírito, o poder flutuar... é o maior barato.

A felicidade foi enorme, as primeiras noites depois do dia vinte e um foram tranquilas, com uma paz e segurança que nunca alguém me havia falado existir, é como se você estivesse dormindo em plena segurança no colo de sua mãe tendo o mundo à sua volta bem, livre, feliz.

Eu nunca havia sentido as noites de setembro daquela forma, como se elas fossem grandes amigas, possuindo uma sensação de cama com colchão de agradáveis penas de ganso.

Eu não quero me esquecer da sensação daquelas noites, como se fossem um inesquecível amor, nem após cem encarnações.

Eu amo vocês, noites de setembro!

Nestes dias, “Mamãe” é a palavra que mais gosto de pronunciar, é a palavra que contém o amor em todas as ações.

Vocês, jovens, meus irmãos que ainda estão encarnados, repensem suas vidas, considerem como tratam seus pais, analisem que uma encarnação não pode ser desperdiçada, que a vida na Terra é muito passageira e cheia de ilusões. Não pensem que esta vida é para sempre; se fosse, o planeta Terra ficaria estacionado, não existindo a evolução do Espírito.



Na universidade do amor

Assim que saí do hospital de primeiros socorros para recém-desencarnados, fui levado para a minha atual Colônia, onde moram os jovens mais evoluídos para Jesus, e logo comecei meus estudos.

O coordenador da Colônia me falou:

— Miguel, você já está matriculado na Universidade do Amor, só não fará o curso se não quiser.

Rapidamente respondi:

— Começo hoje mesmo, se possível; será uma honra e um prazer enorme poder fazer este curso; na Terra, terminei o ensino médio e não sabia que curso superior faria; primeiro, por não ter condições financeiras e, segundo, por saber que não ficaria muito tempo por lá, talvez por isso eu não tenha conseguido me decidir por algum curso.

“Então está ótimo, Miguel. Você começa amanhã mesmo”, disse-me o coordenador do curso, o Sr. Rinaldo.

Quando enviei minha primeira mensagem para minha mãe, eu já havia mencionado que estava estudando na Universidade. Ela ficou muito feliz, tanto que repetia: — Estão vendo? Aqui na Terra não tínhamos dinheiro para Miguel estudar, e lá está ele, na melhor Universidade do Universo.

E agradecia a Deus sem parar.

O prédio da Universidade é enorme, com a fachada toda em um tipo de azulejo brilhante, com cores do arco-íris em tons bem claros, com grandes janelas que possibilitam uma visão nítida e bem ampliada. O prédio tem seis andares e várias salas de aulas, de vídeo, laboratório, farmácia, e com um pátio de belos jardins, enfim, tudo o que uma faculdade precisa.

Os jardins chamaram-me a atenção, pois possuem vários chafarizes de água cristalina, o barulho da água caindo propicia um clima especial de enorme paz ao local, a grama é bem cortada e de uma cor verde-bandeira, com flores de todos os tamanhos, cores e perfumes.

Quando passeio pelos jardins, o aroma que sinto é inebriante, fico leve como pluma, sento nos bancos e fico meditando, sentindo o amor pela vida encher meu espírito. Quando falo “pela vida” é realmente pela vida, pois estou mais vivo do que nunca a cada dia que passa.

Os alunos são uns anjos, não “anjos” na forma literal, mas anjos mesmo, pessoas que querem servir a Deus cada vez mais, a Jesus, nosso pai, servir aos irmãos, e — com isso — crescer para a vida, onde só haja amor e bondade.

Não temos uniformes, mas quase todos por aqui preferem roupas brancas, pois são mais leves e clareiam nossa mente, dando-nos fluidez e equilíbrio.

No meu primeiro dia de aula, me apresentei a meus colegas de turma e para a professora; era aula de Perdão. Isso mesmo, a matéria era “Perdão”. Matéria de extrema importância para os desencarnados — e encarnados igualmente.

Comecei minha apresentação:

— Chamo-me Miguel Luiz, mas todos costumam chamar-me simplesmente de Miguel. Vivi na Terra, nesta última encarnação, apenas vinte anos e nove meses. Nasci em 19 de dezembro de 1979, em Recife, Pernambuco. Desencarnei em 21 de setembro de 2000, em São Paulo, capital.

Em Recife vivi no bairro de Piedade, e, em São Paulo, no interior de São Bernardo do Campo, em um sítio que eu amo muito, um lugar muito lindo, com muitas árvores, em um condomínio onde tenho grandes amigos. Falo “tenho” porque não é por ter desencarnado que eles deixaram de ser meus amigos. A amizade é mais que matéria, que tem fim; a amizade é infinita.

Fui filho de pais separados (ainda bem, pois com brigas ninguém consegue ser feliz); depois da separação de meus pais nossa situação ficou melhor, pois em minha casa vivíamos em paz.

Vivi com minha mãe e meu irmão, cresci feliz e com muito amor e amizade. A convivência com minha mãe e com meu irmão me deu muitos

prazeres. Tínhamos dificuldades financeiras, mas nunca deixamos o bom humor de lado.

Aproveitei para crescer em espírito, pois meu espírito era muito apegado à matéria, e nesta encarnação — através das dificuldades financeiras — consegui avaliar o devido valor a ser dado para o que fosse material.

Comecei a trabalhar cedo, com 15 anos eu entregava folhetos nas ruas, diariamente eu me esmerava em superar a mim mesmo, tendo a meta de aumentar a entrega dos folhetos. Por exemplo, se num dia eu entregasse 600 folhetos, eu me comprometia a entregar 650 no dia seguinte. E várias vezes consegui superar a mim mesmo.

Meu primeiro patrão foi o tio Milam, um vizinho do lugar onde eu morava na Terra; fiquei aproximadamente dois anos com ele, depois fui trabalhar com outro vizinho, o Carlinhos; com ele também fiquei uns dois anos, desta vez eu trabalhei num escritório. Fiz o Carlinhos perder a paciência muitas vezes, não por incompetência no trabalho, mas por causa de minhas roupas, pois eu só gostava de andar de bermuda e boné, e também pelas músicas que eu gostava, conhecidas como “som pesado”. Eu trabalhava sozinho numa sala, operando um computador, e gostava de colocar o som no último volume. E, sendo uma empresa, o ideal era que eu trabalhasse usando trajes sociais; por isso tenho certeza de que fui um excelente funcionário, caso contrário ele teria me demitido.

Eu mesmo acabei pedindo demissão a fim de realizar um sonho.

Um ano antes de vir para cá, acho que Deus me deu uma força, pois fui trabalhar numa loja para surfistas — que amei, pois sou 100% bodyboarding. Para quem não sabe o que é bodyboarding: é uma modalidade onde se pega onda deitado, numa prancha menor que a do surf. É o antigo “jacaré”.

Tive muito prazer trabalhando naquela loja, e ganhava muito bem. No início não, mas, depois, comecei a me liberar mais e passei a ajudar nas despesas de casa com prazer e orgulho por ser capaz de fazê-lo.

O meu lazer preferido era acampar na praia para pegar onda. A praia preferida era a de Trindade, no Rio de Janeiro, o local mais entusiasmador que conheci na Terra.

Na tarde do dia em que desencarnei conversei com minha mãe e, agora, pensando na conversa, percebo que foi uma conversa final.

Orgulhoso pelo ato, eu lhe disse:

— Mãe, depusitei mil reais em sua conta.

Esse valor, recebi por ter sido demitido da loja onde trabalhara.

Ela respondeu:

— Mi, seu carma acabou.

Eu respondi:

— Graças a você, mamãe.

E dei um beijo nela.

Cresci em desapego durante o tempo que passei na Terra. Há ainda vários pontos em que preciso melhorar, mas agradeço a Deus por já ter conseguido crescer neste sentido.

Acabei minha apresentação, todos os alunos (uns dez, contando comigo) disseram seus nomes, apresentando-se rapidamente, e me abraçaram. O Zé Carlos foi um deles, também nascido em Recife e desencarnado em São Paulo há dez anos.

A Dona Fátima fez um intervalo de meia hora, deixando-nos esse momento, pois após as apresentações sempre fazem comentários.

Após isso, ela retornou à sala e voltou ao assunto da aula, “O Perdão”.

Ela começou falando dos benefícios e importância fundamentais do perdão, o quanto ele limpa o espírito, funcionando como material de limpeza de uma casa terrena. A analogia usada foi que se você estiver com a louça suja de gordura, o simples uso da água não resolverá o problema, sendo necessário sabão. O perdão é o sabão da alma; para que nosso espírito, ou melhor, para que nossa consciência fique limpa é necessário usar o perdão; se não for assim, não estamos limpos de forma alguma, e com o espírito sujo ficamos à mercê do desespero ao invés de na paz, de forma que entramos na faixa vibratória do mal, ou negativa.

“Um coração rancoroso é como uma casa muito suja, e ninguém gosta de morar em casa suja.

“Para ficarmos limpos e de coração puro, sem o perdão, nada feito; encarnados ou desencarnados, não importa, temos que perdoar sempre; digo

‘temos,’ meus alunos, porque temos que perdoar o tempo todo, toda hora praticamente precisamos usar o perdão; perdoar a si mesmo, se acordar de mau humor; perdoar sua mãe, seus pais e seus irmãos pelas mínimas coisas; perdoar, principalmente, a Deus, pois pensamos que Deus não gosta da gente só porque nossa vida não vai como desejamos, como imaginamos que seria a melhor forma, mas ela, a vida, sempre está do melhor jeito, não temos é paciência de esperar para tê-la como a queremos; se acontece algum mal hoje, espere e verá, amanhã, que foi o melhor que poderia acontecer, e o mal se transforma em bem.”

A Dona Fátima finalizou:

“Perdoar é uma questão de inteligência. O maior beneficiado é realmente quem perdoa, pois este se livra de todo o lixo que se acumula no interior de si mesmo.”

Outra matéria muitíssimo interessante é a do “Amar”.

Aprendemos aqui a amar sem perguntas. A pergunta “por quê?” não existe em nosso vocabulário, amamos por amar.

Vocês devem estar pensando “agora que o Miguel desencarnou, quer virar santo e fica mandando essas mensagens impossíveis de realizarmos”.

Não é nada disso, quando estamos na condição de desencarnados tudo fica mais fácil de ser percebido; na Terra, com a luta pela sobrevivência da matéria, não deixamos fluir o sangue, ou melhor, a energia Divina, e quando conseguirmos deixar a energia de luz fluir a Terra se transformará no paraíso tão esperado.

Voltamos à aula do “Amar”:

Como devemos fazer para Amar?, pergunta Dona Fátima, com uma voz tão doce que parece uma melodia.

“A grande magia para fazer funcionar o Amar em nossas vidas é real e simplesmente amar, mais nada, ou seja, sem pôr condições do tipo ‘Eu amo Leonardo, sendo assim ele tem que ficar junto de mim’, sendo que o melhor para Leonardo é desencarnar, cuidar da sua evolução Espiritual.

“Ao amarmos nossos supostos inimigos, eles deixam de ser nossos inimigos. É como mudar a faixa do rádio, mudar de sintonia, passar de AM para FM, ou seja, da dor para a luz.”

Ela falou para mim:

“Miguel, ame seu assassino e ele se arrependerá do que fez, se fez tinha seus motivos; certo ou errado, quem tem o direito de julgá-lo é Deus e mais ninguém.”

Eu nunca, em momento algum, tive ódio em meu coração com relação a essa pessoa, tudo que Deus permite que aconteça é para o nosso crescimento e está certo, “Não cai um fio de cabelo da nossa cabeça sem a permissão de Deus”.

Estou com Deus e não abro mão desta condição de Fé.

Sou um “desencarnado desencanado”, graças a Deus!

Deus é tão maravilhoso que já consigo enxergar vários benefícios que meu desencarne trouxe; e além dos que vejo, há muitos outros benefícios que eu ainda nem consegui enxergar.

Vejamos alguns dos benefícios de meu desencarne que já consegui perceber:

— Muitas mães — vendo o exemplo de minha mãe (encho a boca para falar “minha mãe”) — ficam e ficarão bem, diminuindo os sofrimentos dos filhos aqui do Além.

— Minha mãe tem um Anjo no céu para zelar por ela.

— Não sofro nenhuma agressão aqui, pois estamos livres deste tipo de coisa; na Terra não é bem assim e, quando não escolhidas pelo próprio Espírito a título de aprendizado e crescimento pessoal, podem ser usadas para tanto.

— As diversões aqui são mil vezes melhores que as da Terra.

— Estudo em uma das melhores Universidades do Cosmo sem precisar de dinheiro.

— Moro bem, me visto bem e, quando preciso, como bem.

Estas e muitas outras, um número sem fim de ótimas coisas que todos nós temos na vida no Além.

A cada dia que passa eu vejo aumentar a necessidade de aproveitar melhor a vida na Terra quando estamos encarnados, pois esta é a maior chance que Deus dá aos Espíritos, chance de crescer, de evoluir. A questão é que, quando encarnados, nos deixamos guiar pelo mar das ilusões e a maior delas é que pensamos que tudo é para sempre, e por isso não aproveitamos o momento, o instante presente. Se o fizéssemos, como se fosse o último

minuto na Terra, que bem pode ser — pois não sabemos a hora em que voltaremos para o Além — apreciaríamos melhor a viagem. Se olharmos ao redor, veremos como a vida é uma passagem, chegamos e nos vamos, e a própria vida na Terra pode nos mostrar como tudo é passageiro, já que pulamos de situação em situação de maneira a podermos sentir que realmente tudo é inconstante.

Nascemos, crescemos — em termos físicos — e nos envolvemos com as “paradas” da vida levando as ondas dos acontecimentos para o lado pessoal e negativo. Se alguém nos faz algo, por exemplo, ao invés de perdoarmos, lembrando que somos todos irmãos, que todos estamos na mesma situação, preferimos carregar conosco os sentimentos que vêm da mágoa, da frustração... transformamos uma emoção de momento em algo que vai delineando nossa vida e nos enroscando em mais “situações nada a ver”.

Na Terra eu já pensava nisso, mas atualmente eu penso ainda mais, que ficarmos do nosso lado é fundamental, acreditar que, se fizermos o que gostamos, vamos conseguir sobreviver. Como um bom surfe, pode ser difícil, mesmo porque quando estamos envolvidos numa situação só vemos a parte física, todo o mar das ilusões em que escolhemos viver. Mas não é impossível. É uma onda que se tira de boa. E se nos lembrarmos disso, tudo fica mais “azul”.

É, viver é uma delícia. É como dominar uma prancha. No início a gente engole água, mas, depois, quando pega o jeito, nada nos detém.

Rapaziada, creiam, Jesus está do nosso lado, não vamos ter pena de nós mesmos, vamos ter amor e acreditar que podemos. Basta seguir o caminho do bem sem prejudicar ninguém. Nem a nós mesmos, pois a vida é parada que só dá certo e nossos sonhos sempre se realizam.

Aproveitem ainda o tempo na Terra para se ligar na vida Espiritual com a qual todos vão se deparar. A vida de desencarnado é fantástica, mas para quem fica lúcido e consciente. Quem não fica, perde tempo e não vive no paraíso, que é para todos, sem exceção. É só uma questão de tempo, de humildade. Desse modo todos chegarão até aqui mais facilmente.



Salvamento no umbral

O salvamento no Umbral é a parte prática das aulas da Universidade. Nos dias de treinamento saímos para colocar em prática o que aprendemos. O objetivo de nosso grupo — que é formado pelos jovens da Universidade e por alguns adultos que são nossos orientadores — é resgatar jovens desencarnados na área referente à cidade de São Paulo, SP.

Somos orientados a não abordar ninguém; se eles quiserem, eles que nos abordem, a partir do próprio livre-arbítrio, que faz com que a própria pessoa, ou espírito, no caso, faça sua escolha, sendo o que quer ser.

Geralmente, no Umbral os Espíritos vivem em bandos, uns escravizando os outros, em grandes algazarras; há também os que vivem sozinhos, sempre apavorados, pois pensam que ainda estão na Terra.

Normalmente vamos para o Umbral mediano, onde ficam aqueles Espíritos que acabaram de desencarnar, que foram delinquentes quando encarnados, isto é, não conseguiram realizar o objetivo da encarnação, que é a evolução do Espírito. De qualquer forma, evoluíram, pois não há como não evoluirmos, mas não da maneira como pretendiam, pois se deixaram enredar pelas ilusões do mundo físico.

Nosso papel é resgatá-los quando assim eles o desejarem, e fazer com que tomem consciência de que a missão na Terra não foi cumprida, mas que eles podem esperar por nova encarnação, onde temos novas oportunidades para a evolução do Espírito.

No Umbral andamos cantando, e permitimos que todos nos vejam, pois sem nossa permissão eles não nos veem, tampouco se achegam a nós caso a intenção seja nos fazer mal.

A parada é da hora, de surpreender qualquer um no plano físico, muito embora na Terra também não seja diferente, pois a autoridade espiritual de

alguém normalmente é o que a protege de qualquer ataque. Aqui no Além, no entanto, isso é muito mais visível, pois, desvencilhados das tentações da ilusão terrena, trabalhamos muito em prol da evolução uns dos outros, e essa situação fica muito mais perceptível.

No Umbral é sempre noite, vamos para lá em um tipo de ônibus a que chamam também de Amparador de Espíritos, no qual o Espírito, após ser convertido a Deus — cansados de ficarem no mal — dorme com os passes que damos. E nesses ônibus especiais, eles ficam confortáveis até chegarem ao pronto-socorro. Geralmente estão em estado lastimável, sujos, barbados, unhas enormes, roupas sujas e rasgadas, e com muita fome.

No pronto-socorro passam por uma transformação radical; se alimentam, descansam, e aí sim tomam a decisão de irem, ou não, para uma colônia de regeneração apropriada para esses Espíritos.

Geralmente, de dez Espíritos, só dois querem voltar para o Umbral.

Os que voltam, o fazem porque estão ainda muito apegados às suas ilusões, às suas emoções, sem noção de que estão no Além, envolvidos por sentimentos negativos; os motivos são muitos, e pessoais.

Em uma de minhas idas ao Umbral, avistamos uma mulher que por lá vagava já há anos. Sua aparência era de dar pena, uma parte de seus cabelos era grudada em um lado da cabeça, por uma espécie de sebo, tanta era a sujeira. A outra parte, espetada, em pé. Sua roupa era um farrapo de estopa velha e suja.

Em frente a nosso grupo, ela gritou:

— Não aguento mais ficar aqui! O que posso fazer para ir com você?

Charlie, um de nossos irmãos de equipe, respondeu:

— Se a senhora realmente estiver arrependida de tudo o que tem feito consigo para ficar longe das leis divinas, venha conosco e seja feliz.

Ela respondeu:

— Vou, mas e meus filhos? Ficam? Quem cuidará deles?

Charlie disse:

— Não tem quem cuida de quem, aqui é Deus que cuida de todos e cada um de si.

— Como assim?

— Seus filhos foram seus filhos quando todos estavam encarnados na Terra, oportunidade dada por Deus para todos os Espíritos evoluírem;

aqui, no Mundo Espiritual, continuamos juntos com a nossa família quando possível; quando todos alcançarem a mesma evolução espiritual, mas sem a responsabilidade que a senhora tinha por eles na Terra, todos voltam a ficar juntos. Lá, os pais têm grande responsabilidade para com seus filhos, aqui não, aqui cada um tem responsabilidade por si mesmo.

Ela ficou parada, como quem pensa por muito tempo. Como se tivesse compreendido algo pequeno que lhe faltasse, seus olhos faiscaram breve e tenuemente, e então falou:

— Eu quero começar a saber o que é o amor que muita gente fala, nunca me dei essa oportunidade, e vou me dar agora.

Reunimo-nos à sua volta, dando-lhe passes. Ela adormeceu e a colocamos no Amparador, nós a levamos para o pronto-socorro do Umbral para que ela passasse por uma análise geral a fim de verificarem o que mais ela precisaria aprender, tipo a amar e a perdoar, a acabar com o egoísmo, e a curar-se de doenças que tinha quando ainda encarnada e que ainda mantinha por pensar-se doente.

Em sua última encarnação, seu nome era Ruth. Nós a resgatamos em 21 de março de 2001 — data terrena. E agora — ainda data terrena — é 16 de Abril de 2001. E ela continua no hospital ao lado de uma casa de repouso para adaptação completa do Espírito no bem. Através do serviço realizado nesse hospital, ela aprenderá a limpar todas as ilusões da encarnação passada, já que ela desencarnou há vinte anos e bem pouco aprendeu — que lhe pudesse trazer resultados positivos de maneira direta — de lá até aqui. Gastou todo esse tempo na implicância, na birra com tudo e todos, nas picuinhas que a nada levam, exceto ao sofrimento e endurecimento de si mesmo.

Todas as semanas em que vou visitar D. Ruth saio de lá com o coração em festa, saltitante de alegria, pois é muito bom acompanhar a transformação de um Espírito sofredor para um Espírito de luz.

Algumas celebrações...

Ontem foi a Páscoa, aqui se comemora algumas datas no mesmo dia em que na Terra. Por isso algumas datas, principalmente as que estão relacionadas a forte conteúdo espiritual, possuem o que na Terra — e isso eu aprendi bem depois, na Terra eu nem estava ligado a estas coisas que considero mais profundas — são chamadas de Egregoras.

O fato é que quando na Terra as pessoas estão envolvidas em atividades relacionadas ao Espiritual, também aqui no Além estamos. E esse fato faz com que haja uma energia muito grande em função desse elo que acabamos estabelecendo.

O sentido da Páscoa aqui no céu é de mais amor, um amor imenso, infinito mesmo. Uma coisa, que por mais que eu queira, sei que não consigo expressar em palavras. Com gírias eu até sou bom, mas com palavras que expressem as coisas usando a gramática normativa terrena, já é mais complicado. No entanto, eu sei que isso — pelo menos aqui — não é o mais importante. O mais importante está no coração da gente, na pureza de sentimentos e intenção. É com isso que fazemos melhor trabalho. É o que me salva, em relação a palavra e sentimentos, pois tenho mais jeito com o fazer do que propriamente com o falar.

Na Colônia de crianças que fomos visitar, a Festa de Páscoa estava grande, elas cantavam e dançavam. Era um espetáculo, pura beleza, alegria por todos os lados.

O pátio principal da Colônia estava todo enfeitado com balões azuis, rosa e laranja, são balões diferentes dos da Terra, são brilhantes e de todos os tamanhos, fazem círculo no ar e ficam enfeitando o céu.

Os grupos de crianças recitavam lindos versos, sempre sobre Jesus, foi uma das coisas mais lindas que já vi aqui nestes quase sete meses que estou de volta ao mundo dos Espíritos.

É complicado dizer que a pessoa que desencarna criança, aqui continua criança; aqui o que vale mesmo é a idade do Espírito, tem criança que desencarna, mas aqui ela é jovem ou adulto; e tem adulto que, quando desencarna, ainda é criança aqui; cada caso é um caso e não posso entrar em detalhes, pois não tenho permissão e tudo o que minha mãe está escrevendo é canalização autorizada. Não posso passar a ela coisas das quais não posso falar ou até coisas que ela mesma não conseguiria colocar no papel. Posso dizer apenas, e espero que isso possa, de certo modo, servir de consolo, que o mundo espiritual é tão e mais complexo do que o terreno. E constatar tudo isso me faz pensar em quão maravilhosa é a vida, tão cheia de minudências que não avaliamos, nem valorizamos, na lide diária na Terra. Aqui não temos como não sermos tocados pelo sagrado da vida. E mesmo compreendendo que — quando na Terra — estamos como que privados da percepção de quão maravilhosa a vida é, não posso deixar de perceber que se quisermos, sim, temos nossos momentos de possibilidades. Nesses momentos, podemos, sim, nos certificar de que a vida é maravilhosa e crescermos com essa verdade.

Mesmo diante da morte de um ente querido, de um filho especificamente, é possível amadurecer e compreender a maravilha da vida. E esses momentos — quando aproveitados para isso — pode fazer a mãe, ou o pai, ou quem quer que seja responsável pela guarda de um ente querido, crescer muito mais como Espírito do que perturbar-se com o sofrimento sem sentido.

E não é que cada um não vá passar por seu quinhão ou que eu esteja sendo bonzinho agora. Não é isso. Eu apenas gostaria de falar para vocês que o caminho da alma é muito mais amplo e que existem alguns acordos que são feitos aqui, antes mesmo de a alma ir para seu corpo físico, a fim de que ela — diante desses acontecimentos previamente acordados — tenha esses momentos de dor. Pois através desses momentos é que ela poderá despertar para situações, pensamentos e emoções que a farão amadurecer.

Sei que quando estamos na Terra temos dificuldades de aceitar a veracidade do que estou tentando comunicar agora, através de minha mãe, mas

se isso ocorre é porque permanecemos valorizando, o tempo todo, apenas nossos conceitos. E nossos conceitos terrenos apenas privilegiam a negação da possibilidade de aceitarmos o que nos ocorre sem sofrermos. É como se — nos apegando ao sofrimento desmedido — não fôssemos nos perder de nós mesmos ou como se, ao sofrermos por algum ente amado, o amássemos mais ou demonstrássemos melhor, desse jeito, o nosso amor.

E na verdade, nosso amor é mais bem demonstrado quando aceitamos que Deus é o arquiteto de todas as coisas e sabemos bem menos do que Ele. Conceitos como humildade, aceitação, fé e equilíbrio é o que estão envolvidos — como oportunidade de aprendizados — quando aceitamos o desafio de ver que um ente amado se foi da Terra. Pois para que serve o amor em sua essência senão para nos carregar para a evolução do Espírito? Essa é uma das coisas que descobri... que quanto mais amamos, de maneira equilibrada, mais evoluímos. E que, por isso, o amor é a coisa mais importante que existe.

Às mães que tiveram filhos que desencarnaram quando eles ainda eram crianças no corpo físico: seus filhos estão realmente na casa do Pai, não poderiam estar melhores, são — em sua maioria — Espíritos de grande luz, que desencarnaram por determinações superiores, tinham uma missão a cumprir na Terra, e muitas vezes essas missões tinham — através do que na Terra chamamos de morte — a ver com proporcionar um despertar de vocês para o próprio plano espiritual.

Esses Espíritos não discutem — pois são tão iluminados que, de uma sabedoria que ultrapassa o entendimento humano, sabem o que há por trás de todo o drama terreno que é representado. Por isso, eles apenas obedecem, e cumpriram seus papéis na Terra.

Mães, pais, parentes e amigos, enviem apenas pensamentos de amor para as crianças desencarnadas. Aqui elas estão protegidas, felizes, brincam, estudam, amam e evoluem.

Com o passar do tempo, cada Espírito recupera a idade que realmente possuem e passam a viver em colônias apropriadas para cada idade, gosto, preferência. Ou melhor, a colônia perfeita para cada Espírito, naquele momento, pois estamos sempre em constante evolução. Isso significa que conforme vão evoluindo, vão sendo acolhidos para a colônia pertinente à

evolução de cada um, gradualmente. E isso acontece numa base constante, já que constantemente estamos — todos — evoluindo.

Aqui, todas as crianças, jovens ou adultos, ficam na torcida para que nossos familiares que ficaram na Terra se conformem e aceitem o que chamamos de vontade de Deus, ou desígnios divinos.

Se eles se conformam, todos ganhamos, e muito.

Primeiro, ganhamos amor, ficamos em paz para nos desenvolvermos e curtirmos nossa vida de desencarnados. Não precisamos ter trabalho extra nos preocupando com os que ficaram, tentando lhes ajudar a diminuir a tristeza.

Quando eles, os que ficaram, desencarnam, nosso reencontro é imediato, somos nós que vamos ajudar a saída do Espírito do corpo material, pois esse trabalho é destinado aos que mantêm laços de amor entre si.

Eu já sei que vou participar do desligamento do Espírito, quando minha mãe, ou melhor, quando o corpo material que ela veste nesta encarnação, estiver pronta para seu desencarne. Eu vou ajudar o Espírito dela a deixar o corpo. E não sei quando será, o que importa é que, com certeza, esse dia chegará. E aí a festa do reencontro será perfeita. E não participarei apenas do desencarne dela, mas também do de meu irmão. E mostrarei a eles como as coisas são aqui, levando-lhes aos belos lugares que aqui existem, e lhes apresentarei meus amigos, e eles se lembrarão gradualmente de outros Espíritos dos quais não se lembram, com quem interagiram em outras vidas antes destas. E avaliarão o quanto já evoluíram, podendo planejar seus dias futuros.

Sabem, amigos, escrever um livro é tão fascinante! E eu que nunca pensei que um dia fosse escrever um!

Mas as informações aqui do Além precisam chegar até vocês, é como um alerta de “ACORDEM!” para o seu Espírito que está dentro de sua roupa de carne, você realmente é Espírito, pois este dura para sempre, a roupa de carne volta ao pó.



As noites aqui são lindas, são escuras e claras ao mesmo tempo, por mais incrível que isso possa parecer para quem me lê. Até minha mãe tem dificuldades de entender o que significam noites escuras e claras ao mesmo tempo, mas é a única maneira que consigo definir a natureza das noites aqui onde estou. O céu, todo estrelado; as estrelas brilham como diamantes.

Moro num conglomerado de unidades, um prédio — como chamamos na Terra. O meu apartamento é bastante confortável, com cama (que quase nunca uso), computador (é uma máquina parecida com um computador da Terra, mas através dela nos comunicamos pelo pensamento, sem usar um teclado propriamente), há um tipo de televisão onde posso ver tudo, até o que está acontecendo com os meus na Terra, há também uma mesinha com fotos de minha família e de meus amigos — tenho muitas fotos. Também tenho muitas plantas, flores, a varanda de meu apartamento está virando uma pequena floresta. Tenho uma poltrona superconfortável, onde passo quase todo o tempo livre, quando estou em casa, pois gosto de viver dando um “rolezinho” para não perder o costume!

Eu estava na porta do prédio onde moro, num bate-papo com o Mike, o Charlie, a Lucila, a Andréa e o Ricardo.

Conversávamos sobre a vida no estado de corpo material e no estado não físico, ou seja, com o Espírito apenas.

O Mike disse:

— Nossa, como é bom viver, não importa como, com ou sem matéria, tanto faz. Se quando eu estivesse encarnado eu soubesse como funciona nossa mente, pois é ela quem controla nossa vida, a minha vida teria sido

bem diferente. Se eu soubesse como dominá-la, meus pensamentos teriam sido outros, e minha vida teria sido um paraíso.

Vamos à Terra com o objetivo da evolução, mas na hora em que estamos lá, esquecemos o objetivo e tudo fica nublado. Não podemos desperdiçar a oportunidade de uma encarnação, que é uma benção. Deus quer que crescamos, mas ainda não temos isso em nossas mentes. Um dia, com certeza, tudo mudará.

E o Charlie disse:

— Mas os encarnados de hoje têm muitas chances, muitos livros que esclarecem muitas coisas, existem muitos centros espíritas que as pessoas podem frequentar, até os padres de hoje em dia falam da vida pós-morte. No nosso tempo era bem mais difícil.

Charlie e Mike desencarnaram há quinze e vinte anos..

Andréa falou:

— Até hoje, minha mãe, após quinze anos de minha partida, não se conforma com meu desencarne. No começo isso me fez sofrer muito, se os pais soubessem o quanto nos estorvam com o inconformismo parariam com esse sofrimento demasiado.

Acabamos sofrendo com a evolução deles, pois eles demoram nesse sofrimento que, ao invés de servir como evolução, serve como uma situação que nos atam a todos na nossa própria evolução.

Saudade é algo saudável, natural até. Lágrimas que escorrem dos olhos, como rio correndo para o mar, também é saudável, afinal é natural. Mas sofrimento demasiado, revoltado, inconformado, não pode. Demonstra falta de fé em Deus, retardando o nosso reencontro. Quando eles desencarnarem demorará o triplo do tempo para esse reencontro se compararmos com os pais que se conformam com os acontecimentos, aproveitando-os como forma de evolução pessoal. Minha mãe até pode continuar inconformada, é problema dela. Já não quero mais ter nada com isso, não quero sofrer, confio plenamente em Deus. E na confiança não há lugar para sofrimentos.

— São poucos os jovens desencarnados que tomam esta decisão — Lucila falou. A decisão de ser feliz independentemente dos familiares, o mais comum é o sofrimento, aqui e na Terra, pela forte ligação de amor que os seres humanos nutrem uns pelos outros. Acabamos percebendo que nossos

familiares — ao sofrerem por nós — também acabam fazendo com que a gente fique entre a cruz e a espada, pois o ideal seria que seguíssemos nosso caminho, não sofrendo por eles e nem eles por nós. Ficamos atados uns aos outros, não mais pelo amor, mas pelos laços do sofrimento. Sofremos porque eles sofrem. E aí temos que tomar a difícil decisão de parar de sofrer também, mesmo que eles não queiram decidir-se pelo não sofrimento. Quando fazemos isso, eles ficam sofrendo sozinhos, pois já conseguimos nos elevar a despeito do sofrimento deles. Mas não é uma decisão fácil de ser tomada. Nesse momento conseguimos compreendê-los. No entanto, assim como acabamos por fazer isso, temos que ajudá-los a fazer isso também. E como, se não temos como fazer isso de maneira direta?

Andréa continuou:

— Esse trabalho que você está fazendo com a ajuda de sua mãe, Miguel, é extremamente valoroso por causa disso. Ele nos conscientiza e conscientiza também os parentes de encarnados que desencarnaram. Sua mãe é um exemplo para todos no que tange a saber vivenciar com respeito e dignidade a ausência física de um filho. Entendo porque ela foi escolhida para apresentar esse assunto aos nossos irmãos na Terra. Você é nosso brother, mano! Parabéns!

Eu ouvia meus amigos conversarem e pensava no fato de eles já estarem desencarnados há muito tempo, se considerarmos a cronologia da Terra. Estou desencarnado há uns sete meses e fico espantado com a resistência dos pais em não colaborarem com a evolução de seus filhos aqui no Além. Também percebo que é difícil para eles, assim como é difícil para alguns aqui do Além. E tudo isso se dá num nível muito inconsciente. Mas ainda assim continua sendo de responsabilidade de quem vive sofrendo — seja aqui no Além ou no plano terreno —, pois optou pelo sofrimento ao invés de optar por permitir que a vida aconteça e torne mais fácil o desapego pela dor.

Aqui, acabamos por nos conformar, já que entendemos o propósito do drama no amadurecimento da alma. E não é que isso é mais fácil aqui, afinal também estamos desprovidos do contato físico com os que amamos. Mas acabamos por usar as ferramentas da compreensão de que a morte não existe realmente. Na Terra, nossos entes amados também podem usar

dessas ferramentas, e o fato de escrevermos, mandarmos mensagens através dos centros espíritas, que são as unidades físicas que nos acolhem, por estarem aptos a lidarem com a verdade de que a alma é eterna, é também uma ferramenta. E não é cabível que nossos entes amados se foquem na questão de que não é possível provar, pois se na Terra aceitam as provas terrenas, e muitas delas não passam no crivo do ver-tocar, também estão aptos a aceitarem as únicas provas com as quais conseguimos trabalhar, que é a comunicação através dos médiuns que servem como nossos mensageiros da verdade.

Percebemos que parar de sofrer é uma decisão que está relacionada com a aceitação de situações que não podem ser provadas pelos métodos que a Terra escolheu para guiar sua própria evolução. E aceitamos, pois estamos em outro ambiente, o Além. E enviamos nossas mensagens, para dizer que o Além realmente existe, e que existe a possibilidade de nos comunicarmos, e que é possível contar com o bom senso da averiguação da idoneidade da mensagem e do mensageiro que a traz. E que, portanto, trata-se de ultrapassar o apego à dor e abrir-se para a vida e para o crescimento espiritual que ocorre quando percebemos que existem outras verdades além das terrenas e que, portanto, não se sabe tudo quando se está na terra. E, assim, para aprender mais, é necessário mudar a postura pessoal de maneira a acolher as possibilidades de uma vida eterna da alma.

Todos virão para cá um dia, então, para mim, esse sofrimento está mais para egoísmo do que para amor, pois fica parecendo que a pessoa está sofrendo porque queria que o ente amado dela ficasse atado a ela no plano físico, sem respeitar que cada um tem um caminho, que não é porque alguém é filho, ou tem algum outro nível de parentesco, que a pessoa que desencarnou não tem o direito de seguir sua própria trajetória.

Ao chegarmos aqui não somos nem consolados no sentido de continuarmos sofrendo pelos que deixamos na Terra. Ao ficarem na Terra, nossos pais, parentes e amigos também não deveriam ser consolados no sentido de continuar alimentando uma dor que só faz com que o aprendizado se torne mais longo, mais demorado.

Aqui, não sofremos, ficamos de boa. E pensamos que é até aceitável, por parte de nossos pais, que eles sofram inicialmente após nosso desencarne,

pois consideramos o choque de um acontecimento fora da rotina de uma vida conhecida. A insistência no sofrimento, no entanto, é o que mais nos faz sofrer a todos, e não é de nenhuma valia positiva quando se corre o risco de querer perpetuar uma situação que já deu tudo o que tinha que dar para o crescimento pessoal.

E a solução para isso tem que ser o apego a Deus, não a quem se foi.

Deus é tudo; Deus é paz; Deus é amor; Deus é vida; Deus é sabedoria; Deus é alegria.

Deus é o TODO, o TUDO.

E nosso amor por ele deve ser de contentamento, não de sofrimento.

Aceitar a vontade de Deus é questão de inteligência, pois não tem outro jeito. Se você ficar contra isso só colherá amarguras, dificultando o próprio caminho. E, um dia, você terá que aceitar, afinal, a vontade de Deus, mesmo que se passem mil anos. E aí você verá o quanto sofreu à toa.

Se aceitar a vontade de Deus, você receberá imediatamente todas as bênçãos, Ele colocará sobre você o manto de proteção dEle.

Sabe como podemos aceitar a vontade de Deus?

Controlando os pensamentos e sentimentos, vinte e quatro horas por dia, até dormindo. Pode parecer brincadeira, mas não é.

E como se controla os pensamentos e sentimentos? Procurando se ater ao que é bom.

Ao invés de sofrer por alguém que desencarnou, por exemplo, pensando na falta, o melhor pode ser pensar na alegria de ter tido a pessoa consigo, nas coisas legais que a pessoa fez, que ela gostava. E agradecer por tudo isso.

Para os pais que ainda possuem seus filhos consigo: nunca esqueçam de valorizar cada momento, de dizer a eles que os ama, pois, se algum dia acontecer de eles terem que desencarnar, não se sofrerá por isso.

E para os pais que agora possuem filhos que desencarnaram, o melhor a fazer é conversar com o filho, pois nós escutamos. Mas não fique fazendo isso o tempo todo, pois temos que seguir nosso caminho visando nossa própria evolução também. E vocês também têm que fazer isso.

Então, é como quando estamos vivos. Você conversa uma vez, resolve o assunto e pronto. Não fica “chovendo no molhado” por muito tempo.

Podemos dizer que no domingo estamos de “folga”. E esse termo é bem relativo, pois ao aparecer algo importante para fazer, largamos o nosso lazer na mesma hora e vamos trabalhar, pois aqui se trabalha muito mais do que na Terra se formos comparar. Nosso trabalho principal envolve o contentamento de ajudar alguém que está precisando da ajuda de Deus, de Jesus. Pois atender a quem precisa da ajuda de Deus é colaborar com a evolução de todos nós.

E aqui todos os dias são lindos, inclusive todos os domingos.

Todos da Colônia amanheceram em festa, pois sabíamos que os que tinham chegado ontem estavam ótimos, vinham de outra Colônia e foram promovidos para estudarem na Universidade do Amor.

Então era o dia de esperá-los e também à apresentação deles, pois, após esse acontecimento, temos o costume de fazer festas.

Nossas festas têm musica, poesias, lanches leves e muito bate-papo.

Estávamos na praça principal da Colônia, numa temperatura como se fosse a da primavera da Terra, de brisa suave.

Ouvimos um grito de dor. Era de uma jovem que acabara de chegar à Colônia. Chorava inconsolada com a separação dos pais. O mentor me mostrou, numa máquina similar à televisão da Terra, que todas as vezes em que os familiares aumentavam o choro, ela, aqui, também aumentava os próprios lamentos.

É incrível, concluí eu, como estamos ligados aos nossos pelos sentimentos.

Ela se chama Patrícia, é uma jovem linda, uma super gata, que desencarnou como eu, assassinada. Mas nem ela nem os familiares se conformavam.

Como Patrícia é um Espírito que, em outras vidas aqui no mundo Espiritual, viveu comigo e com outros amigos, resolveram trazê-la para a Colônia para nós a acompanharmos de perto, pois nessa última encarnação ela caiu em muitas ilusões por ter sido linda, rica e, conseqüentemente, poderosa. Tudo isso junto! É uma prova bastante forte, difícil de ser concluída com o sucesso esperado pelo Espírito.

A Pat fraquejou em alguns pontos que superará em próximas encarnações.

Quando ela começou a chorar, os mentores mais evoluídos, com mais experiência, aplicaram-lhe passes energéticos de equilíbrio. Assim, ela se acalmou gradativamente e foi colocada em uma maca e levada para a enfermaria da Colônia. Eu a segui, pois gosto muito dela. Fiquei com ela durante

algum tempo, aplicando-lhe passes energéticos, com as duas mãos em sua testa. De minhas mãos saía uma energia dourada, com um fundo colorido, como se fosse um arco-íris.

Aprendemos a aplicar esse passe energético e equilibrador com os Espíritos de Luz da Universidade do amor.

Patrícia foi relaxando até adormecer completamente. Aproveitei a oportunidade para desligá-la de sua família terrena de maneira que ela ganhasse um pouco de paz.

Permaneci com ela até tarde, quando acordou perto do escurecer, ainda um pouco desanimada. Quando abriu os olhos e me viu a seu lado, me deu um grande abraço emocionado e falou:

— Mi, eu te amo! Como é bom estar com vocês, meus irmãos, onde encontramos quem nos dê forças para superar a separação dos meus familiares, separação temporária, eu sei, mas difícil de aceitar.

Eu respondi:

— Pat, esta separação é temporária, sim, vamos nos encontrar em breve, breve pode ser cinquenta anos, e cinquenta anos passam logo. Tudo passa, o tempo não para nunca. Graças a Deus!

“Vamos Patrícia, reaja, pelo amor de Deus e de Jesus! Conte com todos nós para te ajudar, te dando forças nesta batalha consigo mesma, este seu estado de desespero é a mais pura das ilusões, ele não existe. O que existe é a paz, o equilíbrio, o amor e tantas outras coisas maravilhosas que nos dá contentamento e felicidade.

“Sabe, Patrícia, estou escrevendo um livro através da minha mãe, vamos poder ajudar muitas e muitas mães a ficarem bem, na paz, para que elas deem paz para os filhos desencarnados, de maneira que nos ajude também a ficarmos mais em paz e mais rapidamente, estando todos confiantes em Deus e na Sua vontade.”

Patrícia escutava o que eu estava falando com muita atenção.

— Pat, coragem, amiga! Confie em Deus e verá as bênçãos em grande quantidade que você irá receber, estes fatos aconteceram na Terra com você para o crescimento de todos. Deus sabe o que faz.

Já se passaram três meses terrenos desde que a Pat chegou e já está bem recuperada, está alegre e, pode-se dizer, até feliz. Voltou a fazer parte da

nossa grande família, a nossa família da Colônia São Bernardo, aqui é a nossa casa, onde estamos em crescimento para irmos para a vida eterna numa colônia que é o sonho de qualquer Espírito.

Não me sinto distante da minha família da Terra, só não existe mais a matéria que volta ao pó e o Espírito volta ao céu, onde é e sempre foi o seu lugar.

Hoje, dez meses após meu desencarne, estou vivendo tão feliz que até estranho; aqui não brigamos pela sobrevivência, ou com a falta de dinheiro para adquirir bens ou qualquer outra coisa que eu desejar. O nosso dinheiro aqui no céu é a fé que temos em Deus, a confiança que com ele tudo podemos e logo conseguimos.

Na Terra também é assim, com Deus tudo podemos, mas é mais difícil acreditar que tudo o que desejamos se realiza, pois antes mesmo de desejarmos já nos preocupamos com a fonte de onde virá a realização de nossos desejos. E isso só faz com que afastemos mais ainda a realização de nossos desejos, já que não usamos a confiança, que é a grande responsável pela chegada do que queremos.

Mesmo diante de situações supertrágicas, estando com Deus é possível sentirmos a paz e a serenidade que nos permitem alcançar todos os nossos intentos.

Cada irmão que chega aqui no Além é recebido com festividade, pois é consolado por suas dores e instruído a seguir adiante. E não é esse o melhor caminho a seguir? Podemos até nos revoltar diante de acontecimentos que não são como esperávamos, mas esses acontecimentos não servem a um propósito maior? Sim, sabemos disso quando o acontecimento já passou e as emoções amalucadas já sossegaram nos deixando ver com clareza o motivo de cada acontecimento. Então, se é assim, por que não agirmos com bom senso sem precisarmos passar pelo martírio da dor que só faz atrapalhar a todos, deixando nossa evolução mais lenta, e nos comportarmos de maneira a aproveitar todos os benefícios que situações de impacto podem nos trazer?

A cada momento que aqui passo, mais e mais penso nisso. E rezo, intimamente, para que todos possamos saber nos conduzir mais sabiamente no grande e maravilhoso processo da vida. Fazemos cada qual a nossa parte no caminhar do outro e, por isso, somos essa grande teia, como um cordão de estrelas...



Aprendizados e mestres...

Com o céu todo iluminado pelas centenas de milhares de estrelas, com brilho que ofusca a visão, estávamos sentados em uma pracinha em frente à portaria do prédio, que não possui um porteiro, afinal aqui tudo funciona através de nosso pensamento. E falar sobre a portaria do prédio é só uma forma de dizer que criamos, através do pensamento, essa moradia nesse formato.

Orlando é um de nossos superiores, um exemplo admirável de bondade, amor e dedicação. Ele chegou bastante apreensivo, dizendo que havia vários jovens que estavam bem tristes. E ninguém aqui da Colônia quer ver alguém triste.

A razão da tristeza, como sempre aqui onde estamos, são os pais na Terra, que se encontram em vibração contrária, sentindo saudades com revolta. Saudade apenas, nós também sentimos, mas quando se põe junto a revolta, inconformidades, choro sem medida, então todos os desencarnados que ainda estão em tratamento, acostumando-se com a volta ao mundo Espiritual, acabam sofrendo junto.

Nossa Colônia tem um tipo de colégio interno onde os jovens passam um determinado período a fim de se reorientarem para uma nova vida. Eu não precisei ficar nesse colégio, mudei para o meu quarto, este onde estou atualmente, dia 28 de Julho de 2001 na Terra.

Orlando levou a mim, Michael, Thomas, Richard, Andréa, Patrícia, Alexandre, Ricardo e Severino, para trabalharmos, através de passes energéticos e de equilíbrio, tanto os jovens quanto os pais que estavam na Terra.

Fui para a Terra com o Thomas, a Andréa, o Alexandre e o Ricardo. Os demais ficaram em trabalho no plano Espiritual.

Assim que chegamos à casa dos pais do jovem Arnaldo percebemos que eles estavam em estado de dar dó, todos revoltados com Deus, blasfemando intimamente. Mas eles não estavam sozinhos. Ao redor deles, uma camada de espíritos sem evolução adequada, influenciando a desunião e toda sorte de asneiras e bobagens.

Como eles não rezavam, não se ligavam a Deus. E desde que o filho partiu eram presas fáceis para espíritos vadios.

A mãe vivia de cama, sempre muito doente. E o pai não parava em nenhum emprego.

Os espíritos sem evolução não nos viram. Impedimos que eles nos vissem a fim de podermos trabalhar tranquilamente.

Começamos a dar passes na mãe, que, apesar de estar adoentada, era mais bem preparada espiritualmente, para se ligar às coisas de Deus.

Logo os passes cumpriram seus efeitos e ela sentiu-se sonolenta, diminuindo a emoção da autopiedade, entrando na faixa vibratória positiva. Aí, sim, conseguimos fazer a mesma coisa com o pai.

Ele demonstrava mais revolta pela partida do filho, e era o que mais necessitava de ajuda espiritual para voltar a viver, permitindo, desse modo, que o filho também pudesse viver em paz.

Ao estendermos as mãos sobre sua cabeça, saíram raios que pareciam querer queimar nossas mãos. Intensificamos nossa intenção emitindo mais objetivamente a nossa energia. E, então, os raios que saíam da cabeça do homem começaram a mudar de intensidade e tonalidade, como uma garoa de pequeninos pingos misturados em suas cores ouro e prata.

Observamos que o homem se acalmava e, logo, o casal estava dormindo.

Passamos alguns dias com eles, ministrando nosso tratamento energético. E eles têm melhorado através do apuro da vontade, pois se a pessoa não tiver em si o desejo — ainda que fraco — de melhorar, pouco adianta nosso trabalho, exceto pelo fato de que a pessoa se beneficia energeticamente, equilibrando-se, como se pudesse aguentar um pouco mais o sofrimento que ela mesma provoca para si. No entanto, ao ter o desejo de melhorar, tudo conspira para o bem.

Alguns poderão me dizer que todas as pessoas têm o desejo natural de melhorar. Mas não é bem assim. Uma coisa é o que se fala da boca para

fora, por hábito, sem nem pensar. E o verdadeiro desejo de melhorar é algo que vem de dentro, da consciência alerta. Por isso podemos ver pessoas que, ao dizerem que desejam melhorar, realmente melhoraram. E outras que, dizendo a mesma coisa, não demonstram a melhora que dizem desejar. Todo o processo evolutivo ocorre a partir do interior de cada um, do equilíbrio que tecemos para nós mesmos através da observância de elementos simples, mas de grande valor, que podem ser nomeados como aceitação, compreensão, fé, esperança, amor.

É necessário que os pais tomem consciência de que a morte física de um filho vem de um trabalho íntimo diário de adaptação em relação à separação, lembrando-se que haverá um dia em que eles também virão para o Além, ou seja, que um dia eles também morrerão — como se diz aí na Terra — e se reencontrarão com os que vieram para cá antes deles. Ao se pensar desse modo é muito mais fácil o retomar das atividades que dizem respeito ao mundo da Terra, pois se estão na Terra é porque ainda há o que ser aprendido, assimilado, compreendido; de maneira a ser usada — toda essa experiência pessoal — na própria evolução de quem se é. E o que somos? Espíritos. Espíritos em evolução.

Trata-se de um exercício diário de amor, resignação, confiança em Deus e humildade.

A fé em Deus é a mais importante matéria deste curso da separação dos filhos, tornando a jornada clara, fácil e leve.

E não adianta falarmos da boca para fora, como eu disse, que sofreremos por amor. Quem ama não sofre, apenas ama. Quem tem resignação, não sofre, resigna-se. Quem tem confiança em Deus, não sofre, tem confiança.

O que acontece muitas vezes é que a pessoa fica repetindo para si, e para os outros, que é uma pessoa amorosa, resignada, humilde e com fé em Deus, mas na realidade se deixa levar pelo peso da dor e acaba não sendo nada do que ela diz ser ou ter, pois se acaba numa dor sem sentido que só faz atrapalhar o próprio caminho e dos demais. E quando falo dos “demais”, não estou falando apenas daqueles que vieram para o Além e ficam adiando a própria evolução ao se preocupar com aqueles que ficaram na Terra. Os “demais” incluem também os que ainda estão na Terra, pois além de também ficarem preocupados com os que estão sofrendo por seus

filhos (e desnecessariamente, repito) ainda acabam se padronizando e se preparando para sofrer de maneira igual quando — e se — perderem algum ente querido.

Dessa forma, todos nos atamos a um círculo vicioso de atraso evolutivo espiritual.

Ao voltarmos para a Colônia, o Arnaldo já estava bem, pois passou por um tratamento intensivo através do qual recebeu passes de desligamento momentâneo dos pais. Pois é, tem pais que são tão chatos que os filhos precisam ser desligados deles para poderem ter um pouco de paz.

Acho que na Terra acaba funcionando do mesmo jeito, pois muitas vezes os pais demonstram tanto sofrimento que os amigos e parentes acabam até evitando esses pais ou oferecendo um consolo que serve mais como uma forma de demonstrar solidariedade, mas já não é mais solidariedade de fato, pois chega um momento em que toda dor precisa ser deixada de lado, já que há questões mais práticas com as quais se ocupar, não é mesmo?

Passado o tempo da dor, dependendo de sua duração, fica o trauma. E esse é pior ainda. Daí, vemos que a dor exagerada não conduz a nada de positivo. Sendo assim, por que alimentá-la de modo tão intenso?

Se consideramos que Deus é positivo, não demoraremos muito a chegar à compreensão de que ao perdemos tanto tempo precioso com algo negativo é porque, logicamente, não estamos usando nosso tempo para estar em união com Deus.

Tudo o que existe na vida nos leva a fluir para o bem, para sermos felizes! Nós é que tornamos esse processo muito vagaroso com nossos caprichos desmedidos. Comparamos a vida com um rio que corre para o mar. Sempre que um desafio se transforma em problema, esse rio demora mais para chegar aonde deve chegar, como se impedido por uma barreira, um obstáculo que não deveria estar em seu curso natural. Com os rios e a intervenção do ser humano que coloca obstáculos diante dos rios, de acordo com seus propósitos e necessidades, nada há a ser feito. Mas com o ser humano, sim.

Muitas vezes os obstáculos que impedem os rios são desenganchados pelas enchentes, que desenroscam os troncos na marra. As enchentes dos seres humanos acabam sendo outros problemas, outros troncos. E sabemos

que nada precisa ser na marra, mas o que há de ser não adianta mudar. Sempre chegaremos ao nosso destino, que é a luz. E nós mesmos é quem abrimos esse caminho no meio dos obstáculos que podem se colocar à nossa frente. Não adianta nos entregarmos à dor pensando que um dia ela passará por si só. Temos que fazer nossa parte.

Se nós soubéssemos, aí na Terra, quando ainda encarnados, como é fácil viver, tudo seria diferente. Tudo nos é ensinado pelos ensinamentos de Jesus, só que não damos atenção, dizemos que já sabemos e fazemos tudo do nosso jeito egoísta e sem fé.

Mas a vida ensina. E ela também não tem pressa, e se alguém perde algo, esse alguém somos nós mesmos por não nos entregarmos logo ao que é bem e mais adequado.

Após esses últimos acontecimentos acabamos nos recolhendo para nossos aposentos a fim de orarmos e agradecer a Deus por termos sido úteis aos nossos irmãos, com o coração aliviado por termos cumprido mais uma tarefa no processo da evolução espiritual.

As nuvens passam em cima da Terra fazendo desenhos variados. Quando estou lá, não me canso de olhá-las brincando de identificá-las com formas conhecidas. Quando encarnado, eu fazia isso com minha mãe. E continuo fazendo isso em minhas incursões à Terra, imaginando os desenhos que Deus está fazendo.

E o arco-íris então? Parece mais uma varinha de condão que Deus balança num suave movimento despejando amor para os do planeta.

Gosto de observar a mágica de todo esse sistema, as belezas, as preciosidades.

Observo a chuva que limpa o ar que os encarnados respiram, e que contribui com a fertilização do solo fornecendo alimento, fazendo com que as flores desabrochem.

Quando encarnado, eu não gostava da chuva, principalmente nos fins de semana, pois eu queria ir à praia, pegar onda. Não sabia, ou melhor, sabia de todos os benefícios da chuva, mas, em minha visão limitada de encarnado, eu só via o meu lado. As vantagens da chuva são maiores que as desvantagens. Sem água não há vida.

Este exemplo da chuva serve para que os encarnados não tirem conclusões precipitadas dos acontecimentos da vida, principalmente do desencarne de algum ente querido. Serve para não olhar só o seu lado, veja o lado do desencarnado também. Se desencarnou, com certeza chegou a sua hora; se desencarnou, teve o consentimento de Deus. E quem somos nós para discordar das ordens de Deus?

Se não fosse a chuva não teríamos vida no planeta. Se não fosse o respeito pelos ciclos da vida, nesse suposto morrer e nascer a vida não seria essa maravilha que ela é.

E aí? Não se questiona a vontade de Deus por questões de inteligência, para não sofreremos depois.

Muitos até podem achar que, agora que estamos do lado de cá, agimos como se esquecêssemos de como a vida era difícil, que estamos cobrando um comportamento que também não tínhamos quando estávamos na Terra. Mas é essa a questão. Ao desencarnarmos, fazemos uma reflexão e nos tornamos menos exigentes. Não à toa, quando encarnamos novamente, somos seres melhores do que na encarnação passada.

E nosso trabalho já começa aqui no Além, pois nos esforçamos para preparar toda uma atmosfera que possibilite nosso contato com os que estão encarnados na Terra a fim de passarmos essa mensagem da inutilidade do sofrimento.

Dessa forma, quando e se voltarmos para a Terra novamente, esse planeta estará mais evoluído, fazendo com que se torne mais fácil para nós não aprendermos o sofrimento através do vício da sociedade.

Por isso, mães e pais, quanto mais rápido vocês aprendem a vivenciar a partida temporária dos filhos que desencarnaram, mais facilitam nosso trabalho se tivermos que encarnar na Terra novamente. Pois, nesse caso, encontraremos um ambiente mais evoluído, onde poderemos desenvolver outras habilidades e acelerar nossa evolução.

Mantendo os nossos pensamentos positivos, sempre sem maldade, sem crítica, sem dúvidas em Deus —, pois a maldade e o desespero não existem, são ilusões do ego humano — conseguiremos viver conforme os planos originais de Deus e realizarmos maravilhas.

Fazemos — todos — parte do céu e da terra.

Na Terra ainda estão os nossos amores. Um dia, eles virão para junto de nós aqui no Além. Não sabemos quando, pode demorar ou não, mas o tempo não importa, pois a alegria de saber que vamos nos reencontrar é tão grande que a ideia da passagem do tempo não incomoda, já que a alegria é maior do que qualquer outro pensamento secundário.

No céu, que é como também chamamos o Além, estão também pessoas que amamos, pessoas que começamos a conhecer, além do trabalho no qual nos envolvemos aqui, que é a parte prática da vida aqui. Assim como na Terra, que também temos o que podemos chamar de ocupações da vida prática.

Portanto, todos fazemos parte do céu e da terra, pois temos seres que amamos e atividades práticas em ambos os estados — o físico e o não físico.

Algumas das coisas que eu poderia chamar de interessantes aqui no Além é que somos espíritos muito antigos. Na Terra diríamos que somos espíritos bem velhos. Mas aqui acabamos optando por ter a aparência que melhor se identifica conosco. Normalmente essa aparência é de alguma fase da última encarnação na Terra.

Na Terra, quando somos jovens é porque somos jovens. Só se reconhece o que pode ser provado pelo olhar, por uma foto, ou algo similar.

Mantenho a mesma aparência do Miguel de vinte anos que acabou de desencarnar.

Vamos recuperando a idade do Espírito à medida que as ilusões e o desapego da Terra vão desaparecendo.

Nossa memória eterna — das vidas que já tivemos, das situações que já vivenciamos em épocas passadas quando encarnados em outras oportunidades — vai sendo restituída aos poucos. E de um modo muito natural, como se nunca tivéssemos estado sem ela.

Conforme isso acontece, começamos a nos lembrar também de algumas habilidades que adquirimos no decorrer de nossas experiências em encarnações passadas. É como se o conhecimento fosse brotando de maneira muito natural, como se tivesse estado sempre ali, e na verdade esteve, a questão é que só começamos a nos tornar mais conscientes de nossa vida como um todo.

Você que está lendo este livrinho, não se aborreça se não entender alguma coisa, não faça julgamentos precipitados, invalidando o que estou

dizendo simplesmente porque você não concorda ou nunca imaginou ser possível algo assim. Um dia você entenderá com certeza.

Por enquanto apenas se centre em sentir, em questionar-se sobre a possibilidade de poder acontecer, de ser possível. E espere um pouco, pois a própria vida lhe dará a confirmação de tudo quanto escrevo.

Além de tomarmos aula na Universidade, cada conversa com os Espíritos mais evoluídos é sempre uma aula.

Com o Charlie, por exemplo, refletimos a respeito do perdão, pois quanto mais falarmos sobre o perdão, melhor será para todos. E sendo encarnados ainda, melhor, pois poupa muito sofrimento futuro.

O Charlie diz: “saber perdoar é uma arte. Celestial. Existem muitas coisas que não queremos enxergar para não termos que fazer um outro caminho que consideramos mais árduo, que é o de perdoar. Porém, se fizermos um esforço — e esse esforço, creiam, irmãos, é muito difícil para a pessoa que está habituada, entranhada em seu próprio modo de se portar diante das situações da vida, diante das pessoas, diante de todo um cenário que ela vem exercendo há muito tempo —, veremos que, ao perdoarmos tudo, ao mantermos a boa vontade, a mente aberta para não alimentar desagravos (que não existem, na verdade, pois desagravos são ilusões, uma leitura e interpretação totalmente pessoal), alcançamos nosso bem-estar, nossa libertação para com as pequenezas que costumam ocorrer para aquele que valoriza estas pequenezas. Ao não darmos atenção, não damos força; ao não darmos força, enfraquecemos a postura rígida e pessoal de vivermos sem o perdão. Estando ou não encarnados, dependemos, todos, do perdão”.

Charlie falava de maneira firme, suave, como se as palavras brotassem de sua luz interna, a luz de quem ele é, a luz do Espírito que ele é.

Após uma pausa, ele continuou:

“O resultado de um coração que perdoou é paz, é felicidade genuína, de tal modo que muitos não conseguem imaginar, pois fazem apenas uma ideia — a partir da postura pessoal do não perdão — e essa ideia é equivocada, pois tudo o que é original é aquilo que experienciamos de forma direta, plenamente envolvida, comprometida e compromissada. Há leveza indecifrável no coração e espírito daquele que perdoa. E como podemos perdoar? Principalmente percebendo que se alguém causou um dano a nós,

nós também causamos danos a outros, ainda que muitas vezes inconscientes, pois que muitas vezes afrontamos nossos irmãos sem mesmo perceber, e o irmão afrontado muitas vezes não traz a afronta à tona — por motivos próprios —, o que nos faz ter certeza de que nunca cometemos dolo. Que engano. Somos cegos. Por isso, mais piedade, de nós mesmos, merecemos. E só recebemos essa compaixão quando conseguimos dá-la a outrem.

“Aqui nesse estado em que estamos é possível percebermos que temos questões similares. Mas a questão que mais tem se destacado é a de trabalharmos, como um grupo, numa missão. A missão de levarmos a mensagem do não sofrimento, tanto aos que desencarnaram e ainda se equivocam arrastados pela dor de terem partido da Terra e deixado seus amados nela quanto aos que permanecem na Terra e se estorvam no atraso que provoca o sofrimento desnecessário por causa do grau, da intensidade, em que é vivenciada.

“As mães são conhecidas como os seres que mais sabem perdoar, como se já nascessem com esse dom especial por serem mulheres e mais sensíveis. No entanto, todos estamos aprendendo o equilíbrio e podemos, por isso, independente de sermos homens ou mulheres, exercitar os mistérios divinos do perdão, do amor e da vida plena. As batalhas que vivenciamos na Terra continuam quando no Além, pois todas elas giram em torno da expansão de quem somos, Espíritos em constante evolução.

“Quando falamos sobre Espíritos em constante evolução, muitos se revoltam com o uso do termo, pois chegam a considerar que não há mais o que evoluir e não entendem que a evolução é uma constante, sem fim. Consideram a partir do raciocínio desenvolvido na Terra, a partir de métodos terrenos, que a evolução é algo fixo, engessado, com começo, meio e fim. E se consideram já no meio ou, diante dos horrores que criam para si, no próprio fim, como se nada mais houvesse a ser aprendido. Desconhecem e desprezam os desígnios da vida, negando-se — com esse comportamento íntimo — a perceberem que a vida tem uma canção diferente daquela que é percebida apenas pelos sentidos mais grosseiros.

Portanto, ao nos entregarmos a uma reflexão amorosa, sempre percebemos que a vida possui mais a nos ensinar do que consideramos em nossa pressa inconsciente. E é essa reflexão amorosa que deveríamos fazer com

mais constância a respeito de nossa vida, de nossos atos, dos acontecimentos que nos envolvem, a fim de apurarmos os sentidos do Espírito, nossa porção mais divina. Essa prática nos auxiliaria a aproveitarmos melhor cada instante de nossa existência. E ela já é sugerida quando os líderes religiosos, os escritos considerados sagrados, nos incitam a orar, a rezar, a falar com Deus ou com Seus filhos que na Terra ainda são chamados de santos.

A lide do dia nos faz deixar a um canto, recebendo a poeira do esquecimento, a prática do encontro com a própria espiritualidade. E isso resulta em sofrimento atroz para o ser que ousa esquecer-se de sua porção divina, pois é a partir dela que chegamos a Deus.

“Nada que é feito com uma postura pessoal de arrogância, de intolerância, de orgulho, nos leva ao crescimento. São amontoados de sofrimento que servirão apenas para ampliar nossa vergonha quando, enfim, cairmos em nós e pudermos analisar quão longe estivemos de Deus e por nossa própria causa, pois a Vida fala conosco a cada instante. E a Vida nos livra das ilusões ao nos conduzir docemente através dos eventos que nos acontece. Melhor seria, então, se ao invés de darmos tanta importância a sermos melhores do que os outros, a termos mais posses materiais do que os outros, a quereremos controlar o destino dos outros como se fôssemos Deus (que nem a isso se presta, respeitando o livre-arbítrio com o qual nos dotou), nos entregássemos mais aos momentos conosco mesmos. Esses são os momentos chamados santificados, pois têm a intenção de nos levar à luz do Pai Maior.

“Por isso é importante pensarmos no perdão, já que o maior beneficiado somos nós mesmos, pois apenas nos perdoando por termos sido cegos é que conseguiremos ver a luz com a qual presentearíamos nossos irmãos e a própria Vida. Dessa forma abrimos portas, trazemos o equilíbrio e a serenidade para nosso convívio. E com esses elementos, todos os nossos desejos se realizam e, com eles, evoluímos. Esse é o plano original da Criação. E embora não haja defeito nesse plano quando passamos mais tempo em nossos aprendizados, sofrendo sem necessidade, pois o plano da Criação prevê todas as ocorrências, se nos propormos ter vida em plenitude e respeitar o caminho diferenciado que escolhem as almas que desencarnam, mais situações de ajuda na escolha de não sofreremos virão. E nossa jornada

será sentida como doce. Mais doce que um fruto nunca antes experimentado, tal maravilha esse fruto, essa experiência, representa.

“Há muitos que ainda alimentam a mágoa. E mesmo diante de palavras como essas, mesmo diante da reflexão, mesmo diante da lógica, sentem dificuldade de se livrar do peso, da carga energética tão longamente fortalecida, tão intensamente acolhida. E não conseguem se livrar da negatividade sem um processo que lhes ajude a curar suas almas, direcionando-as para o caminho do equilíbrio.

“Para esses, digo, à guisa de orientação do Além: sinta agora em seu coração o perdão, traga à sua mente aquela pessoa que você hoje traz na lembrança com uma mágoa grande ou pequena, não importa.

“Tire agora essa mágoa de dentro de si dizendo:

“— Meu Deus, eu tiro tudo que sinto de ruim e coloco no lugar desses sentimentos ruins o amor, a luz e muita humildade.

“Repita:

“(O nome da pessoa), eu te amo. (O nome da pessoa), eu te amo.

“Ao fazer isso, esqueça-se de todos os conceitos arraigados, cale a mente, pois ela é viciada em fortalecer as dúvidas, a sensação de que estamos sendo bobos. E isso não nos traz um bom resultado.

“Inicialmente isso parece muito simples, mas requer um esforço extraordinário. Mas, apenas, e tão somente, porque a maioria não está habituada a agir assim.

“E muitas vezes, exatamente por parecer simples, é que a maioria desdenha desse exercício. Aqueles que tentam, e que se desenvolvem através dessa prática, podem testificar o valor desse exercício em suas vidas. E perceberem que esse exercício simples tem um poder maravilhoso quando se dá a continuidade de sua prática.

“Controlando o pensamento de sua mente o tempo todo, e de maneira suave, amorosa, persistente, será possível retirar da mente tudo aquilo que se quer esquecer. E quando os pensamentos vierem à tona, basta que — gentilmente — os afaste, e de maneira imediata.

“Assim, essa é uma forma de fazer com que o amor, em sua forma mais intensa, pura e direcionadora, tome conta de você, de sua alma, fazendo com que inexista a tensão a que você está tão acostumado a viver e sem perceber.”

Quando Charlie acabou de falar, já estávamos fazendo o exercício do perdão e podíamos reter uma sensação muito ampla de liberdade, algo praticamente impossível de traduzir em palavras comuns.

O Arnaldo fala sempre que tem encarnado que não acredita em Espiritismo, só que esquecem que são Espíritos; a única diferença — quando comparados a nós — é que ainda possuem um corpo físico. No entanto, o fim — se é que podemos falar assim — de todo encarnado, sem exceção, é a chamada morte, a morte da carne. E, graças a Deus, por esse fato, pois o estado carnal traz em si todos os desafios próprios da Terra. Isso quer dizer que os encarnados ainda estão em missão, enfrentando seus desafios, desafios esses que têm a ver apenas consigo mesmos.

Logicamente, nós que estamos desencarnados, também estamos enfrentando nossos desafios, mas, tenho que dizer, estar no plano não físico é como estar em casa. Acerca-se do desencarnado grande tranquilidade — ou pelo menos essa tranquilidade se acerca dos que não estão apegados aos que ficaram na Terra.

Logicamente, também devo dizer, esse estado não é um privilégio apenas dos que estão desencarnados. Na Terra também é possível sentir essa tranquilidade. E eu nem diria que é mais difícil, embora não possa dizer que é mais fácil.

Tenho aprendido que cada um de nós todos, encarnados e desencarnados, possui seu próprio desafio. E esse desafio está intrinsecamente relacionado com o crescimento, com a evolução, de cada um.

Eu diria que, no estado carnal, estão nossos pesadelos maiores, afinal, se estamos na Terra é porque temos uma missão pessoal a cumprir, e nem sempre essa missão está relacionada ao autosacrifício de maneira sofredora. Se pensarmos bem, cada um possui um sacrifício, que são os desafios que, se de um lado representa crescimento, por outro lado também representa tudo o que é dinâmico na vida.

O problema todo acontece quando encaramos desafios, sacrifícios, missão pessoal, como um problema. Temos a tendência de comparar nossa vida com a vida daqueles que pensamos estar melhores do que nós. E não percebemos que muitas vezes, aqueles que achamos estar melhores do que nós está se comparando conosco, achando que estamos melhores do que eles.

Temos também uma inclinação natural a achar que não nos lembramos de nossa vida espiritual. Mas isso, lá no fundo, lá no fundo (e isso estou aprendendo aos poucos, conforme observo acontecimentos e com o desenrolar de minha estadia aqui) não é verdadeiro, pois, se fizermos um pequeno esforço, de forma que esse esforço se torne hábito, conseguiremos sentir que nossa vida é eterna e que, dessa forma, temos como nos lembrar de nossa vida espiritual. Ou seja, nos lembraremos que somos espíritos. E isso é o que mais importa.

Pensamos que nos lembrar de nossa vida espiritual significa nos lembrar de outras vidas que tivemos na própria Terra, em outras encarnações. Mas essas passagens são apenas parte de nossa vida como um todo. E não há nenhuma necessidade de nos lembrarmos de desafios passados. Se temos dificuldades — quando na Terra — de processar nossa missão evolutiva pessoal sem nos lembrarmos de outras vidas, por que nos lembrar de outras vidas nos daria capacidade para enfrentarmos nossos desafios? Com certeza, a vida é justa, Deus fez tudo perfeito. Sem tirar nem pôr.

Sabe, gente, o ideal é trabalharmos conosco mesmos no sentido de aceitarmos a vida como é. Sim, sei que dizemos que aceitamos. Mas aceitar não é o que a maioria faz, na verdade.

Veja, quando dizemos que aceitamos um presente, algo que nos dão, estamos querendo dizer o quê? Que nos agradamos daquilo, não é?

Pois bem, a maioria — ao dizer que aceita a vida — não a está aceitando de fato, pois vive reclamando, maldizendo a si mesmo, aos outros e à própria vida. Mesmo que intimamente, no silêncio de si mesmo.

Assim, essa aceitação não é aceitação, mas sofrimento, reclamação. Tudo, menos aceitação de verdade.

Quando dizemos que devemos aceitar a vida, o que está sendo dito é que devemos aceitar integralmente, ou seja, com alegria, com fé, com entusiasmo, como se a vida fosse um presente (o que, na verdade, é), como se a vida fosse uma pessoa com quem interagimos, brincamos, aprendemos a conhecer.

E dentro da vida, há os acontecimentos. É através deles que expressamos a aceitação à vida. E quando aceitamos os acontecimentos, toda a vida se transforma em festa.

Todos os acontecimentos ocorrem a partir da vontade de Deus, pois sem Ele nada acontece.

Então, de certo modo, aceitar a vida é aceitar a Deus. E negar a vida é negar a Deus.

Todas as vezes que temos um comportamento determinado em relação à Vida, estamos tendo esse comportamento em relação a Deus também. Pois Deus é Vida.

Aqui no Além usamos nosso tempo sob certa rotina, em serviços aos outros e também em entretenimentos, conversas e programas que visam a elevação.

E até na Terra isso pode ser feito também.

Ao procurarmos passar mais tempo com nossos amigos sinceros, após o término da atividade que, na Terra, serve para obtermos o dinheiro que sustenta nossa vida material (o que, até aí, compreende aprendizados, pois no ambiente de trabalho também estamos servindo, conhecendo pessoas, vivenciando situações que também estão relacionadas com nossa evolução pessoal), também estamos envolvidos com nosso crescimento.

Sim, o valor da vida quem dá somos nós. É comum que as pessoas não encontrem razão de felicidades em suas próprias vidas, pensando que se elas tivessem algo diferente no passado, ao invés do que têm agora, seriam mais felizes, ou realmente felizes. Mas não é assim. E tudo está relacionado ao fato de nós mesmos acreditarmos em nós como os orientadores de nossa própria vida ao invés de esperarmos que os outros é que nos digam o que é certo ou errado.

Quando eu estava encarnado na Terra, eu poderia ser encarado por muitos como um Zé-Ninguém, afinal eu não era rico, não tinha completado os estudos conforme a sociedade na Terra espera das pessoas. Até as coisas nas quais trabalhei eram coisas simples (nunca fui presidente de empresa, ou alguém famoso que saísse nas capas de revistas ou em primeiras páginas de jornal). Mas, eu sabia que era importante. Essa sabedoria não era apenas intelectual, mas um sentimento, uma espécie de segurança por ter o que é mais importante que tudo isso, o amor. Minha mãe me amava, também meu irmão, minha família de modo geral. E eu os amava, como ainda amo. Eu sabia, sentia, que tinha uma missão pessoal com minha própria evolução. Eu curti pegar onda, eu amava a vida na Terra e aproveitava

cada momento que conseguia. Até mesmo no trabalho eu me divertia e nunca me senti inferior por não ser ou ter as coisas que a maioria dos que dão mais valor aos ditames terrenos diz que é mais importante.

O que vemos no geral são pessoas que não valorizam o que são e o que têm porque só fazem isso se os outros disserem a elas que quem elas são e o que têm é importante. Então é como se não se reconhecessem. E aí não valorizam a vida. E, como eu disse, acabam não valorizando Deus, pois Deus é Vida. Pura Vida.

Eu ainda não sei direito como funciona tudo aqui no plano espiritual. Mas sinto a fantástica onda de energia que emitimos e recebemos no corpo espiritual. Aqui podemos até ver a energia, dependendo de nosso estado mental, de nosso equilíbrio.

Mas atualmente eu tenho pensado muito em tudo isso e concluo que na Terra somos capazes de, praticamente, fazer todas essas coisas, desde que cuidemos primeiro de nosso estado de espírito — afinal, é com o espírito que temos a visão de longo alcance, que conseguimos sentir o estado emocional do outro. Então, cuidar do estado espiritual é a primeira coisa a fazer se almejamos ter uma vida parecida com a vida dos desencarnados em termos de poderes espirituais.

Primeiro, é necessário querer. Segundo, retirar o monte de ilusões, que mais parecem entulho em nossa mente. E só nós mesmos podemos fazer isso por nós.

O esforço seguinte deixa de ser esforço quando se torna hábito. Afinal, nada acontece de graça. É necessário que estejamos fazendo nossa parte.

Ao passarmos vários dias entretidos nessa prática — a de nos desapegarmos das ilusões, limpando nossas mentes dos entulhos — já conseguimos equilíbrio para controlar nossos sentimentos e pensamentos.

Isso não precisa ser feito de maneira a nos isolarmos das pessoas, da vida... é importante mencionar essa possibilidade, pois é o que a maioria faz ao tentar manter a mente limpa e se livrar das ilusões — começa a fazer diferenciação entre as pessoas, esquecendo o amor, pensando que é mais importante do que aqueles que não estão fazendo a mesma escolha de tentar se equilibrar a fim de ampliar as próprias capacidades mentais e espirituais da maneira como elas estão.

Pois é, muitos “se acham”, pensam que são os “bam-bam-bam”, só porque estão voltados para a própria santidade. Mas ser santo não significa fazer divisões entre as pessoas, persegui-las ou discriminá-las apenas porque elas estão escolhendo um caminho diferente do seu.

Controlar os sentimentos é uma dádiva que Deus deu a toda humanidade, e ainda estamos todos aprendendo a usar essa dádiva de maneira equilibrada. E não devemos usar essa capacidade de maneira negativa.

Por enquanto, a grande maioria acha mais fácil viver com a ajuda externa, transformando a própria vida num verdadeiro vendaval.

É possível — ao sermos senhores de nossos pensamentos e sentimentos — obtermos da vida tudo o que ela pode nos dar e que, muitas vezes, nem temos ideia do que seja.

Na vida terrena podemos crescer bastante em termos intelectivos, o que não representa grande coisa para a evolução do Espírito se não soubermos usar esse intelecto para abrir fronteiras em termos espirituais. Pois, é o intelecto que deve servir ao espírito, não o contrário.

E na vida terrena mesmo, ao colocarmos o intelecto a serviço do espírito, podemos crescer muito espiritualmente. E não falo que esse crescimento espiritual seja o tradicional, aquele que é marcado pela vida do sujeito que vai a uma igreja, ou a seu centro de práticas espiritualistas, segue seus dogmas, voltando a dedicar-se à mesmice de sua vida cotidiana e pronto. Lógico, isso é louvável, pois é melhor isso do que nada. Mas o poder que Deus nos concede pode ser maior que esse, ao nos desafiaros diante dos obstáculos que a vida nos traz.

Quando começamos a lidar com o amor e o perdão — compreendendo realmente o que essas duas palavras significam, o que há por trás delas — e ao limparmos nossas mentes das ilusões, podemos passar para o passo seguinte que é vivermos internamente de modo equilibrado e — através da fé, da esperança, da certeza de que todos os nossos desejos se realizam e para nosso bem — conseguimos realizar tudo o que pretendemos. Inclusive a riqueza material, que é algo que interessa a muitos.

A questão é só parar de perder tempo com o que não nos acrescenta nada.

E o melhor de tudo isso não é apenas a riqueza material, afinal existem pessoas com riqueza material cujas vidas são — para elas — um mar de

tristeza, angústia, sofrimento. Tudo isso é provocado pela ilusão, pela falta de controlar o que só elas podem fazer, o pensamento.

Somos essências divinas. Não apenas corpo. Nosso corpo físico é como um veículo que usamos para passear nas estradas da vida. Nosso corpo físico é como uma roupa de mergulho que usamos para nadar no mar da vida. Nosso corpo físico é como uma prancha de surf que utilizamos para curtir as ondas da vida.

A partir do momento em que percebemos isso, fica mais fácil nos voltarmos para o trabalho mental.

Isso, é claro, não significa que vamos deixar de ter zelo, carinho, respeito, amor, para com nosso corpo. Afinal, não descuidamos de nosso veículo, de nossa roupa, de nossa prancha só porque sabemos que não somos eles, que eles são apenas acessórios em nossa vida.

Podemos, sim, cuidar de nossa prancha, ou seja, de nosso corpo, com todo o apreço que pudermos. Mas sem apego.

E assim como não nos apegamos ao veículo, à prancha das outras pessoas, pois sabemos que aquilo é ferramenta da outra pessoa, também não devemos nos apegar ao nosso próprio corpo ou ao corpo das outras pessoas.

E é exatamente o que acontece com os pais quando seus filhos desencarnam. Estão como que confundindo o filho com o veículo que ele usava para passear na estrada da vida.

E sofrem sem cogitar que eles estão em essência divina, no verdadeiro corpo, no mundo do Além. Precisam conviver com a certeza de que seus filhos ainda vivem. Pois eu vivo. Ah, sim, eu vivo. E não adianta ninguém me falar o contrário, pois eu estou aqui, escrevendo através de minha mãe, e eu sou a pessoa mais importante em termos de comprovar que estou vivo.

E já pensou se os desencarnados continuam a aceitar — como o faz a maioria na Terra — que os outros é que estão com a razão? A essa hora, se eu fizesse isso, eu estaria aqui sofrendo, achando que estou morto. Mas eu sei que estou vivo. E isso é o bastante, ainda que eu não tenha a fama que os encarnados buscam ao viver na sociedade terrena. Estou vivo e para sempre!

A nossa vida, nossa encarnação, tem o propósito de crescermos, evoluirmos espiritualmente (pois é espírito o que somos). Quando estamos na

Terra, pouco pensamos sobre isso. Buscamos motivos estapafúrdios para justificar nosso propósito de vida.

Achamos que devemos ter um propósito, mas negamos o propósito que o espírito nos mostra, que é o de estarmos na Terra para nos ampliar, conhecer mais, sermos mais felizes, construir um mundo melhor que reflita na qualidade do que somos em termos não físicos.

E acabamos concluindo que não há um propósito, pois não damos valor à resposta que temos a partir da essência do que o espírito nos comunica. Preferimos dar voz apenas ao cérebro, à cultura, ao que os chamados homens sábios das ciências terrenas nos dizem. E o que eles nos dizem? Que o que não é tocado com as mãos, olhado com os olhos, não tem como ser provado. Logo, não existe. Dão menos importância. Criticam e negam. Não buscam mudar a postura a fim de estudar e avaliar as ciências que não podem ser provadas pelas ciências tradicionais humanas e terrenas. E dessa forma, todos nós nos transformamos em gado quando vamos atrás do que eles nos falam, pois aí não ouvimos a pessoa mais importante, nós mesmos.

O propósito de nossa vida é evoluir em pensamento, em emoção, em equilíbrio, em construção tanto terrena quanto não terrena.

E desapegar-se do sofrimento faz parte dessa evolução.

E quanto mais nos entregarmos à decisão de não sofrermos tolamente, mais valor damos à evolução pessoal fazendo com que o mundo — tanto o espiritual quanto o terreno — evolua mais rápida e perfeitamente, pois há bênçãos futuras entranhadas na vida que temos ao estarmos encarnados. Só que só conseguiremos avaliar isso quando finalmente valorizarmos todas as experiências — pessoais e alheias — a partir da visão do espírito.

Em relação ao mundo aqui no Além, entendemos que os espíritos que representam o papel de nossos pais na Terra — sim, não temos pai ou mãe, somos todos espíritos-irmãos desenvolvendo papéis na Terra, como atores num grande palco — do jeito que podem, com suas limitações e capacidades apropriadas (afinal estão evoluindo, assim como nós, que desempenhamos os papéis de filhos).

Enquanto estamos na Terra, temos que aprender a aceitar — novamente, lembro que aceitação tem a ver com estar com o peito aberto, alegre,

feliz, entusiasmado em relação à própria experiência — nossos pais, pois estão fazendo o melhor.

Mas, uma vez desencarnados, aprendemos que a vida deve evoluir, e que ela é por demais preciosa e verdadeira para ser gasta na ilusão do sofrimento.

Mesmo os jovens que estão encarnados e têm problemas com seus pais, saibam: esses problemas são frutos da ilusão. Se você estiver me lendo, volte para seu espírito, limpe seus pensamentos e emoções da negatividade que estão relacionados às frustrações com os pais e se equilibre. Sinta a confirmação de seu espírito. Ele lhe dirá que você é mais do que um filho e que seu pai ou sua mãe são mais do que pai ou mãe. Eles também são espíritos. Ao ter acesso a esse sentimento, analise o drama pessoal em que vocês estão envolvidos e o sofrimento que estão permitindo aflorar a partir disso. Entenda que os dramas pessoais não têm o propósito de provocar ilusões — que são os sofrimentos —, mas o de ampliar a própria percepção espiritual.

Quando se diz nas religiões espiritistas que os resgates da alma devem ser feitos em amor e não em dor, é o que se visa também, fazer com que a partir do amor nos ampliemos tanto que os dramas pessoais percam a força, pois serviram ao propósito maior, que é o de sossegar nossas mentes e aguardarmos o desenrolar dos fatos, pois tudo o que é nosso chegará a nossas mãos, independente da situação e da vontade de outrem. Somos nós os mestres de nossas vidas, não os que desempenham o papel de nossos pais. E nossas vidas são maiores do que simplesmente o namoro com alguém, o casamento, a escolha da profissão.

É possível, com equilíbrio adquirido a partir do espírito, lidar com qualquer situação que tenha a ver com desavenças. E não precisamos bater de frente com nossos pais, pois a vida tem caminhos misteriosos. E muitas vezes a gente bate de frente com os pais, com a família, com os amigos, com o mundo inteiro dependendo de quanto vamos fortalecendo esse comportamento (no final, é o que é, um comportamento pessoal, apenas isso), e sem necessidade alguma, já que tudo o que conseguirmos realizar na nossa vida virá de quem somos, de nossa fé em nós mesmos, em nossos desejos.

Às vezes a gente pensa “nossa, se meu parente ou meu amigo (leia-se aqui ‘pessoas com quem bato de frente’) não quiser que eu faça isso, isso não vai acontecer.

Mas não são eles os responsáveis pelo que nos acontece!
Ninguém é responsável pelo que nos acontece a não ser nós mesmos!
E quanto menos enredados estamos no sofrimento, mais demoramos para ver isso.

Isso não é piração. É a mais pura verdade!

Só entendemos isso quando praticamos a fé, a certeza, o contato com nosso espírito, pois aí nos permitimos ouvir a voz de Deus. E a voz de Deus está dizendo isso o tempo todo para nós.

Então, sofrimento — no Além ou na Terra — só faz com que a gente confunda tudo e passe mais tempo enredado no caminho, do qual um dia vamos sair. Mas, acho que todos concordam comigo, quanto mais rápido pudermos vivenciar a felicidade, melhor, não é?



Alguns que chegam...

Catarina desencarnou com dezenove anos, após ser amarrada, estuprada e queimada.

Perdida entre sentimentos de ódio, vingança, injustiça, inferioridade, vagou, pelo que na Terra se conhece como Umbral, por muitos anos terrenos sem se conformar com seu desencarne — em meio a espíritos que processavam os mesmos sentimentos, mais e mais foi arrastada para esse pântano de escuridão e dor.

Na Terra, ela era filha de pais separados, pais que pouca atenção, se alguma, davam a ela.

Embora ser filho de pais separados não seja o fim do mundo, pois muitas vezes é o começo da Paz, Catarina amargava as recordações dessa vida, mais a forma brutal com que havia sido retirada da vida física.

Sua mãe não lhe dera o amor que Catarina idealizava receber quando estava na vida física. Então, quando encarnada, Catarina pirou, sentindo-se justificada ao enveredar-se pelo rumo do consumo de bebidas alcoólicas, de drogas pesadas, prostituição e furtos. Daí que para chegar ao fundo do poço foi... “dois palitos”, como diria minha turma.

E foi numa das noites de programa de prostituição que ela foi assassinada.

Quando desencarnou ficou ainda mais pirada. Ela não queria sair da casa da mãe. Ficava ali, depois de morta na carne, rondando a mãe. E a mãe dela não a via, é claro, pois a maior parte das pessoas nem sente o espírito dos amados ao redor de si quando estes se vão fisicamente.

De tanto ficar ali sendo ignorada, com muita raiva e cheia de pontos de interrogação, acabou saindo e ficou vagando por aí. Quando se deu conta, estava num dos estados de Umbral.

Muitos podem achar que sabem o que é o Umbral, mas todos sabem e ao mesmo tempo não sabem. Explico: o Umbral é um estado do próprio espírito, um estado de caos interno, de confusão, de sentimentos negativos, de automutilação. Podemos dizer que muitos — vivendo na Terra, encarnados — vivem seus próprios Umbrais, pois não se reconhecem como espíritos que são, se deixam levar por outros espíritos (que, quando encarnados, chamamos de pessoas, pois são pessoas físicas, já que todos somos pessoas), não priorizam a própria vida, os próprios interesses em prol da evolução pessoal, e se veem no caos, na bagunça interna, na desorganização pessoal.

Quando a pessoa, ou espírito, encontra-se desencarnado, o Umbral dela é o acúmulo da negatividade em que se encontra, a negação da evolução.

E não é de estranhar que a maioria de espíritos assim acabe, pois se em Terra eles faziam isso, quando desencarnam também o farão, já que não mudamos quando morremos. Quando morremos continuamos sendo quem somos. E, assim como na Terra, sempre é tempo de se dar uma chance. E no plano espiritual não é mais fácil ou mais difícil do que no plano terreno. Afinal, cada um sente a própria realidade de acordo com quem é, de acordo com a interpretação que dá aos fatos que lhe ocorrem.

E assim como na Terra, onde há muitos sempre dispostos a oferecer ajuda — seja através de um livro, de uma palestra, de uma conversa amiga, de um filme... nossa, as possibilidades são tantas que eu até me perco ao tentar mencioná-las —, no plano espiritual também há muitos sempre dispostos a oferecer ajuda.

E não é que somos ansiosos para ajudar. É que Deus, em Sua perfeição, fez o mundo — tanto material quanto espiritual — dessa forma, ou seja, sempre disponibiliza a troca, a interação entre os seres, de maneira que possamos tornar nossas leituras dos fatos mais e mais lúcidas e, dessa forma, entendermos que não há motivo para nos debatermos contra as criações das quais somos autores.

Sim, nós criamos todas as nossas glórias e desgraças. Basta que façamos uma análise de nossa vida e de nosso comportamento para percebermos que as escolhas estão sob nossa responsabilidade.

Sei que alguns vão dizer que somos vítimas de tudo o que acontece, e que não temos responsabilidade sobre o que nos acontece, que num caso

como o de Catarina, por exemplo, ela não tinha como ter participação ativa na suposta desgraça que lhe aconteceu, e que ela tinha o direito de se prostituir, de se drogar, de se alcoolizar e, ainda assim, ninguém tinha o direito de matá-la como ela foi morta.

E as pessoas que veem dessa forma não estão erradas. Mas pouco sabem sobre tudo o que está envolvido de não físico quando fazem seus julgamentos, pois se ninguém tinha o direito de supostamente fazer com ela o que fizeram, ela também não tinha o direito de viver sua vida da forma como viveu, não respeitando a própria vida, desprezando todo o auxílio que as outras pessoas sempre se dispuseram a lhe dar.

E aqui não estamos falando de olho por olho e dente por dente, nem tentando justificar ninguém, pois nosso julgamento humano — quando na Terra — está mais relacionado ao plano social do que à história da evolução de cada espírito.

Trata-se apenas de nos aprofundarmos no que aconteceu sem sermos juízes de ninguém e procurar aproveitar cada momento para fazer de nossa vida algo mais do que — socialmente — estamos fadados a ser.

Em nossas idas a serviço aos diversos estados de Umbral, que chamo de um só apenas para facilitar o entendimento, fazemos um trabalho parecido ao de um Assistente Social, digamos assim. Pois nos estendemos ao outro, ajudando-o sem nos atrapalhar — que é a verdadeira forma de trabalho, já que só temos algo a dar se nós realmente tivermos para nós mesmos.

E nessas incursões — não apenas minha e de meu grupo, mas de vários outros grupos a trabalho no plano espiritual, e não apenas espíritas, já que do lado de cá somos todos iguais, irmãos em prol uns dos outros independente de que religião tinha na Terra — resgatamos muitos como Catarina.

No entanto, tem que partir da maturidade do espírito — do desapego às ilusões da carne — para que possamos realizar a obra de começar o serviço de lucidez, de entrega do espírito para si mesmo.

E quando enxerguei Catarina no Umbral, meus olhos se encheram de lágrimas e de emoção, pois senti que poderia ser instrumento divino para tirá-la daquele estado miserável em que ela se encontrava.

Ela me olhou como se me sondasse. E todo meu grupo notou a reação dela e ficou nos observando.

A aparência dela era a de um lobisomem, posso dizer assim.

E não estranhe se digo isso, pois a forma que um espírito assume, quando no plano espiritual, tem muito a ver com a própria vibração energética. Assim, há os que acabam assumindo formas de bichos, de monstros etc. Uma parte da forma responde ao desejo mais recluso da pessoa, sua emoção, seu sentimento, sem que nem mesmo ela perceba (nem teria condições, pois está muito envolvida com a própria luta em meio a seus sentimentos negativos, digamos inconscientes) e, outra parte da forma, responde a seus anseios pessoais intencionais (por exemplo, um espírito pode tomar uma forma não humana, inclusive, para se proteger de outros espíritos mais perturbados que ele).

Assim, Catarina havia assumido uma forma de lobisomem, mas eu consegui ler em seus olhos a alma linda que era.

Depois do que pareceu ser um milhão de anos, abri meus braços e, ela, os seus para mim. Eu a abracei, quase que instintivamente, pois poderíamos dizer que o espírito também possui seu instinto de acordo com a energia que mantém. Ela me abraçou, chorando, e seu abraço foi tão forte que, de certa forma, me assustou. Ela gritava, mais uivando do que propriamente gritando, como se estivesse sentindo alguma dor muito forte.

E aquilo me fez lembrar alguns dias meus na Terra. Passou — como num flash — uma memória de quando eu estava na Terra, com uns seis ou sete anos de idade. Na época minha mãe tinha um *Lhasa apso* chamado Yuri, um *Afghan Hound* chamado Nikolai e um Boxer chamado Mikael. Certo dia, o Mikael estava deitado na minha cama. E eu fui me deitar também. O cão não pensou duas vezes, voou pra cima de mim e me deu uma mordida no rosto. Cara, aquilo doeu, como doeu, cheguei a ficar com as marcas dos dentes dele em minha carne. Mas não fiquei com raiva do Mikael, eu ria às pampas. E o Mikael caiu na farra também. Minha mãe, sim, ficou muito assustada.

Minha mãe ainda tem uma cadela chamada Raquelzinha, uma mistura de vira-lata que veio para nossa casa quando eu tinha uns dezessete anos na Terra.

Enquanto abraçava Catarina, naquela forma canina, foi como sentir a pureza de um espírito canino. Pois, sim, espíritos são energias. E todos so-

mos criaturas vindas do pensamento sagrado de Deus. Não fazemos distinção discriminatória. Entendemos o mistério por trás de cada manifestação divina. E nosso amor é o mesmo, independente de com um animal ou um humano. Por isso, ao lembrar-me de meus cães, ao sentir o abraço de Catarina, tudo aquilo teve um significado mais profundo para mim.

Meus amigos de grupo fizeram um círculo à nossa volta, estendendo os braços e enviando luzes que vinham em feixes dourados, de uma beleza indescritível.

Catarina se aquietou após alguns momentos e ficou-se como que desfalecida. Era um sono muito profundo. Nós a colocamos em uma maca a fim de a transportarmos para o hospital de recuperação e continuamos com nosso trabalho de resgate nas zonas permitidas do Umbral — que é uma região muito vasta (e nossa permissão sobre as áreas a serem visitadas como trabalho de campo gira em torno de nossa capacidade psíquica e energética. A mesma coisa ocorre na Terra, aliás. Ou seja, não temos trabalhos para os quais não somos preparados. E esse preparo, embora aqui no plano espiritual possa ser explícito, acontece de forma implícita na Terra. Mas acontece. Basta que observemos os diversos trabalhos e as capacidades individuais de cada um).

Ao terminarmos nosso trabalho, levamos Catarina, junto com vários outros espíritos, para o hospital.

No dia seguinte, quando fui visitá-la, encontrei-a mais tranquila e serena.

Aproximei-me dela e lhe disse baixinho:

— Oi, meu nome é Miguel.

Fiz uma pausa e continuei:

— Pegamos você ontem numa das regiões do Umbral, depois que lhe demos os passes de energização você adormeceu. Você está bem? Lembra-se de algo?

Ela me disse, numa voz tranquila:

— Meu nome é Catarina Souza. Este era o meu nome quando eu estava na Terra. Faz muitos anos que eu desencarnei. E eu não estava conformada com isso. Mas também não estava conformada com minha vida na Terra quando lá estava.

Eu balancei a cabeça e lhe perguntei:

— Você se sente bem agora? Quer dizer... está conformada agora?

Ela deu um risinho e disse:

— Posso ficar aqui? Faz tempo, faz muito tempo, tanto tempo, que não sinto tanta paz. Eu já não aguentava aquela vida, sempre via vocês passarem, cantando felizes da vida. Cheguei até a debochar de vocês inicialmente. Depois acho que acabei sentindo inveja, pois vocês estavam tão entretidos com alguma coisa, enquanto eu... eu ficava por aí vagando... e quando consegui olhar nos seus olhos, Miguel... oh, sim, eu me lembro de nosso encontro... não pude resistir ao chamado divino que vi em seus olhos. Ficar naquele lugar onde eu estava é muito ruim, sabe?

— Você sabe que só permaneceu ali por tanto tempo por escolha própria, não?

Catarina abaixou os olhos, apertou uma mão com a outra, como se estivesse meio aflita, meio impaciente, e respondeu “sim, eu sei, compreendo agora que tudo em minha vida foi obra minha, só não entendo de todo por que não acordei antes de toda aquela loucura”.

Sentei-me numa cadeira a seu lado e lhe disse “não sabe mesmo?”.

Respirei fundo, sem olhar para seus olhos, pois percebi que ela estava chorando, silenciosamente.

— Oh, Miguel — falou por fim, após alguns minutos que pareceram horas —, entendo que eu não era madura o suficiente para ser menos teimosa, menos cega, menos prepotente. Eu achava que o mundo tinha que me servir, que as pessoas tinham que fazer minhas vontades. Agora vejo quanto tempo eu perdi. Se eu tivesse sido uma filha mais atendida, uma amiga mais ligada em meus amigos, se tivesse tido mais amor para comigo mesma... oh, Miguel, como me arrependo! Quanto tempo perdido! Agora eu já não sei nem por onde começar, o que fazer... estou tão arrasada com tudo isso...

E seu choro aumentou mais ainda. Eu a interrompi, percebendo que, momentaneamente, ela corria o risco de se deixar abater pela tristeza de uma forma que não era positiva ainda.

— Catarina, fico imensamente feliz com sua presença entre nós. Tudo isso é obra de Deus, só Ele tem os méritos. E você é merecedora de todas

as coisas boas que ainda lhe ocorrerão. Descanse. Absorva da paz desse ambiente. Não se julgue. Não se machuque. Centre-se apenas nas possibilidades que se abrirão à sua frente a partir de agora. Você está entre amigos.

Percebendo que já estava na hora de terminar a visita, despedi-me dizendo-lhe que voltaria para visitá-la no dia seguinte.

— Até lá, descanse. Não pense em nada que lhe seja desagradável.

E realmente retornei no dia seguinte e em vários outros dias, acompanhando a recuperação de Catarina, estreitando com ela laços de amizade sincera.

Já se passaram três meses e ela está numa colônia que, por sinal, se chama “Colônia Santa Catarina”. Sempre que possível, vou visitá-la. Ela tem tido aulas com seu grupo de estudos, tem se sentido muito mais segura, amada por todos e, principalmente, por si mesma. Resgatou a autoestima e conseguiu, após muitas reflexões, perdoar aos pais e a si mesma.

A recuperação de Catarina pode servir de exemplo para várias pessoas, assim como na Terra a história de muitos serve de exemplo para tantos outros. Ao nos centrarmos em nós mesmos, procurarmos apaziguar os sentimentos em desalinho com o que é positivo, somos de muito mais valia para os outros e para nós mesmos. Ao transformarmos nossos sentimentos estamos dando lugares a outros sentimentos mais nobres e o plano terreno, assim como o plano espiritual, se beneficia disso também.

Nada há que não provoque um resultado. Por mais que muitas vezes a gente pense que algo que fizemos é pequeno demais para provocar algum movimento, tudo o que fazemos gera um resultado. Às vezes achamos que estamos mal e nos perguntamos o motivo, mas não há como termos uma resposta imediata para uma situação imediata se a situação imediata não existe. Cada problema que percebemos nasce bem antes do momento em que detectamos o problema. Quando alguém fica doente, a doença começou há muito tempo antes, situações foram se acumulando, coisas mal resolvidas no dia a dia foram ficando para trás, sentimentos foram sendo reprimidos, acontecimentos foram sendo ignorados. E um belo dia nós percebemos que não estamos bem. Perguntar-nos o motivo pelo qual não estamos bem acaba sendo até insano, pois a causa não se deve a um único dia, mas a vários dias antes.

E todas as coisas que nos acontecem nos levam a aprender algo, a ajustar nossos valores e atuações.

Nosso aprendizado se dá em torno de como expressar nossas questões pessoais, em como expressar raiva ou tristeza sem necessariamente projetarmos nos outros essa raiva ou tristeza de maneira a aumentá-los em nós ao invés de nos ajudar a nos livrarmos da raiva e da tristeza que podemos estar sentindo. Somos seres com particularidades que nos igualam e compete a nós lidarmos com nossas emoções de uma forma que não as aumentemos em nós.

Muitos podem dizer “mas, tal pessoa me fez isso, tal situação me provocou aquilo” e diante da raiva, da frustração, da tristeza, desses sentimentos que chamamos de negativos, muitas pessoas se sentem justificadas por descontarem essas negatividades em outras pessoas ou criando situações que vá frustrar outras pessoas. Pensam que estão fazendo isso para os outros. Mas fazem é para si mesmas, pois o resultado de tudo o que fazemos só volta para nós mesmos.

O ideal — quando percebemos que somos objetivos dessas situações e sensações que chamamos de negativas — é que procuremos minimizá-las, refletindo mais, tentando entender a nós mesmos.

Uma grande ferramenta que temos a nosso dispor — quando estamos em situações frustrantes e nos sentindo, igualmente, frustrados — é nossa respiração. Nossa respiração é nosso contato com nossa alma. E quando respiramos — no meio de situações com pessoas ou situações que nós mesmos provocamos a fim de colher aprendizados pessoais — nos conectamos com nosso espírito e, desse modo, aceleramos nosso processo de aprendizado e usamos as situações e as emoções que elas podem gerar em benefício de nossa própria evolução, que é para isso que somos, na Terra, como somos, sujeitos a tudo a que estamos sujeitos.

Aqui, no Plano Espiritual, também temos nossas questões pessoais a serem trabalhadas. E fazemos do mesmo modo. Temos orientação para isso. E não temos como dizer, quando estamos na Terra, encarnados, que nos falem orientação para isso também. Pois até mesmo um livro como esse pode ser um orientador.

Muitas vezes duvidamos da eficácia de uma ferramenta, como essa apresentada aqui, por acharmos que é simples demais ou que não conse-

guiremos agir dessa forma proposta. Mas enquanto perdemos tempo — divagando sobre eficácia ou em torno de uma incapacidade, que não existe, pois podemos fazer tudo o que nos propomos — quando o ideal é que pratiquemos. Pois sem praticar, não sabemos do resultado.

Todas as coisas já nos foram dadas por Deus. Não há impossibilidades. Não existem fracassos. O que existe, se pararmos para pensar, é nossa má vontade e empenho em encontrar desculpas tolas que façam com que nos atrasemos no caminho de nossa evolução.

As ferramentas mais eficazes são as mais simples, que podemos usar em qualquer hora, dia e lugar. E só sabemos da eficácia real delas quando as praticamos, quando as usamos, pois, a partir disso, podemos fazer mudanças, ajustes e aprimorá-las mais e mais, de maneira que — ao mesmo tempo em que fortalecemos o poder delas — também nos ampliamos em fortalecer a nós mesmos.



Dias de diversão e de trabalho

Se não estamos de plantão, a trabalho, costumamos conversar bastante durante as noites no Plano Espiritual. Sim, nesse nível de espiritualidade em que estamos aqui no Além, há as noites. E são claras, lindas, com estrelas tão brilhantes que jamais — tenho por certo — vimos na Terra estrelas iguais.

As nossas conversas são divertidíssimas, os animais sempre ficam junto de seus donos quando desencarnam, nestas horas eles podem participar das conversas, principalmente os cachorros, ficam deitados junto aos donos como se estivessem realmente entendendo a conversa.

Na nossa colônia moram muitos jovens, no meu prédio somos em vinte e três jovens: onze mulheres e doze homens. Somos todos jovens e felizes com a sensação maravilhosa de missão cumprida na Terra, pelo menos nesta última encarnação.

Todos nós tivemos a morte do corpo que escolhemos, ou melhor, que faltava para o desapareço da matéria, pois quanto mais rápida a morte, tipo a que vem sem avisar, maior a prova de que estamos cada vez mais libertos da matéria, ou melhor, vamos e voltamos da Terra sem grilos, sem apegos, de cuca fresca.

Dos nossos familiares que ficaram na Terra, só estamos separados fisicamente, mas, logo, eles vão desencarnar e aí nos reencontraremos. Só encontraremos rápido com aqueles que acreditarem em Deus, que podem até ter saído da faixa do amor, mas que voltaram a ter amor no coração.

Não precisam compreender a partida supostamente prematura, mas aceitando a vontade de Deus, sem discutir, para essas pessoas o Reino de Deus vem ao seu encontro ainda encarnados.

As coisas são mágicas, em se tratando da vida, tanto faz se na Terra ou no Além; a vida pode ser maravilhosa, com todos os problemas e dificuldades, é só fixar a mente em coisas maravilhosas, coisas do bem, e tudo se transforma.

Quando é meia-noite na Terra, sempre fazemos vibrações para a Terra, para que os encarnados encontrem a paz em Deus. Logicamente sabemos que — como o pensamento tradicional pensa — as vibrações que enviamos para a Terra não farão com que os encarnados tenham todos os seus problemas resolvidos. Entendemos, na verdade, que as vibrações que enviamos servem como estímulo, energia, vitalidade. E esses elementos podem favorecer cada um no sentido de que eles encontram mais paz, mais paciência, mais equilíbrio para ampliarem a compreensão em relação aos desafios que eles mesmos criam para aprender o que é necessário ser aprendido. E, logicamente mais uma vez, todos não recebem da mesma forma as vibrações que enviamos, pois cada um recebe a partir do próprio nível evolutivo. Por isso muitas vezes — quando falamos a respeito de que enviamos vibrações para os encarnados — os próprios encarnados, e muitas vezes alguns desencarnados ainda sem condições de ampliar o próprio entendimento, não entendem o motivo pelo qual mesmo recebendo vibrações positivas ainda continuam com as próprias vidas aos tropeços. A energia, irmãos, que enviamos, não é para resolver nada, mas para fornecer condições para vocês ampliarem suas próprias condições, a fim de vocês mesmos se sentirem fortalecidos para resolver suas próprias questões pessoais, pois não podemos interferir no livre-arbítrio de ninguém, o máximo que podemos fazer é enviar nossas vibrações positivas para que vocês mesmos tenham mais condições de enfrentar os obstáculos que criam para si mesmos.

Deus nos ama, um amor que é luz e vida. E é Ele quem nos permite ser as ferramentas que somos uns para os outros.

Em minha última encarnação na Terra, quando eu tinha uns três anos de idade, fui atropelado e cheguei a ficar praticamente embaixo do carro. Saí de debaixo do carro como se nada tivesse acontecido, enquanto minha mãe e o motorista do carro se descabelavam, tanto o desespero, pensando que eu tinha morrido. Nesse momento eu estava sendo privilegiado pela energia que, no Plano Espiritual, enviam para os encarnados. Também mi-

nha mãe e o motorista do carro. Mas eles estavam usando apenas aquilo a que se permitiam. E eu, como criança, estava usando toda a energia disponível, pois ainda estava dando mais importância ao espírito do que ao físico, já que eu tinha algo em torno de três anos de idade ainda.

Algum tempo depois, um médium a quem minha mãe estava visitando disse a ela que era para que tivesse desencarnado nesse acidente, ele não sabia o motivo disso não ter acontecido. Hoje eu sei. Tudo acontece na hora certa, no tempo certo, pelas razões certas.

Aqui também trabalhamos com os chamados meninos de rua na Terra. Embora possa parecer estranho, esses espíritos é que escolheram ter a vida que têm no plano físico. E escolhem esse papel na Terra exatamente para aprender a superar as dificuldades de vidas passadas, que não são poucas.

Os aprendizados variam de alma a alma. E podem acontecer em combinação com outras almas.

Por exemplo, um espírito, antes de encarnar, escolhe, depois de muita reflexão e preparo, nascer na Terra para passar por algumas dificuldades e, ao mesmo tempo, ajudar outros — que muitas vezes nem são moradores de rua — a atingir compreensões que não se dariam por outras vias.

Normalmente, no âmbito destas escolhas, estão situações que envolvem compaixão, autodesenvolvimento, caridade, amor, nobreza.

Muitos — na Terra — se questionam sobre o motivo pelo qual uma alma busca um papel sórdido, de sofrimento, de humilhações, para se realizar como alma, para aprender determinadas coisas.

No entanto, devemos nos lembrar de que a vida não é o que achamos que é sob nossa perspectiva física e social. Nossas vidas são bem mais do que podemos ver e julgar a partir da superficialidade.

As palavras são armas difíceis de serem usadas, pois expressam um trabalho que está ocorrendo num plano que não é físico. E como temos avidez por saber mais, acabamos nos enredando com as palavras, de modo que quando estamos falando algo, por mais que desejemos ser fiéis, muitas vezes somos mal compreendidos, pois o outro só consegue nos compreender a partir do ponto de evolução em que ele está e, quem está usando as palavras, o está fazendo a partir do próprio ponto de evolução. Por isso os mestres são mal compreendidos por aqueles a quem tentam ensinar.

No entanto, as palavras são o que de melhor possuímos, além das situações que representamos, dos eventos em que nos vemos envolvidos.

Assim, quando dizemos que a vida não é exatamente o que parece ser, apenas aqueles que estão em nível evolutivo um pouco mais adiante — e isso não tem nada a ver com a educação acadêmica social, mas com a profundidade e experiência do espírito individual — conseguem entender a partir de uma interpretação pessoal e que combina muito mais com a harmonia e o entendimento onde o coletivo se privilegia, do que propriamente a partir de interpretações (ainda pessoais, no entanto) que levem a maus resultados, raivas, difamações, angústias e todos os outros sentimentos negativos que só fazem atrasar mais a evolução do próprio espírito e dos outros de nossa raça.

Para a alma, ser uma criança de rua, ou um morador de rua, não implica em algo negativo, pois a alma não visa o bem-estar social primariamente. Ela se utiliza do bem-estar social como ferramenta para adquirir a sabedoria à qual ela é destinada.

Estas são todas condições através das quais ela se amplia.

Muitos podem dizer “por que a alma não escolheu nascer em berço de ouro, ter uma vida de glória e, finalmente, sair desse plano como um ser abençoado?”. E nós do plano não físico constatamos que as dificuldades é que burilam a alma. E que o que os encarnados chamam de problemas são para a alma apenas condições a serem aproveitadas para que ela evolua. Mais a mais, é o que estamos fazendo quando estamos na Terra, estamos todos tentando ser melhores do que somos, a alcançar situações físicas e sociais privilegiadas, e trabalhamos com esses elementos aprendendo com eles. E as dificuldades que surgem no meio do caminho, ou no início, ou no final, são sempre pontos de partida para essa vida melhorada. E através desse desejo de termos vidas melhoradas é que estamos fazendo o caminho que mais importa, que é o do autoconhecimento e da autorrealização. E nascer já em berço de ouro ou em meio a quaisquer condições que a vida pode nos apresentar não é algo passivo, que venha sem escolhermos, mas realidade que nós mesmos construímos ao longo de nossa jornada pessoal de espírito, pois tudo o que temos hoje é resultado de quem temos sido desde que nossa semente foi solta no Universo a fim de completar a glória da existência.

Todos nós, como espíritos-irmãos, temos nossos deveres uns com os outros, e também com os menos favorecidos, pois ninguém evolui sozinho, essa é a Lei da Vida.

Se cada um de nós faz a própria parte, a realidade se modifica muito mais rápido do que supomos. E não devemos esperar ver o outro fazer para começarmos a fazer a nossa parte. Fazer a nossa parte é uma escolha pessoal. E fazemos nossa parte no dia a dia quando lidamos com nossa vida, quando atendemos ao mais próximo de nós, quando atuamos de maneira dinâmica independente de nos dedicarmos à gleba necessitada ou não.

Embora digamos que estamos dando bens materiais para as pessoas, estamos fazendo mais do que isso quando nos dispomos a orientar o próximo, a colaborar com ele para que ele aproveite melhor a própria encarnação. Os bens materiais são apenas expressão do desejo de ver o outro no mesmo degrau em que estamos para, aí sim, continuarmos evoluindo juntos.

Não se trata de dar esmolas, pois quando damos esmolas, apenas nos compadecendo do outro, não estamos trabalhando com o verdadeiro sentido da perfeição do outro e da perfeição de Deus, pois Deus não criou ninguém menor ou maior. Deus nos criou a todos iguais. Com as mesmas capacidades. E se representamos papéis diferentes, isso ocorre porque cada um — a partir do idealizado no plano não físico — está empenhado em colaborar com a luz do próximo no aprendizado do que é necessário para amadurecermos como espíritos perfeitos que somos.

Assim, não se trata nem de sermos perfeitos, pois isso já somos, mas de amadurecermos a perfeição que já somos.

Logo, dar esmolas é fácil. E o trabalho de amadurecermos a luz que somos é, de certo modo, mais complexo, pois atrás do ato de dar a suposta esmola existe a questão do amor, de reconhecer o outro como um indivíduo igual à gente.

Embora atualmente, na Terra, pareça ser mais fácil dar um prato de comida para um cachorro do que para uma pessoa, temos que observar o fato de que, ao usarmos justificativas tolas para cuidarmos melhor dos animais do que de nossos semelhantes, o que estamos fazendo é justificar nosso endurecimento de coração e de consciência.

Espíritos que escolheram estar na Terra com dificuldades como as de serem moradoras de ruas geralmente são almas necessitadas que não souberam dar e nem receber amor em vidas passadas.

E podemos transformar a Terra ao pensarmos nessa possibilidade (para muitos) e nesse fato (para nós, espíritos, que — do lado de cá — temos acesso a essas informações).

Dedicarmo-nos a trabalhos voluntários na Terra é uma maneira especial de participar desse processo de enriquecimento do espírito de nosso irmão. Pois aqui no plano espiritual todo trabalho é voluntário também. E temos nossos créditos aqui no plano espiritual, como acontece na Terra também. E mesmo que não nos dediquemos a trabalhos voluntários, podemos ampliar nossa visão para nos estendermos além do que somos, percebendo que a Vida é mais rica, generosa e misteriosa do que supomos quando estamos em nossos corpos carnisais.

Contamos com o passar do tempo, na Terra, como um medidor das oportunidades que ainda podemos ter ao nos comprometermos a sermos mais do que achamos que somos. E não podemos nos dar ao luxo de perdermos tanto tempo no que concerne a participar desse processo fabuloso de sermos mais irmãos do que estranhos. A qualidade de nossa evolução depende dessa visão.

E podemos desenvolver nosso trabalho em diversas frentes. Aqui no plano espiritual nós aproveitamos nossas habilidades para trabalharmos na evolução da humanidade — tanto daqui quanto da Terra — com os recursos que temos e somos. Na Terra pode ser feita a mesma coisa. Em qualquer área profissional a pessoa pode colaborar com o bem-estar da nação, do Estado, da cidade, do bairro. E a partir daí é que a Terra se torna um lugar muito melhor para se viver. O que significa que outros espíritos que chegam a ela terão ampliadas suas chances de aprendizado e não precisarão se prender a reencarnações sucessivas.

Entendam, meus irmãos, melhorar o planeta — a partir de nossa zona mais próxima de atuação, que é o lugar onde moramos ou trabalhamos — também contribui com a melhora do plano espiritual. É um trabalho em conjunto.

Eu me lembro de que quando minha mãe se separou de meu pai, fomos morar em Diadema e fui — saindo de um colégio particular — estudar

num colégio do Estado. No mês das férias eu fui de avião para a casa de meu tio em Recife/PE. Foram férias — para a sociedade terrena da época — privilegiadas, pois além de andar de avião, eu estava habituado a visitar lugares considerados de elite, a comer mais que arroz e feijão. E quando voltei das férias, na sala de aula, o professor começou a fazer um discurso inflamado contra o governo, dizendo que a maioria das pessoas do povo não tinha certos privilégios que deveriam ser concedidos a todos.

No meio de seu discurso, ele perguntou às crianças “quem aí já andou de avião?”.

E ninguém levantou a mão.

Tampouco eu.

Ao chegar em casa, contei esse fato à minha mãe. Ela ria gostosamente, como sempre faz, e me perguntou “ué, Miguel, por que você não levantou a mão, meu filho?”.

Eu disse a ela “eu não sou louco, o povo vai pensar que é mentira minha, mãe”.

Pois é o que acontece, diante de discursos inflamados, que pouco contribuem para a evolução do espírito, pois é faltoso de respeito para com os governantes, que são espíritos também em aprendizado e responsáveis pela evolução social de seu povo, nos empenhamos muito mais em denegrir do que em ajudar as pessoas a sonharem com um futuro melhor, com ideias melhores, com posturas mais aperfeiçoadas.

O que se faz normalmente é inflamar os ânimos com emoções dezarzoadas que não levam a nada a não ser colocar o espírito — enquanto está no plano terreno — a levantar angústias e desprazeres que em nada contribuem com a evolução social e espiritual.

Ao invés de usarmos nosso tempo para aprendermos, para nos aperfeiçoarmos, preferimos muitas vezes usá-lo para desabafar nossas angústias — que ocorrem simplesmente porque não conversamos com nosso espírito, abrindo a porta para que não nos privássemos da luz com que nossa contraparte espiritual pode banhar, ampliando, assim, nossa compreensão do que não entendemos naquele momento.

E quando não usamos nosso tempo para aprendermos, para nos aperfeiçoarmos em nossas próprias áreas de trabalho, por exemplo, acabamos

por sermos profissionais mal preparados, cidadãos a quem falta um algo mais, seres humanos utilizando nem metade da capacidade que possuímos. E nosso espírito se vê mais impedido de colocar em prática suas capacidades quando dificultamos, através do valor que damos às ações e opções egocêntricas, a atuação dele. E isso, claro, não permite que nosso desenvolvimento, como um todo, ocorra com a agilidade que poderia ocorrer.

Quando nos limitamos a fazer o que chamamos de desabafos, simplesmente pouco crescemos, desperdiçando o tempo — essa dádiva preciosa, quando sabemos usar — com um comportamento que só faz atrasar nossa evolução e aumentar nosso sofrimento. Mais ainda aumentamos nosso sofrimento, aliás, quando desvirtuamos outras almas que se encontram em nosso espaço, ao incutir nela a nossa visão distorcida sobre a realidade. Como vemos, somos nós que criamos nossos infortúnios, e de maneira tão sutil que pouco percebemos, já que valorizamos, de um modo quase geral, muito mais o que é superficial.

Quando desencarnamos ficamos sós, como se estivéssemos dormindo com nossas verdades. E quando encarnados também nos encontramos em nosso estado de ser completo — de espírito, que é o que essencialmente somos — e ajustamos pensamentos, desejos, atitudes. No entanto, se não sabemos aproveitar, aqui na Terra, essas oportunidades que idealizamos no espírito, atravancamos o próprio caminho. Assim, é um trabalho de paciência o da alma — que é o que somos — em direção ao processo da evolução, pois muitas vezes plantamos à noite, quando estamos dormindo, e derribamos toda a plantação quando estamos acordados, no plano físico.

Ao aventarmos essa possibilidade (para os que não acreditam), ao aventarmos esse fato (para os que acreditam), podemos redobrar nossa vigilância, não acham?

Infelizmente, nem tudo podemos falar num espaço como esse, o de um livro, pois — como eu disse em relação às palavras — muitas coisas que aqui aprendemos são interpretadas de outro modo no plano físico. E, fora isso, ainda há a questão de cada espírito aprender por si mesmo. E quando tentamos, aqui no plano não físico, argumentar essa orientação dada por nossos mestres, eles nos dizem que há tantos recursos na Terra já. E que mesmo assim, quando encarnados, insistimos em desprezar, desacreditar.

Ao invés de fazermos uma reflexão sobre a possibilidade destas verdades realmente serem verdades, quando encarnados preferimos dar atenção à nossa vida material e, por isso, levamos muito mais tempo para compreender o que poderia ser aprendido aqui nestas linhas mesmo, aqui no que está sendo permitido que eu comunique.

A vigilância que é possível ter quando na Terra não tem a ver com ir à igreja, a cultos, a centros espirituais. Não é disso apenas que falo, pois ir a esses lugares é apenas mais oportunidade de termos acesso aos materiais e mensagens que nos aproximam da condição espiritual. A vigilância da qual falo aqui é aquela que tem a ver com o controle da própria mente, com a observância das próprias emoções, do direcionamento pessoal para o próprio bem. E da sintonia constante com Deus, que é a Vibração de Vida maior, espalhada em todo o ambiente terreno que nos cerca.

De um modo geral, não há desculpas, tampouco segredos na vida. Tudo o que há para ser sabido, aí está. Basta que tenhamos a postura adequada para apreendermos tudo o que há para sabermos. E muitas vezes queremos saber do que chamamos de tudo. Mas não temos a postura adequada para aceitar, pois nossa postura é de reclamação. E já sabemos que reclamação não leva a nada. E a maioria continua reclamando. Começar a se questionar a partir dessa conclusão já é um bom começo para se abrir as portas que vivemos dizendo que gostaríamos de ver abertas, as portas da percepção.

Viver em paz com as opções que fazemos, sejamos pais, mães ou filhos, é condição importante para liberarmos o cérebro para descobertas maiores, pois a paz é permissão para que a vida se desabroche à nossa frente.

E independente das opções que fazemos, mesmo sem termos lembranças vindas do cérebro a respeito delas, fomos nós quem as fizemos.

Embora as almas façam a opção de serem mulheres, por exemplo, e se sintam inclinadas a compreenderem mais rapidamente coisas que estão a seu alcance, exatamente por causa da cultura em que são criadas e das condições próprias do país em que escolheram encarnar na Terra, isso não significa que o papel escolhido de ser homem, quando encarnado, não coloque à disposição destas almas as condições necessárias para os aprendizados necessários.

E embora as mulheres, sendo de uma forma geral mais carinhosas, tenham certas facilidades em se ampliar, por usarem o lado da sensibilidade com maior liberdade, também os homens podem refletir a respeito da sensibilidade mais afluada para entender a vida com essa postura, quando assim necessário.

Normalmente o que acontece às almas é que elas escolhem o gênero sexual com o qual nascerão na Terra. E essa escolha obedece a esquemas relacionados ao que podem aprender estando no papel que escolheram.

Assim, desempenhamos muitas vezes, nas sucessivas encarnações, papéis de homens e mulheres, de mães e pais, de filhos e filhas.



Ninguém realiza nada sozinho

Nosso bate-papo diário aos fins de tarde e começo de noite atualmente giram ao redor da Pat.

A Pat desencarnou com quinze anos, foi atropelada por um caminhão desgovernado, sem freios, quando ela pedalava sua bicicleta, próximo à sua casa. O desencarne foi instantâneo.

A Pat é fantástica, muito lúcida. Chegou aqui há três meses em termos de data terrena, um pouco depois de mim.

A família dela ficou chocadíssima, entrando em desespero. Dessa forma, ela, por sua vez, não conseguiu receber nenhum sentimento de conforto vindo da família. Só que a Pat é um Espírito muito evoluído, e não se deixou afetar pelas ondas de perturbação que os parentes mandavam mesmo sem querer.

Esse “sem querer” é tão estranho que me sinto igualmente estranho ao pensar nisso, pois esse “sem querer” decorre de uma falta de compromisso real com a própria vida e com a própria fé que as pessoas dizem ter em Deus. E mesmo as pessoas que não confiam em Deus não deveriam agir dessa forma, já que deveriam ter por base a lembrança, nesses momentos, de que a vida possui esses dramas desde que o mundo terreno é terreno.

Os parentes pensam que estão fazendo o bem agindo da forma desesperada como agem quando em situações tidas como atroztes? A quem estão fazendo bem?

Sim, como já disse, é natural que se sofra, mas arrastar-se no sofrimento, mudando tanto a própria vida e atrapalhando o prosseguimento da evolução do encarnado, é motivo para isso?

E, sim, as pessoas, muitas vezes, não têm noção do motivo pelo qual sofrem da maneira que o fazem. Mas o trabalho que estamos fazendo, nós do plano espiritual, não é informação que valha a pena ser considerada?

Muitos misturam sentimentos pessoais com sentimentos de piedade religiosa, confundindo-os, resultando em que se sentem justificadas por estarem sofrendo, acreditando que pelo sofrimento conseguirão ser recompensadas com a felicidade futura. Porém, não há o certo ou o errado, mas resultados compreensíveis e praticamente factíveis. E o resultado de anos desperdiçados na alimentação do sofrimento, fortalecendo-o, nos dá os piores resultados, já que a lentidão com a qual se evolui é escancaradamente visível.

Se nós optamos por uma filosofia do não sofrimento? Podemos concordar, pois realmente nada há que valha no sofrimento arrastado por anos a fio. E se percebemos isso quando chegamos no chamado fim da linha, por que não perceber isso agora e comprometermo-nos com o não sofrimento?

Veja, a proposta não é nos tornarmos seres duros, frios, capazes de escarnecer da dor alheia, mas de vermos os eventos que nos acontecem sob outra perspectiva. Uma perspectiva melhorada, ampliada, que realmente faça com que voltemos nossa atenção para o que nos faz crescer, não para o que estorva nosso crescimento.

Ao não se conformar com a chamada perda dos desencarnados, não apenas os encarnados sofrem, mas sofrem também os que desencarnaram, quando possuem a mesma natureza da preocupação pelos que ficaram. O trabalho acaba sendo redobrado, tanto de espíritos que precisam auxiliar os que estão na Terra quanto de espíritos que precisam auxiliar os que estão do lado de cá.

Estamos fazendo nosso trabalho do lado de cá e do lado daí. E com amor e esperança. E alertar nossos irmãos que estão na Terra faz parte desse trabalho. Não é questão apenas de nos livrarmos desse trabalho. E sabemos que se não houvesse esse trabalho a ser feito, poderíamos nos dedicar a muitos outros. Mas não mantemos nossa atenção nisso. Como espíritos, não nos compete pensar num próximo trabalho a ser realizado quando do fim de um atual. Cabe-nos fazer o nosso trabalho da maneira mais honrosa possível. E é o que fazemos.

Todos nós temos que nos preparar — quando na Terra — para a separação física que, cedo ou tarde, chega. E se alguém aqui deve ter pena de alguém, com certeza não é dos irmãos que desencarnaram, pois estes estão seguindo sua evolução da maneira mais apropriada. Ao fazer um autoexame, observar suas ações, seus comportamentos, os encarnados chegariam a ter pena é de si mesmos, não dos filhos que dizem ter perdido.

Embora os encarnados digam que nada temos, por isso nada perdemos, esses jargões só servem para os outros, nunca para eles mesmos. Isso é muito claro quando os vemos em situações de suposta perda de um ente amado. Assim, se os encarnados se limitam a repetir palavras que para eles mesmos são sem sentido, acabariam por ter pena de si mesmos por serem tão falsos consigo mesmos, pois a verdadeira lição a ser ensinada é aquela que deve primeiro ser vivida pela pessoa que ensina. E aquele que está usando seu tempo em vivenciar aquilo que ensina, pouco tempo tem para ensinar aos outros através de palavras. O verdadeiro ensinamento acontece através do exemplo. E o exemplo se dá através da vivência pessoal daquilo em que se diz acreditar. E se há algo em que a pessoa diz acreditar, essa fala do “eu acredito” só pode ser real se a pessoa estiver vivendo realmente aquilo em que diz acreditar.

Nós, que desencarnamos, estamos na Casa de Deus, em suas Colônias, com nossos irmãos, aprendendo, nos preparando para aprendizados futuros. E não precisamos de pessoas nos chamando a atenção com seus sofrimentos desmedidos.

A família da Pat só a deixou em paz agora, uns oito meses terrenos após o seu desencarne.

Nós, do grupo de trabalho espiritual, íamos diariamente à casa dos pais dela a fim de ministrar passes energéticos, até que finalmente conseguimos inspirá-los a irem a um Centro Espírita. Não temos nada contra as outras religiões, pois entendemos que todas as religiões são recursos que ajudam as pessoas a terem uma visão espiritual mais aclarada. Mas, em trabalhos como esses, escolhemos sempre inspirar a pessoa para o lugar onde ela poderá ter um consolo maior. E na Terra, atualmente, é o espiritismo que melhor faz esse trabalho, dando respostas sobre a morte física, permitindo a comunicação entre encarnados e desencarnados com

laços familiares através da psicografia, que são as mensagens recebidas por médiuns e transmitidas aos familiares. Assim, para esse tipo de trabalho, são os espíritas — na Terra — que escolhemos, e de acordo com a reputação do lugar, pois existem centros que não honram o trabalho que fazem. Logo, assim como pesquisamos a reputação dos lugares para os quais inspiramos que vá a pessoa ou família que estamos ajudando, também os encarnados precisam pesquisar a reputação do lugar para onde está se dirigindo.

Não adianta, meus irmãos, ninguém faz nada sozinho. É sempre um trabalho de duas mãos.

Sei que muitas pessoas, estando na Terra, gostariam de ter um espírito só para elas, indicando a elas o que fazer, o que comer, o que beber, o que vestir, o que dizer. Mas isso não é um desejo divino. O desejo divino é que cada um tenha sua própria autonomia e que trabalhe em conjunto, pois Deus e toda a Sua criação não é individualista, embora se desenhe pelo que é uno, não permitindo que nada nessa criação seja igual, repetida.

Mais a mais, se houvesse um ser que tivesse que ficar à disposição de outro, como ele cuidaria da própria evolução? Como seria possível que ele abdicasse de si mesmo em prol de outra pessoa tendo que viver a vida dele e a da outra pessoa?

Podemos até imaginar que o fato de um espírito de tal porte atingir a evolução fosse exatamente servindo ao espírito encarnado, mas o que esperar da evolução de um encarnado se ele se ancorasse tanto assim num espírito desencarnado?

Realmente, quando paramos para pensar, observamos que isso já ocorre, pois temos — tanto na Terra quanto no Além — espíritos que se desvelam por nós.

Mas o ser humano almeja mais, normalmente a escravidão de um em função dele. E isso, definitivamente, vai contra tudo o que aprendemos como justiça e, principalmente, como amor.

A Pat mandou uma mensagem para os pais, com os nomes dos irmãos dela na Terra, que a médium nem sabia. E outras chamadas provadas que só os pais poderiam saber a fim de identificar a mensagem como da própria Pat.

No momento em que a médium leu a mensagem, os pais choraram muito emocionados, sentiam a presença da Pat naquela hora. Estavam tendo a prova de que a filha deles estava viva. Aí, sim, caíram na real e começaram a pensar mais nela, mas com amor, sem revolta e sem trazer à tona as lembranças do acidente. E sei que vão continuar assim pelo resto de seus dias na Terra, pois o trabalho feito por nós, a mensagem da Pat e a própria compreensão dos pais fizeram com que a esperança renascesse em seus corações.

Se todo pai ou mãe soubessem o quanto podem nos ajudar, e o quanto podem ajudar a si mesmos, aposto que se conformariam mais rapidamente com o desencarne de seus filhos.

E sei que é por isso que me permitem escrever esse livro através de minha mãe, para passar a mensagem de que sofrimento em excesso gera desequilíbrio e mais atraso no caminho da evolução tanto de encarnados quanto de desencarnados.

Não pensem que sou um espírito melhor que os muitos que aqui estão apenas porque consegui enviar minha primeira mensagem com dez dias de desencarnado após um assassinato. Há muitos aqui que chegam pelas mesmas vias e ficam vagando por vários anos, inclusive.

A única diferença é que minha mãe me deu toda força e apoio no meu desencarne, já que se manteve pensando em mim como um ser que estaria sendo acolhido pelos mestres orientadores e que eu receberia toda luz necessária para a minha evolução. Isso foi muito importante para que eu não sofresse pelo desencarne e que, estando amparado por toda energia que ela me enviava através de suas orações, pudesse buscar o melhor para mim, que foi, naquele momento, deixar-me ser guiado pelo equilíbrio, harmonia e amor.

Minha mãe não ficou fazendo perguntas a Deus, inconformada com meu desencarne. E isso me ajudou muito, vocês nem imaginam o quanto de sofrimento ela me poupou ao agir assim. E por isso é que sei que nosso reencontro, quando do desencarne dela, será imediato, pois sei que ela é um espírito equilibrado e todo equilíbrio encurta a distância entre semelhantes igualmente equilibrados.

E, como gosto de dizer, quando nos reencontrarmos, dançaremos nas estrelas, tendo o firmamento como manto.

É, gosto de poetizar de vez em quando. Quando estava na Terra eu gostava de escrever poesias para as garotas também. Os amigos daqui pilheriam comigo de vez em quando. Mas é que sou um espírito totalmente romântico. E assim como há romantismo na Terra, aqui também não é diferente. E se podemos aproveitar nossa veia poética, que o façamos em qualquer lugar. Seja na terra, seja no céu, seja em qualquer lugar.



Características dos Planos

Em nossas saídas para trabalho no Umbral vemos coisas que ninguém, nem mesmo nós que somos aprendizes, imagina ser possível. Pois como trabalhamos ainda com a mesma concepção mental terrena, fatos que surpreendem os da Terra também nos surpreendem.

Trabalhamos no orbe dos espíritos terrenos. E, sim, há os que trabalham em orbes que não são os destinados aos terráqueos. E nada me perguntem sobre estes, pois nosso trabalho se limita aos espíritos terrenos, como acabei de dizer.

Os que já trabalham há muito tempo por aqui não chegam a necessariamente se surpreender, pois é como se já tivessem visto de tudo. E não à toa são os que mais nos ajudam a compreender, aceitar e ampliar as lições adquiridas de todas as experiências que temos quando estamos a campo.

Manter o equilíbrio energético é fundamental para podermos auxiliar os que sofrem.

No umbral tem de tudo, até espíritos que desencarnaram crianças. Não são propriamente crianças, mas espíritos muito antigos que encarnaram como crianças e acabaram desencarnando ainda no estágio da infância terrena e assumiram essa forma aqui no Umbral e assim continuam.

Estes são espíritos que possuem uma resistência muito grande em evoluir, em crescer para a luz.

Os orientadores que nos acompanham a estes trabalhos nos orientam a reconhecer espíritos assim, pois nós, aprendizes que somos, podemos muito bem tomar estes espíritos como se fossem seres inocentes e cair na lábria deles.

Nosso instrutor se chama Joaquim. Ele tem uma aparência de uns quarenta anos de idade. Imigrante português, foi para o Brasil, quando encar-

nado, aos dez anos de idade, com os pais. Sua última encarnação ocorreu assim que o Brasil foi descoberto.

Ele é uma pessoa superamável, muito gentil e educado.

Ele diz que no umbral estes espíritos se comportam de um jeito, recusando a ajuda de qualquer um, só têm pensamentos sombrios e roubam uns aos outros, passando-se por quem não são. E quando reencarnam só fazem o que não presta.

O espírito que permanece com a aparência de criança, mesmo sendo espírito muito antigo, tem um olhar desconfiado, que realmente uma criança na Terra não tem.

De acordo com o irmão Joaquim, que já trabalha há séculos resgatando almas do Umbral, estes espíritos são pequenos, irão crescer um dia, mas por enquanto não conseguem sair do estado em que estão por não terem percebido que há grande prazer na evolução pessoal.

Quando recolhemos estes e tantos outros espíritos, levamos para o pronto-socorro do umbral e muitos deles são acolhidos pela Tia Cida. Ela é uma senhora encantadora, sempre sorridente e bem-disposta. Trabalha como orientadora no pronto-socorro a que costumamos ir. Ela acolhe os espíritos com tanta dedicação que impressiona a todos, orientando os espíritos a ficarem bem, a terem bem-estar.

Toda vez que retornamos do umbral ela nos serve uma sopa bem-feita e, enquanto nos alimentamos, ela nos deixa para acolher os espíritos que precisam de seus cuidados.

A docilidade de Tia Cida parece ficar impregnada nas paredes do refeitório. Como mais com os olhos do que com a boca, já que aprendi que uma única refeição me é suficiente. Aos poucos aprendo a superar as antigas necessidades do corpo material. Pouco preciso do que precisava antes.

E no plano espiritual é assim, aos poucos vamos nos desabitando dos costumes antigos. É assim que até nossas concepções sociais terrenas vão sendo substituídas por outras e vamos sutizando nosso corpo enquanto nossa memória é aberta e nos damos às nossas reflexões que serão bastante úteis se tivermos que abraçar uma nova encarnação. E não é que eu aprendi o que o espírito precisa, é só que tenho lembrado coisas que sempre soube.

A sopa da Tia Cida é fantástica, tão gostosa quanto a macarronada que minha mãe fazia. No entanto, estas preferências vão ganhando outra importância para nós, desencarnados. Um alimento é um alimento, um sabor é um sabor. E a vida não é feita de alimentos, mas de sabores. É como se nos sabores houvesse outra realidade, tão recheada de prazeres quanto a que conhecemos a partir do alimento sólido que divide conosco a sensação que ele possui. E sei que pareço meio estranho falando disso para os encarnados. Sei que a maior parte, senão tudo, do que eu falar a respeito das experiências no Além parecerá inadequado, como se eu tivesse surtado. Por isso os desencarnados evitam falar algumas coisas quando têm a oportunidade de se expressar pelos livros ou cartas que fazem chegar à Terra. E por causa disso a literatura emitida pelos desencarnados acaba ficando insossa, como se falássemos as mesmas coisas, chovendo no molhado, sem revelar muito de novo, pois sabemos que somos mal compreendidos ao tentarmos descrever as maravilhas do Além.

Aqui no Além sou bem mais feliz do que na Terra, o prazer que tenho aqui é intraduzível.

Aqui, quando removemos as barreiras que estão em nossas próprias mentes, o paraíso surge com força total, pois toda nossa percepção se amplia e somos capazes de vivenciar situações e sentimentos com tal força que apenas a palavra “felicidade” encontra um eco, ainda que pálido, para os encarnados.

Se vocês, encarnados, pudessem ver como somos felizes, as tolices realizadas na Terra, como guerras, marginalidade, fome, inveja, sentimentos mesquinhos, desapareceriam da face da Terra a partir do comportamento de cada um, pois tudo isso é ilusão e se as pessoas insistem, com suas justificativas, em perder tempo com as mesquinhas com as quais perdem seu tempo, é só por ignorância que o fazem. Mas essa ignorância é de escolha própria. E cada um colhe da semente que planta. E para si mesmo.

Hoje mesmo estava falando com o Ricardo. O Ricardo, quando na Terra, estava fazendo uma festa para comemorar seu casamento com Vivian. Jovens, bonitos, ricos, ele e sua noiva tinham tudo para serem felizes na Terra, aos olhos dos homens nada lhes faltava. A festa foi belíssima. Mas na viagem que fizeram para a cidade onde foram passar a lua de mel, ocorreu

um grave acidente de carro e o Ricardo desencarnou com vinte e seis anos de idade.

Ricardo penou bastante após desencarnar, vagou durante muitos anos terrenos com saudade da esposa e também com o sentimento de saudades dela em relação a ele.

Quase que o Ricardo enlouqueceu de vez aqui no Além. Os familiares dele também não conseguiram ajudá-lo em muito, já que também se entregaram ao sofrimento atroz. O sofrimento colocou mais lenha na fogueira, a lenha do não conformismo, do egoísmo, do desespero, da falta de fé nos desígnios de Deus. Faltou amor nesse caso. E, nesse caso, amor é aceitar o desencarne, respeitar a vontade de Deus.

Quando Ricardo conseguiu se afastar da dor e perceber que, assim como a vida continua na Terra, também continua no Além, conseguiu ser resgatado do Umbral, conseguiu começar a colocar suas ideias em ordem e a compreender o plano maior que a Vida tem para cada um de seus filhos.

Aos poucos Ricardo foi aprendendo a amadurecer e a usar o sofrimento como alavanca para o crescimento, para aliviar a própria dor e a dor dos familiares que ainda estão na Terra.

Conforme o tempo vai passando, conseguimos olhar para a vida terrena sem o apego que temos quando estamos na Terra, e mudamos nossa perspectiva, valorizando outros elementos, o que seria muito difícil de colocar em palavras para os encarnados.

Muitos chegam a pensar que a vida no Além é insípida, sem prazer nenhum, mas como explicar que no plano espiritual nossa felicidade é constante se comparada à da Terra, que se caracteriza por momentos de alegria que são passageiros demais tanto em duração do evento quanto na emoção que consigo carregam?

Hoje, depois de dezesseis anos, sua esposa já se casou com outra pessoa e é feliz.

Ricardo vive na mesma colônia em que eu vivo, ele é muito brincalhão, fala sempre que o marido de sua esposa — que é primo carnal dele — tornou-se seu melhor amigo, pois fez com que ela parasse de levar a ele, Ricardo, ao mesmo acidente todos os dias, já que ela não parava de pensar nisso. Automaticamente, todas as vezes em que ela trazia esse fato à tona,

Ricardo se sentia puxado para a mesma situação e revivia toda a amargura novamente.

O melhor é nem pensar nas circunstâncias que cercam o nosso desencarne, pois todas as vezes em que um encarnado próximo evoca essa lembrança, por causa da força dos laços que temos uns com os outros, também nós nos sentimos atraídos para o sofrimento que também está embutido nessa lembrança.

O que pedimos, do lado de cá, é até um certo respeito, pois se as circunstâncias de nossa chamada morte já não é o acontecimento principal de nossa vida, por que assim tem que ser para quem ficou na Terra?

Não tem sentido prático nenhum. Nem do ponto de vista físico, nem do ponto de vista não físico.

Quando consideramos que tudo passa, que todas as formas de argumentação passam, o que permanece é apenas o amor, essa dádiva divina. Assim, o que permanece é sempre a opção pela felicidade e a escolha pela felicidade é sempre opcional, mesmo depois que tiramos de nossa frente a necessidade de explicações que obedecem aos argumentos utilizados para alívio de nossos anseios mais profundos e das dúvidas que nos movem.

Se nos motivamos, se nos questionamos, é sempre para a felicidade pessoal que o fazemos. E é tão simples continuarmos no caminho, em prol da felicidade que escolhemos, fazendo cair por terra qualquer necessidade de explicativas e argumentos, que até nós mesmos — encarnados e desencarnados — conseguimos aceitar que o mais importante é o respeito e o amor para conosco mesmos e para com os demais.

Mantermos um coração limpo, sem o veneno das emoções negativas, sem o dolo da maldade, da inveja, da preocupação, do ciúme, da saudade desenfreada, é caminho fácil a se seguir. Basta que optemos por isso e, à luz dessa escolha, começarmos a viver a própria vida sem nos entregarmos a essas inutilidades.

Para cada sentimento há sua contraparte desequilibrada. Assim, sentir saudades é saudável, mas estressar a saudade que se sente é negativo. Sentir amor é saudável, mas levar esse amor às raias do exagero acaba por ser doentio.

Logo, nós mesmos, a partir da análise do próprio comportamento, podemos nos elevar dando lugar apenas ao equilíbrio.

A qualidade de nossa vida — tanto na Terra quanto no plano não físico — é reflexo das lições que sabemos precisar aprender para nos ampliarmos em espírito. E à nossa disposição estão todos os recursos necessários a esse aprendizado.

Por exemplo, quando diante de dificuldades financeiras, aprendemos a usar nossa prosperidade com parcimônia e ajuizadamente.

Quando diante de doenças do corpo físico, aprendemos a respeitar e valorizar o veículo com o qual contamos para termos nossa experiência nessa faixa de realidade, que é o planeta Terra.

E estes argumentos a respeito de valorizarmos o que temos, mesmo quando não temos a condição que temos que valorizar, não são, como muitos podem achar, “conversa pra boi dormir”. O sentimento, tanto aqui no Além quanto na Terra, é fundamental. E não se trata de ter pensamento positivo. Há mais implícito nisso. Trata-se de sermos mentalmente mais saudáveis, pois valorizar o que temos, mesmo quando não temos, tem a ver com prosperidade como um todo, já que a partir do pensamento equilibrado é que conseguimos produzir mais equilíbrio.

As “dicas” que estou dando aqui, e há muitas nas entrelinhas, são dadas com a permissão de meus superiores, são ajudas de irmão para irmão. E enquanto, enquanto encarnados, não soubermos o valor destas dicas praticando-as — pois é assim que valorizamos tudo o que temos, através da prática — não temos como receber outras, pois muitas das práticas que levamos à realização nos coloca num estado de maturidade pessoal que abre caminho para outros ensinamentos, pois existem ensinamentos que só nos são liberados quando podemos lidar com estes que, em sua maioria, ainda não foram aprendidos em sua raiz.

Dizemos que aprendemos teoricamente não é aprender de fato, pois o verdadeiro aprendizado se mostra na prática, já que a partir da prática é que vamos fazendo ajustes de acordo com quem somos, o que nos leva a sermos diferentes do que somos. E, daí, sim, é que outros aprendizados são passados para nós. Nisso consiste, também, a evolução pessoal e coletiva como um todo.

Não podemos nos permitir encararmos a realidade física como a única existente, mesmo diante de uma situação atual onde, na Terra, não existam máquinas para comprovar os eventos de acordo com o modelo sistematizado que os espíritos desenvolveram na Terra. Não se trata apenas de ter ou não ter fé. Trata-se de exercermos uma conscientização muito mais ampla, fruto de uma mentalidade que já superou a própria necessidade desempenhada pelas máquinas.

A sensibilidade deve ser respeitada e explorada no sentido de vermos além do que nossos olhos podem mostrar, pois que nossos olhos nos mostram apenas o que nos permitimos ver.

Aqui no Além temos Maria Julia, uma irmã muito querida, que, impaciente, esperava a chegada de seu pai ao Plano Espiritual. Seu pai era muito materialista. E ela sabia, por causa disso, que seria muito difícil a chegada de seu pai naquele plano. Na Terra eles viveram como pobres, sendo muito ricos financeiramente, pois seu pai não suportava gastar dinheiro, sendo uma pessoa muito avara. À simples ideia de gastar dinheiro extra, começava a passar mal fisicamente, com crises de nervosismo e depressão, pois se sentia surrupiado, usurpado de sua identidade, já que sentia que seu dinheiro era uma ferramenta que o fazia reconhecido e respeitado no plano terreno.

Maria Julia havia tido uma vida difícil, trabalhou a “não revolta” desde muito cedo, aprendeu a confiar mais e mais em Deus como ferramenta de identidade pessoal. Ela chegou a nos contar muitos fatos que ocorreram em sua curta vida na Terra. Tinha e tem uma fé muito grande. E isto, muitas vezes, fez com que todos de sua família a diferenciassse, mas ela fazia questão de continuar sendo uma pessoa diferente e a sua fé é o que fazia diferença, pois ela a cultivava.

Certa tarde, o Capitão Barbosa, amigo da família, disse a ela:

— Maria Julia, você é muito bonita para viver assim sem amigos, sem os mesmos interesses que os de sua família...

Ela respondeu:

— Capitão, estou com Deus, o senhor não pode ver a minha felicidade, pois só enxerga o que é visível aos olhos.

E olhando de modo doce e fixo para o Capitão Barbosa, continuou:

— Felicidade não quer dizer bens materiais, felicidade é paz de espírito e bem-estar é estar feliz com a vida, não importando como ela esteja. Eu sou feliz, Capitão, muito feliz.

Esta conversa aconteceu na Terra, antes que Maria Julia desencarnasse. Por ela ser uma moça pacata, todos pensavam que ela era perturbada, abobada. Ela, no entanto, só fazia o que seu coração pedia, pois sabia que nosso coração é porta-voz de Deus, já que, quando aceitamos o que nosso coração — de maneira equilibrada e pura — nos orienta a fazer, estamos seguindo o melhor mapa para nossa vida.

A maioria dos espíritos, quando encarnados, faz o que é regido pelo ego, pela vaidade e pelo orgulho. E não poderia ser diferente, já que a Terra é como uma escola, onde nos sentimos inclinados a ir pelos outros, não por nós mesmos. No entanto, sendo esse o grande desafio de toda uma vida, podemos contar com recursos, na forma de pessoas e ensinamentos diversos, para nos orientar a darmos importância a nosso coração, nunca ao ego.

Lógico que acabamos sendo discriminados negativamente quando optamos por seguir nosso coração, mas quanto mais firmes nos mantemos, mais fácil se torna termos em nosso coração o nosso guia perfeito.

Paga-se um preço caro, poderíamos dizer assim, ao seguirmos nosso coração, mas o preço maior ainda a ser pago é por aqueles que preferem se orientar pelas vaidades mundanas.

E se Maria Julia era esse espírito que, quando encarnado, não se esqueceu de seu coração, foi porque foi aprendendo essa lição ao longo de suas várias existências terrenas.

E isso, ressalto, não é um privilégio apenas dela, pois nesse exato momento, aqueles que estão vivendo sob quaisquer outras orientações que não as do próprio coração, podem fazer isso agora. Basta decidir-se a escutar os anseios mais puros de seu coração e seguir adiante a partir dele, desistindo de seguir os conselhos do mundo.

Em algum lugar, em algum tempo, isso terá que acontecer. E não é necessário que o sofrimento nos ensine essa lição. Agora mesmo, evitando todas as dores que nos conduz a essa decisão, é possível fazer isso.

Esse sofrimento, infelizmente, foi o preço que o pai de Maria Julia teve que pagar a si mesmo, à própria Vida.

No desencarne do Sr. Sebastião, Maria Julia foi ajudá-lo, para que ele tivesse uma transição mais suave, pois embora tivesse aprendido a amar seu pai, compreendendo o motivo pelo qual ele era como era, ela sabia que ele teria dificuldades em se separar de seu corpo físico, tão apegado à matéria ele era.

E realmente foi assim, já que, logo que entrou em processo final de transição do físico para o não físico, o Sr. Sebastião não conseguia sentir que o corpo era apenas uma máquina usada para suas explorações na Terra. Para piorar a situação, os parentes choravam, gritavam, se revoltavam contra Deus e contra a partida do homem.

A família, por terem se despedido de Maria Julia há dois anos terrenos, sem terem se conformado com a partida desta, mais ainda lamentava a partida do patriarca.

Essa reação puramente materialista só atravancou mais ainda o processo de desmaterialização do espírito, que começou a sofrer com a energia de sofrimento emanada pelos que estavam à sua volta, preferindo tardar junto ao corpo sem vida no velório do que a perceber a energia de positividade e equilíbrio de Maria Julia e de nós, seus, igualmente, irmãos do plano não físico.

Quando seu corpo foi enterrado, ainda apegado à matéria, preferiu continuar em seu sofrimento durante semanas, meses e anos, passando a perambular no cemitério como verdadeira alma penada. À visita de algum parente ao cemitério, punha-se a lamentar, dizendo que estava ali, que não entendia o motivo pelo qual não falavam com ele, numa espécie de desespero, raiva e revolta por estar numa situação que não entendia.

Sem perceber, agia como quando ainda estava encarnado, com a ilusão da prepotência que o fazia pensar ser o deus eterno da própria vida e das situações que podia controlar com o poder de seu dinheiro avaramente despendido da forma mais econômica possível.

As ideias humanas são nosso próprio veneno, veneno mortal, não para o corpo somente, mas, principalmente, para o próprio espírito, já que é o que todos somos. E nossas ideias, desenvolvidas no plano físico, podem se tornar desesperadoras para nós mesmos, quando desencarnados, pois passamos algo em torno da expectativa de vida de cada época fortalecendo pensamentos que geram uma postura pessoal e é com essa postura pessoal

que enfrentamos nossos desafios tanto na Terra quanto como quando saímos do estado de encarnado.

Tudo o que fazemos, pensamos e sentimos gera um resultado sentido pelo espírito, por isso o “orai e vigiai” do Mestre Maior deve ser observado, pois — nesse caso — o “orai” se torna o estar em espírito e o “vigiai” se torna observar nossas ações, pensamentos e sentimentos. A evolução de todos nós é inevitável, mas a qualidade dessa evolução depende de cada um. E quanto melhor for a qualidade, mais rápido se evolui e mais rapidamente podemos estar num estado capaz de absorver mais conhecimento, e criações mais portentosas se tornam possíveis.

Nós, os socorristas, não conseguimos trazer o pai de Maria Julia do estado mental umbralino. Ele fez sua escolha de ficar junto às vestes que usou em Terra, ou seja, junto a seu corpo físico em deterioração. Por mais que seu corpo se deteriore, ele o vê tal como foi, pois essa é sua ilusão, a ilusão das aparências.

Já faz mais de vinte anos terrenos que o pai de Maria Julia desencarnou e continua no cemitério e ela continua assistindo a seu pai, enviando energias de equilíbrio para ele. Ele não a vê, pois os espíritos que escolhem o negativismo têm dificuldade em ver os que optaram pelo lado da luz da vida. Um dia, com certeza, ele se cansará dessa ilusão e pedirá ajuda. E ali estaremos para ajudá-lo a retomar o caminho da evolução positiva, de maneira que ele possa vir para o bem maior e conhecer a verdadeira felicidade.

Aceitar a vontade de Deus, o modo como a vida se desenvolve, depende do estado de lucidez de cada um, e aceitá-la é uma questão de inteligência aliada à sensibilidade. Se não aceitamos o desencarne de um parente, ou de um amigo, ou o nosso mesmo, a tendência é que ampliemos o nosso sofrimento, ficando desespirtualizados, ou seja, sem vida.

Tanto para o encarnado, quanto para o desencarnado, o sofrimento não cessa enquanto não aceitamos os planos de Deus para nossas vidas.

Em que consiste estes planos divinos? Em que tenhamos contato com nosso espírito, em que meditemos sobre nossa existência, em que amainemos o burro de carga das vaidades, orgulho, prepotência.

E ao fazermos isso, medimos melhor nossas palavras, nossas atitudes. Essa é uma consequência externa das dádivas internas. E as dádivas internas

estão relacionadas com a evolução pessoal e as maravilhas que estão reservadas para estes que têm a ousadia de escutarem o próprio coração e alma.

Comecemos por aceitar que somos nós quem criamos tudo o que vivemos na Terra e por trás dessa escolha há sempre um sentido, uma razão muito maior do que a que os cérebros dos encarnados podem compreender, pois se trata de um mistério muito mais profundo que, porque os encarnados aceitam apenas o que pode ser medido através de máquinas, não conseguimos aceitar pelos parâmetros terrenos.

Depois da aceitação, que consultemos o nosso coração fazendo com que ele seja o nosso guia, não as outras pessoas, as regras sociais. Lógico, alguns dirão que se formos seguir nosso coração, começaremos a desprezar as leis que servem para que nos organizemos adequadamente na Terra. Mas as leis terrenas são feitas tendo por base códigos de conduta muito antigos e orientadas por princípios espirituais. Assim, nada há a temer em seguir nosso coração, que nada fará de errado para que a Terra se torne um caos. Cada dia nos dá a justa medida de sabedoria para mantermos a paz terrena sem precisarmos nos engalfinhar na loucura que seria desprezarmos o nosso coração.

Ao termos aceitado nossa vida terrena como uma escolha do espírito e ao nos comprometermos em seguir nosso coração, basta apenas que meditemos sobre nossa vida e nossos atos. Essa é uma das chaves de ouro para não incorreremos no sofrimento que só nos afasta da evolução positiva que todos dizemos desejar.

Um amigo contou-me a história de uma senhora que, quando encarnada, teve cinco filhos e muitos netos em sua última encarnação. Nos últimos dias de encarnada, ninguém cuidou dela, nem filhos, nem netos.

Colocaram-na num asilo onde ela sofreu muito, pois nesse asilo não alimentavam bem os idosos que ali moravam. Além disso, ela foi acometida de uma doença que lhe fazia ficar acamada durante todos os dias. E, com isso, seu corpo começou a ficar repleto de enormes feridas, que minavam um líquido purulento que fazia com que o lençol grudasse em seu corpo. Nesse asilo, só trocavam a roupa de cama uma vez por semana.

E embora toda sua vida na Terra não houvesse sido fácil, pois foi marcada por sacrifícios e abnegação para com seus filhos e netos, essa realidade

malsã foi criada por ela, pois em encarnação anterior havia sido uma pessoa que não valorizava a vida e aqueles que a amavam. Tendo sido senhor de engenho, usou de toda crueldade para com aqueles que eram escravos e subjugava a todos de sua família com braço firme e muita insensibilidade.

Na Terra, os que eram seus filhos e netos haviam sido seus escravos nesta encarnação anterior mencionada. Por mais que — nessa encarnação atual — tratasse bem a filhos e netos, estes não a aceitavam amorosamente com o amor filial que se espera. Traziam, sem saber motivo, muito rancor e mágoa dessa mãe, não conseguindo — em espírito — perdoá-la.

Já dizem que os resgates devem ser feitos pelo amor. E foi o que essa senhora fez.

Da parte dos filhos e netos, porém, a dor foi o caminho escolhido.

E pouco se resgata, se muito, com a dor. A dor, o sofrimento, os sentimentos brutos e desnecessários, nada resgatam, nada colhem de positivo. Muito pelo contrário, pois em casos assim o que acontece é se contrair dívidas maiores, já que está muito claro que o espírito ainda não aprendeu a confiar nos desígnios divinos e prefere, por si só, trabalhar uma justiça inexistente, negando ao outro a oportunidade de se redimir.

No plano não físico concordam em representar um papel no plano físico que lhes facilitarão colher aprendizados em conjunto. Ao estarem no plano físico, no entanto, deixam-se levar por todos, menos pelo próprio coração, e — por assim dizer — estragam toda uma vida que poderia ter sido de oportunidades, resgates, aprendizados indizíveis, pela ilusão do sofrimento que fará com que esse espírito arraste por mais incontáveis vidas a própria infelicidade.

Poderia ser dito que seria muito mais fácil que os espíritos guardassem para si a memória imortal, quando encarnados, de maneira a se lembrarem e não caírem em danação. Mas Deus é sábio e burila a pedra para transformá-la em diamante jogando com uma verdade muito mais coesa do que podemos imaginar.

Mais a mais, toda essa informação está a nosso alcance. Mas para aqueles que praticam o bem no próprio íntimo, deixando-se orientar pelo próprio coração em primeiro lugar. Nada nos é escondido. Nada nos é tomado. Nada nos é usurpado. Todas as possibilidades estão garantidas para os que

vivem dentro da verdade do próprio ser, pois é lá que estão os maiores mistérios da vida, não fora, não no externo, não no alheio.

Os filhos e netos, no caso da senhora cuja história meu amigo me contou, até poderiam ter razão — analisando sob o ponto de vista terreno que ainda, infelizmente, é muito movido pelo olho por olho e dente por dente. Porém, a razão acaba quando começa o amor, pois é este que permeia o sentido da vida eterna como seu maior valor. E se há algo que todos estamos aprendendo é a amar. Embora muitos digam que sabem amar, não estão falando do amor verdadeiro.

O amor verdadeiro é equilibrado, é harmônico, e implica na visão mais ampliada onde todos são acolhidos e aceitos como são. E embora isso possa soar confuso, não é. Quando nos aceitamos como somos nos modificamos ao querermos o bem uns dos outros e agimos com coerência, de acordo com os valores mais puros e verdadeiros.

Ao priorizarmos o perdão e seguirmos adiante, obedecendo os ditames de nosso coração, todos colhem os aprendizados necessários para a própria evolução.

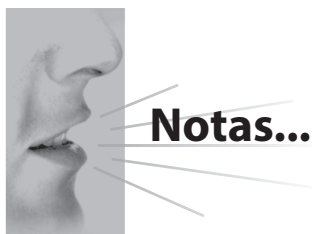
É o que aprendemos de nossos orientadores. E os verdadeiros orientadores, que trabalham sob as ordenanças divinas, nos direcionam para o nosso coração. Eles não são a nossa salvação, tampouco seus ensinamentos, mas nós mesmos é que somos nossa salvação, pois Deus já nos deu o mais importante para seguirmos Seu caminho: tudo o que é necessário saber já está em nosso coração.

Mesmo diante da indiferença, ojeriza, raiva, mágoa, por algum parente ou amigo, temos que consultar nosso coração e tentarmos compreender o que nos move nesses relacionamentos. E, a partir daí, não procurar aumentar o sofrimento desses a quem dizemos não suportar. E isso, logicamente, não significa deixarmos de trilhar nosso caminho por causa dos outros. Isso significa simplesmente não piorar a vida do outro, pois ao fazermos isso atrapalhamos o caminho do outro, mas mais ainda o nosso.

A magia da felicidade consiste em amarmos e perdoarmos sem questionamentos, aceitando tudo e todos firmados no bem.

Esta é a ponta do iceberg do Grande Deus.

Essa senhora, sobre quem meu amigo me contou, desencarnou em meio a sofrimentos, mas com a alma pura, limpa, cônica de ter feito sua parte. E, após ser acolhida em uma das colônias espirituais, ainda está trabalhando em prol dos que ficaram a fim de, em próxima encarnação, encarnar junto com eles novamente para que procurem resgatar o que ficou para trás.



A noite é uma beleza aqui no Além, muitas estrelas enormes, brilhantes, de cor dourada e prateada, a lua cheia é de grande beleza e transmite muita paz. A paz que é transmitida pela lua é simplesmente fantástica e agora me caiu a ficha, sobre o motivo pelo qual os encarnados ficam diferentes, se é que podemos dizer assim, quando é noite de lua cheia.

Na Terra, quando se vê uma pessoa ficar agitada em certas épocas, logo se pergunta em qual lua ela está. Agora sei que na época de lua cheia os espíritos ficam malucos para voltar ao mundo espiritual, pois aqui estas noites são inesquecíveis, dada as suas belezas.

Adoro “volitar”, que é a maneira como nós, Espíritos, voamos pelo espaço afora. Se não assim, utilizamos o veículo que é parecido com um ônibus. Tanto a volitação, quanto o veículo, são formas de nos transportarmos. Há espíritos que estão muito mais adiantados que nós, dessa Colônia. E precisam, basicamente, pensar em estar em determinado lugar e lá estão.

Eu, de minha parte, saio volitando pelos espaços espirituais sempre que posso. Sinto-me como se estivesse em meu skate, pois é uma de minhas diversões preferidas em meus momentos de folga.

A maioria dos jovens daqui vai encarnar novamente, apenas esperamos a chegada de nossos parentes mais próximos, pois todos — encarnados e desencarnados — somos grupos afins que estão aprendendo juntos. Não temos pressa.

Embora nós — eu e os outros espíritos — gostemos mais daqui do que de estar na Terra, queremos receber de Deus a graça da reencarnação, pois é onde o espírito consegue evoluir mais rapidamente. Existem certas ocorrências, junto com resultados, que fazem com que o espírito tenha os

aprendizados que, estando apenas no plano espiritual, ele não conseguiria a fim de trabalhar a própria expansão espiritual, pois as experiências, as percepções e compreensões são diferentes se nos mantemos apenas num único plano. E, para nós, o que importa é só a evolução do espírito, é através dela que conseguimos estar mais próximos de Deus. Por isso toda encarnação é bastante bem planejada e, ao sairmos daqui, temos toda a proteção que precisamos para nos manter no caminho correto. E essa proteção se traduz em irmãos que nos acompanham em diversas fases de nossa encarnação na Terra e em recursos que temos à disposição, como livros, por exemplo — que são mensagens do não físico para o físico que, se acompanhadas ajudadamente, podem nos servir de mestres se usamos nosso coração como o orientador principal para nossa jornada física. O progresso material, tão almejado pelo espírito encarnado, é bem-visto e apoiado. No entanto, até o progresso material deve servir para a evolução espiritual, pois o “x” da questão é a evolução verdadeira. E a evolução verdadeira é a do espírito.

Evoluindo o espírito, ainda na Terra, há uma contribuição real na própria melhoria da vida material, pois a visão pessoal se aclara e as decisões tomadas são de melhor conclusão para todos, individual e coletivamente.

Escrevo tudo isso com as experiências que trago de vidas passadas e orientado por meus superiores. Vocês até podem pensar “como é que um garoto de vinte anos, com tão pouco tempo de desencarnado, pode saber dessas coisas?”

E digo: na Terra, desencarnei com vinte anos, mas meu eu verdadeiro, eu mesmo, como espírito, tenho muitos e muitos anos. Desencarnados, retomamos a idade e maturidade do espírito.

E asseguro, eu de nada sei, há muito ainda a ser aprendido, assimilado, compreendido, praticado.

O plano de Deus para cada espírito é maravilhoso. Nas várias encarnações, cada espírito está trabalhando em algo particular. Uns encarnam com o objetivo de desapegar-se da matéria; outros, para aprender a amar a si mesmo e ao próximo; outros, ainda, para aprender a cuidar melhor da área financeira, a fim de valorizar a prosperidade que é direito de todo espírito; e por aí vai, as experiências são infinitas, pois cada experiência encerra em si mesma um leque grandioso de oportunidades. E temos que nos lembrar

que nada se repete na criação divina, tudo é sempre novo e possui um toque de originalidade. A originalidade divina, pois Deus é um Ser extremamente engenhoso e surpreendente em tudo o que emana.

O tempo que permanecemos na Terra é pré-determinado por Deus, e é o tempo suficiente para transmutarmos a nós mesmos, como se fôssemos frutos que amadurecem com o passar desse tempo.

A vida não tem pressa, as lições são sempre repetidas, embora cada lição seja nova sempre, já que nada há duplicado, exatamente igual — pois até mesmo nós, ao passarmos por uma lição aparentemente repetida, somos seres diferentes. E o que não aprendemos numa vida, sempre pode ser aprendido em outra, e em outra, e em outra, e, assim, sucessivamente. Eternidade é essa progressão sem pressa de aperfeiçoar-se. O objetivo da vida é esse, a evolução, a maturação, o aperfeiçoamento.



E assim se passaram três anos sem eu ver o seu rosto...

Letra de música? Parece, mas não é. São palavras de uma filha para sua mãe.

Renata desencarnou e, após três anos terrenos, sua mãe também desencarnou.

A mãe de Renata nunca aceitou o desencarne da filha. Reagiu desesperando-se, revoltada e desanimada. E, o pior, transmitindo toda essa vibração energética negativa para cá, para nós. E isso, para recém-desencarnados, é o que poderíamos chamar de horrível, pois em nada contribui com a nossa situação no Além, já que não podemos contar com a ajuda equilibrada dos familiares que ficaram na Terra.

Para nós, a separação física também é difícil. Mas, ao recebermos toda essa vibração de saudade desequilibrada, mais difícil fica. E o trabalho de nossos superiores é redobrado, tanto para nós que chegamos aqui quanto para os que ficaram na Terra.

Quando Dona Eulália, a mãe de Renata, estava para desencarnar, os socorristas, e a própria Renata, foram auxiliá-la no processo da transição final. E após um árduo trabalho de energização e cuidados espirituais, sua mãe conseguiu conhecer o chamado outro lado da vida. E ao chegar aqui, após se recuperar em nosso hospital, ficou boba e até envergonhada ao se lembrar de como havia se comportado na época do desencarne de Renata.

Dona Eulália se deu conta de que as pessoas realmente precisam encarar a chamada morte física como uma separação temporária e de corpos apenas, já que estamos todos sempre juntos, embora em faixas evolutivas de trabalhos pessoais diferenciados.

— Se é assim, por que fazemos tanto drama com o desencarne?” — pergunta Dona Eulália.

Renata responde:

— Porque não cuidamos do espírito como devemos, mãezinha.

— Se eu soubesse que você realmente estava bem, e que com meu desespero eu só estava atrapalhando você, filhinha...

— Mãezinha, agora tudo passou. Não se preocupe com isso.

— Filha, é só uma questão de tempo, pelo que vejo. Pois, todos nós desencarnamos num momento ou outro. Mas, é que eu senti tanta saudade de você que a dor... uma dor, percebo agora, que não era minha, uma dor que fazia parte do modo como eu via a vida, uma dor que as outras pessoas acabaram me ensinando de tanto que vi... e aprendi. Se eu tivesse observado mais a mim mesma, a meu coração, metade do sofrimento por causa de sua morte não teria acontecido...

Renata fica em silêncio enquanto sua mãe fala, pois ela sabe que esse processo de reflexão ocorre de diversas formas, para diversos espíritos. E que desses processos de reflexão é que ocorre a maturidade na qual o espírito está trabalhando em si mesmo.

Dona Eulália continua:

— Filha, oh, minha filha. E existem tantas outras mães que agem exatamente como eu. Como avisá-las? Como mostrar a elas que o sofrimento e essa saudade exagerada não são coisas boas para ninguém, nem para os que se vão e nem para os que ficam?

— Mãezinha, não se preocupe com isso agora.

— Mas, filha, eu quero que todos saibam que a separação é temporária e o reencontro é certo, imediato, quando os que ficaram na Terra aceitam o desencarne de quem veio primeiro; aí, quem ficou, quando desencarnar, reencontrará quem veio primeiro.

— Mãezinha, o tempo que levamos para reencontrar nossos parentes e amigos no desencarne é praticamente o mesmo tempo que tivemos para aceitar o desencarne, pois o tempo e o sofrimento são percepções individuais. E o trabalho rumo à maturidade pessoal influi nessa percepção.

— Então, minha filha, eu desejo que outras pessoas saibam disso.

Renata olha para a mãe, de forma amorosa, fixamente.

Dona Eulália dá uma risada solta, bonita. Enquanto ri, olhando o rosto de sua filha querida, ela pensa no quanto sofreu em vão, por estar na ilusão, no sofrimento de que não existe vida fora da vida física. E agora compreende que a vida real é a vida sob a vontade de Deus, pois cada caminho é uma jornada pessoal, e tudo o que acontece a nós é muito pessoal, é muito real, pois tem a ver com o que temos a aprender, com o que temos a amadurecer.

Então Dona Eulália balbucia:

— Filha, eu tinha tanto medo até de conversar sobre a morte física.

— Mãe, o medo de conversar sobre a morte física é normal. Quando encarnamos, entramos numa filosofia de vida materialista tão prepotente que nos faz, praticamente, negar qualquer coisa que tenha a ver com o que não entendemos sob o ponto de vista físico. E isso atrapalha bastante nossa performance na Terra. Precisamos ficar alertas para retornarmos ao nosso objetivo, o que é proposto em cada encarnação.

— Mas, filha, o mais comum é o encarnado pensar que é eterno na Terra, que tudo é para sempre. Aí vem a desilusão. Como se a vida quebrasse nossas pernas. E nos perdemos. E esquecemos que tudo passa, que tudo se transforma, que o que dura para sempre é o espírito. E a esse damos tão pouca atenção. A morte física vem como se fosse uma faca, pois nos corta a ilusão de que a eternidade no físico é a única realidade que existe; e o sonho da eternidade na Terra surge da prepotência e arrogância humana, por acharmos que sabemos de tudo, que temos todas as respostas. Oh, filha, como me arrependo de algumas posições que tomei quando estava encarnada. Penso no quanto eu poderia ter aproveitado mais a oportunidade de estar na Terra para realmente fazer a diferença, sendo mais fiel a mim mesma e a meus verdadeiros sentimentos.

— Mãezinha, não ocupe seus pensamentos dessa maneira agora, descanse, temos muito a conversar, há muita coisa que a senhora vai aprender ainda, há muita coisa a fazer a partir desses aprendizados.

— Mas, filha, eu gostaria tanto de poder transmitir esse conhecimento para os que estão na Terra, para mães como eu, para os pais. Se eu pudesse fazer algo.

Renata dá um sorrisinho alegre e diz:

— Mãezinha, na verdade, já estamos trabalhando nisso.

Dona Eulália se mostra meio surpresa, meio confusa.

— Como assim, filhinha?

— Mãezinha, assim que a senhora estiver completamente recuperada, vou lhe apresentar ao Miguel.

— Mas, quem é Miguel?

— A senhora vai conhecer. E vai gostar bastante do que ele e a mãe dele estão fazendo.

* * *

— Então, Miguel, “e assim se passaram três anos sem eu ver o rosto dela.”

— E você contou a ela sobre o livro, Renata?

— Não, ainda não, mas ela vai gostar de saber que você está escrevendo o livro, pois ela tem esse desejo de ser mensageira de esperança e paz. E talvez consiga contribuir um pouco com o livro que você já diz ser “o livro de todos nós” aqui da Colônia.

— Mas, já é realmente, Renata. E a Dona Eulália acaba de ganhar uma parte nele também.

— Como assim, Miguel?

— Bom, como assim...? Só preciso falar com a Dona Helena Lapenda?

— Sua mãe, Miguel?

— Sim. Se minha amada mãe entender tudo o que se passou, eu vou conseguir continuar passando estas mensagens para ela e teremos aberto mais uma chance de evolução ainda em Terra.

— Uau, Miguel! Seria sensacional!

— Você não duvida, né, Renata?

— Eu não duvido de nada, irmãozinho, eu não duvido de mais nada.



Sempre vale a pena

No mundo espiritual as noites são lindas, os dias são maravilhosos. Nossa percepção sobre a vida é perfeita. E me dou conta de que tudo isso é possível no plano físico também. Só precisamos mesmo ouvir mais o nosso coração, encontrar aquele sentimento de identidade com a própria vida.

E, sabe, gente, a vida é fabulosa, não precisamos encucar com os desafios terrenos, pois todos têm solução. Como se diz na Terra, só para a morte não tem solução. E, como vocês veem, a morte não existe. Logo, para ela também há solução. Tudo é solução.

E para os que insistem na visão limitada da existência da morte, se há morte, a morte é física, do veículo físico, e basta enterrar ou cremar. E a solução está dada.

Repetimos ditos antigos sem nem pensar no que eles podem significar. Fazemos muitas coisas porque outros fazem, sem nem ao menos nos questionar. Tampouco colocamos em prática os ditos, pois se os colocássemos em prática chegaríamos a verdades profundas, que faria com que mudássemos nosso comportamento.

Se praticarmos o que dizemos, o que afirmamos, a vida se transforma — diante de nossos olhos — num mar de felicidade. Tanto na Terra quanto aqui.

Não pensem que algo acaba. Tudo é eterno, tudo é infinito. Quando pensamos que o trabalho terminou, aí sim é que ele começa. Pois, aí nossa missão continua, para a melhora de quem somos, espíritos perfeitos em expansão contínua.

Nesse ir e vir, Terra versus Plano Espiritual e vice-versa, nos encontramos um pouco mais evoluídos, até que não haja mais necessidade desse

tipo de ir e vir. Aí, o ir e vir ganha outras roupagens, outras experiências, que, no momento, não podemos mencionar.

Há dias em que, quando encarnados na Terra, pensamos: “será que vale a pena viver?”

É quando tudo parece sair de nosso controle, é quando as dificuldades parecem aumentar, é quando as barreiras parecem se erguer como muralhas intransponíveis diante de nós. E pensamos que nada somos e que, dessa vez, o bicho pegou feio.

Mas viver é uma graça, uma dádiva, da qual não temos como escapar. A única coisa que está sob nosso controle é dar qualidade a essa vida.

Nessas horas, portanto, devemos nos manter serenos e, principalmente, controlar nossa mente, fazermos o papel de porteiro rigoroso, como se fôssemos um policial de nossa mente, vigiando e orando, lembra-se?

É importante que não deixemos entrar em nossa mente nada que não foi convidado. É importante que só convidemos pensamentos positivos, de prosperidade.

Os pensamentos ruins, estes devem ser “barrados no baile”, pois quem não tem convite não pode entrar nessa grande cerimônia de celebração à Vida.

Ao mantermos rigoroso controle de qualidade na portaria de nossa mente, a vida se modifica automaticamente, de um dia para outro, e Deus continua operando milagres, pois é só isso o que Deus sabe fazer, um milagre atrás de outro.

Que saibamos confiar mais em nós mesmos, pois Deus, se precisasse de algo para fazer Seus milagres, precisaria apenas disso. A partir de nossa autoconfiança nós nos permitimos. E nossa permissão é o passe de entrada de Deus em nossa vida.

A vida no Além é parecida com a vida na Terra. Com uma vantagem: o mal não atinge quem escolhe o bem.

Na Terra, o mal que nos atinge é mal escolhido por nós mesmos.

Assim, na Terra, é como se estivéssemos num grande teatro, representando nossos papéis. Só que esquecemos que somos atores.

Desse modo, que nos lembremos que tudo na Terra é uma grande representação, visando um bem muito maior, tão maior que muitas vezes passa-

mos — quando desencarnamos — dias e dias pensando em como pudemos ser tão ingênuos a ponto de não nos lembrarmos de que tudo isso fomos nós que escolhemos.

E se nos mantemos em nosso espírito, o mal não nos atinge, servindo apenas para nos transmutarmos, de maneira que facilmente nos elevamos sobre ele.

Aqui, vivemos em colônias, temos vários tipos delas. Elas servem para diversos estudos, mas o principal dos estudos é o do Amor. É numa dessas colônias que estou. E nessas colônias, evoluímos. Estudar é evoluir. E na Terra, ao estarmos em nossos bairros, em nossas cidades, também temos a oportunidade de estudar, de ler, de conversar com pessoas que nos orientem de volta para nosso próprio coração. E embora na Terra privilegiemos os assuntos de ordem intelectual, é sempre bom que reservemos um pouco de nosso tempo para a maior sabedoria, que é a do espírito, a que Deus nos ensina na grande escola chamada Vida.

Já vai fazer um ano terreno que estou de volta ao mundo dos Espíritos e a minha vida está cada dia melhor, cada dia mais iluminada.

Espero com amor a chegada do meu irmão e da minha mãe, espero que eles continuem cumprindo a “lição de casa” que foram fazer ao sair daqui com destino à Terra. E que eles possam realizar todas as tarefas que assumiram antes de reencarnar.

Que Deus continue iluminando-os e protegendo-os.

Quero que todos que lerem este livrinho saibam que a vida é perfeita, assim como é. E que — encarnado ou desencarnado — deve apenas “deixar rolar”.

Sempre vale a pena cada momento, por si só, pela importância de sermos nós os sujeitos principais, co-criadores de nossa própria existência, autores da maneira como decidimos vivenciar tudo o que nos ocorre. E o amor está nos envolvendo o tempo todo, basta que decidamos nos centrar no amor, adquirir nossos aprendizados através do amor.

Deus é só amor.

E eu amo todos vocês.



LIVRO II





Apresentação

Por Maria Helena Marques Lapenda

Do Livro I ao II, transcorreram dez anos. No período de dez anos, a vida continuou e Miguel continuou falando comigo, dando-me “notícias de casa”. Essas “notícias de casa” se transformaram no Livro II de Fala Miguel.

Muitas vezes Miguel fala com tanto amor sobre o plano espiritual que já cheguei a lhe perguntar se não seria melhor que todos já estivéssemos lá. E ele sorri me dizendo que já estamos lá, pois o “lá” é um estado mental, ou de espírito, como costumamos dizer no “aqui”, que agora não existe para Miguel.

— O Reino de Deus, mãe, é o agora. E é nesse “agora” que todos nós estamos. E assim como muitas vezes estamos nesse paraíso mesmo estando na Terra, o agora é assim também.

Demorou muito para eu entender o que Miguel quer dizer com a menção ao “agora”, pois fui percebendo que esse “agora” é o sentir da vida em todo seu fluxo magnânimo e divino. Enquanto vamos deixando para trás os passados e futuros de nós, nos mantemos no tempo presente e é esse eu presente que vivencia as experiências e que chega ileso à evolução conhecida por “fim”, um fim que não existe, pois o eu presente é o eterno.

Sobreviver apenas da Fonte Divina e do apoio de Suas palavras, palavras inspiradas por tantos que acessam Sua Energia Essencial e nos traz consolos inestimáveis em momentos em que parece estarmos enfrentando a chamada noite negra da alma, é necessário, não apenas falar com Deus, mas viver, praticar a própria fé. Caso contrário, tudo desaba de vez.

No Evangelho Segundo o Espiritismo e no Livro dos Espíritos, ambos de Allan Kardec, encontramos muitas explicações para as perdas de pessoas queridas, e a perda de um filho é a mais dura de ser superada. Não por

ser uma perda minha, ou do grupo que, inevitavelmente, acabo representando quando escrevo, que é o grupo de mães que veem seus filhos desencarnarem e têm que aprender a conviver com esse novo estado de realidade.

No Capítulo V-20, do Evangelho Segundo o Espiritismo, podemos ler: “A felicidade não é deste mundo”. O Espírito (François — Nicolas — Madeleine), diz bem que na Terra não existe felicidade completa, e que a Terra é um lugar de provas e expiações, que com certeza existem outros mundos bem mais felizes para habitar depois que deixarmos a Terra.

E embora saibamos que na Terra temos muitas doçuras, penso que, quando é dito que na Terra temos provas e expiações e que a Felicidade não é desse mundo, é mais uma forma de dizer que há felicidades maiores além da que conhecemos, que ficam no plano não físico, que é para onde vamos quando fazemos nossa transição terrena; e como a caminhada continua, o tempo presente é o que deve ser sempre perfeito, independente de onde estamos.

Sinto-me grata à vida por ter a oportunidade de trabalhar a mensagem destes livros com Miguel, pois percebo que não apenas a maternidade — no sentido de dar à luz um filho — é um milagre divino; a maternidade — no sentido de devolver um filho à luz espiritual, como acontece quando nossos amados partem desse estado carnal para o não carnal — também é um milagre divino. Assim, minha gratidão é por saber que todos somos parte do milagre divino, inclusos no ato de ir e vir — no nascer, no viver e no morrer.

Assim como um filho pode ser a luz de nossa vida, quando o trazemos ao mundo, também continua a ser a luz de nossa vida quando ele se vai, pois descobrimos — quando nos abrimos apenas para a vida, rejeitando o que a maioria pensa da morte — que ninguém se vai se existe amor conectando as pessoas. Independente da condição física, carnal, o amor é a verdadeira energia a nos dar vitalidade e essa vitalidade é nossa por direito, pertence a cada filho de Deus. Ao rejeitarmos a morte como o fim, os caminhos se nos abrem, caminhos de vida. Só assim a vida se faz. Ao nos abrirmos para ela.

Minha jornada evolutiva continua repleta de aprendizados e experiências pessoais valorosas. Isso por que decidi assim. A jornada de Miguel continua, assim como continua a jornada de cada ser vivente nesse sistema existencial complexo e, por isso mesmo, surpreendente, maravilhoso. A

forma como vamos qualificar nossa jornada depende de nós. E assim como percebemos a perfeição da vida como um todo, havemos de perceber também a perfeição da vida mesmo no estado em que chamamos de morte, que não é o fim, mas uma continuidade, diferente e cheia de novas descobertas. Quando interpretamos a vida e a morte a partir do estado de vida, tudo se torna vida. Por isso, talvez, escrever estas palavras, servir de canal para o filho que se foi e continuar a jornada com o filho que ficou, se tornou possível. E a cada dia me sinto mais capaz e honrada, pois me fiz a escolhida de minha própria experiência pessoal.

O sofrimento não foi a minha escolha. Por isso, embora ainda conviva com sentimentos como a saudade, a falta de meu filho amado, percebo que não existe sofrimento. O que existe é crescimento, maturidade, anseio por mais. Assim, cada dia, desde a partida de Miguel, tem sido vivenciado com a mesma alegria de sua chegada, um bebê que teria muito a me ensinar em vida e que continuaria me ensinando no que chamamos de pós-morte.

Espero que você desfrute dessa leitura e que ela possa lhe trazer alento e a certeza de que a morte, como a pensamos, não existe. O que existe é vida. Eterna.

Maria Helena Lapenda



Trovas da vida e da morte

*Espírito de Eurícles Formiga
Psicografia de Carlos A. Baccelli*

Não acredites que a morte
Seja o termo da jornada,
Pois, nos caminhos da vida,
Ninguém chega ao fim da estrada.

Morri, no entanto, estou vivo...
Eis-me aqui para provar
Que sou eu mesmo, Formiga,
Que continuo a cantar...

Louvo a Deus a inspiração
Que me serena e me faz forte...
De tanto cantar na vida,
Voltei cantando da morte.

De que sou eu quem escreve,
Como dar-lhes maior prova?!
O médium que aqui me serve
Nunca compôs uma trova!...

Na falta de um bom “cavalo”
Marchador como eu queria,
Esporo este “burro bravo”,
Para escrever poesia.

No Além, a vida prossegue
Sem grandes alterações...
Na morte, o que morre mesmo
São as nossas ilusões...

Queres saber como é
A vida em que estou agora?!
Neste mundo, meu amigo,
É que na rampa se chora...

A morte não dá moleza
A quem foi mole na vida
Quem cantou descendo a serra,
Cante agora na subida...

Se não fosse o Espiritismo
Combater a obsessão,
Muita gente que conheço
Estaria na prisão.

Não posso conter o pranto,
Quando recordo Jesus,
Sozinho, braços abertos,
Vencendo a morte na cruz!



Asabedoria budista conta que uma senhora em grande desespero com uma criança sem vida, que carregava no colo, foi à procura do Buda em sua humilde cabana. Disse-lhe a senhora:

— Oh, iluminado! Sou uma mulher que não tem muitas alegrias e nenhum bem na vida. A minha única riqueza é este filho, que agora trago morto em meus braços. Acabo de perder a razão de viver, a luz dos meus olhos. Trago-lhe o meu filho porque preciso que o senhor lhe devolva vida, pois do contrário não terei forças para continuar a viver.

O Buda olhando bem para ela, disse-lhe:

— Deixe seu filho comigo, vamos, porém, precisar de uma oferenda para fazê-lo reviver. Tome esta vasilha e vá de casa em casa pedindo para cada um, um pouco de arroz para a oferenda. Volte quando encher a vasilha de arroz, aí poderei devolver a vida ao seu filho.

Ao anoitecer, depois de dois dias, a mulher volta à cabana do Buda com a vasilha cheia.

As famílias deram pequenos punhados de arroz, pois não tinham o bastante nem para elas.

A mulher disse a Buda:

— Mestre eis aqui a vasilha cheia de arroz, todo ele dado de bom grado, mas agora, oh Buda, venho pedir outra coisa. Peço-lhe que providencie a cremação do corpo de meu filho. Percorri aldeias, andei por tantos lugares e encontrei tanto sofrimento em minha peregrinação que descobri que não sou a única que sofre neste mundo, nem sou a única que perdeu um filho amado. Então, compreendi tudo, senhor!

O Buda juntou as mãos em prece, curvou a cabeça e agradeceu aquele momento de lucidez daquela mãe.

**Dedico a segunda parte deste livro ao Amor
E ao amor que sinto por Miguel, meu filho Miguelito;
E a todas as mães, e a todas as famílias;
E a tudo o que é humano em nós.
Pois — realmente — nada ocorre por acaso.
*Cada evento que nos ocorre contribui para nossa expansão,
Como espíritos que somos.***



Durante alguns dias fiquei indignada pelo modo como você se foi... Como poderia ter acontecido isso, justo com você? Um cara que vivia sorrindo, brincando e muito na paz...

Cheguei à conclusão de que você é perfeito demais para esse mundo, que o que predomina aqui é a violência.

Ouvi mil versões sobre o que aconteceu, mas é difícil acreditar em qualquer uma delas, acho, finalmente, que apenas “chegou a hora”.

Não choro por você ter ido (acho que foi melhor para você), choro de saudades, de querer te ligar e não te ouvir, de querer te ver e não te enxergar...

Mas, juro que às vezes te sinto pertinho e só fecho os olhos para poder ver o seu sorriso (ai que saudade).

Amigo, irmão Miguelito, você — com certeza — será eternamente lembrado. E decerto eu ainda vou sentar na areia do caixadaço, lá em Trindade, nossa Terra Encantada, ver, no meio da chuva, coberta por uma toalha, Miguelito, Rodrigo, Coxa e Guga, pegarem as maiores ondas da nossa Trindade.

Foi lá, há quatro anos, que nos conhecemos e vivemos momentos inesquecíveis, desde então nos tornamos amigos, irmãos, e não é agora que vamos nos separar.

Sem falar que você vai estar sempre no coração da galera em todos os momentos e baladas.

Um grande beijo, com muita luz para você!

*Te amo muito,
Mara Tara*



Mensagem II

Grande Miguel,
Você é um amigo de quem nunca vou esquecer..

Você era aquele que me acompanhava em todas as *trips* (viagens), das mais loucas às mais chatas. Nas *trips*, não tinha ninguém mais mulherengo que você.

Nas ondas de body-boarding, um ótimo companheiro *dropando* (descendo) todas as ondas, grandes ou pequenas, sem medo de ser feliz.

Felicidade era seu nome, fazendo a galera feliz o tempo todo, com seu sorriso e alegria contagiante, que tomava conta de todos que te rodeavam.

Parecia até que você sabia que ia mais cedo que nós. Aproveitava todos os dias como se fossem os últimos.

Você foi um amigo com quem podíamos partilhar tudo, não tinha como esconder nada de você, cara. Um amigo com quem sempre podíamos contar, além das risadas das besteiras que só tinham graça para amigos como fomos. A alegria que você tinha no rosto, aqui na Terra ainda traz boas lembranças.

Não precisamos mais chorar com o que aconteceu e nem nos culpar, a vida é assim e não podemos mudar, mas podemos viver os dias presentes como se fossem os últimos, aproveitando o máximo.

Miguel, obrigado por todas as *trips*, obrigado também pela experiência de vida que você deixou para todos que ficamos.

Muitíssimo obrigado por ser um grande amigo.

Ainda vamos nos encontrar.

Rodrigo Barañano



Página às mães

*Espírito: Eurícles Formiga
Psicografia de Carlos A. Baccelli*

Diz a lenda que Maria,
A excelsa mãe de Jesus,
Ao calvário regressou,
Após o Dia da Cruz...

Abandonada à poeira,
De tão ásperos caminhos,
Inda toda ensanguentada,
Estava a coroa de espinhos.

Por certo fora esquecida
Quando desceram da altura
O corpo do Filho amado,
Conduzido à sepultura...

Ao peso da dor imensa,
Ela ajoelha-se ao chão,
Guardando a triste relíquia
De encontro ao seu coração

Alça a fronte ao firmamento,
Com o pranto rolar dos olhos
Caindo, sem que percebe,
Sobre a coroa de abrolhos...

De repente, ó maravilha!
Que a palavra não resume:
Os espinhos ressequidos
Exalam doce perfume...

Um a um vão florescendo
Num prodígio de beleza,
Qual se operasse um milagre
O reino da natureza...

E ao coração de Maria,
Balsamizando-lhe as dores,
A coroa se transforma
Num diadema de flores!...

Mães da Terra, recordai
O grande exemplo de fé,
Que vos foi e será sempre
Maria de Nazaré!

Ante os filhos que partiram,
Contei o pranto afinal..
Além das sombras da morte,
Triunfa a vida imortal...



Embora acompanhemos as datas da Terra, o tempo no plano não físico é diferente do plano físico. Na boa, eu teria que escrever mais de dez livros para explicar isso. Sei apenas como é, e me faltam palavras e didática para explicar. Tenho aprendido muito, mas o aprendizado acaba saindo do âmbito das palavras para se tornar informação mental, cognitiva, como demonstram alguns aqui onde vivo.

De qualquer forma, estando aqui há muito tempo, minha forma de aprendizado é diferente da realizada na Terra também.

Mas, por mais que haja coisas diferentes, a nossa essência é a mesma. Eu só passei “para o outro lado”, e essa é uma forma de falar, já que o outro lado está aqui, mas eu sou eu. E quando falo que eu sou eu, não quero dizer necessariamente que sou um ser físico, com a personalidade que tinha quando estava na Terra. E isso não é difícil de entender, já que mesmo na Terra estamos mudando todos os dias. E as mudanças são internas, têm a ver com a estrutura do que costumamos chamar de psique.

Acabei de me mudar para outra Colônia, onde os ensinamentos de Jesus é o foco principal dos estudos. Passei este primeiro ano de desencarnado — que é um pouco diferente do da Terra em relação à quantidade de experiências, trabalho e aprendizado — na Colônia São Bernardo, e lá eu estudava na Universidade do Amor, aprendendo a amar. E esse aprendizado é eterno, nós o levamos para toda a eternidade, sendo a prática o melhor dos elementos a fim de realmente colocarmos em exercício o que nos foi ensinado. Do aprendizado sobre o amor, posso dizer que pouco sabemos do que é o amor enquanto estamos na Terra, o que amamos quando estamos na Terra é pálido reflexo do que aprendemos no plano espiritual, pois amar está relacionado a respeito, a equilíbrio, a clareza.

Tendemos a achar que amor é sacrificar-se pelo outro, permitir o próprio sofrimento em nome do amor que dizemos sentir por alguém. No entanto, esse tipo de amor é o resultado de uma confusão cultural em que confundimos amor com sofrimento e necessidade de sermos mártires. Logo, é o orgulho humano que representamos, quando dizemos amar, não amor de fato. E por isso a vida nos presenteia com situações que nos fazem reconhecer que amor não é o que dizemos sentir.

O amor é um sentimento espontâneo, onde o que damos ao outro é feito por estarmos felizes. Não para cobrarmos do outro uma posição que não é natural nele.

Muitas vezes, quando estamos na Terra, nos doamos ao outro, esperando que ele se comporte de um determinado jeito apenas porque achamos que, por termos dado amor, merecemos algum tipo de reconhecimento, respeito ou consideração. Isso não é amor. Isso escraviza para nós aquele a quem damos amor. E amor é liberdade, equilíbrio, serenidade.

Se somos todos espíritos, representando o papel de pais, mães, cônjuges etc. na Terra, é porque o outro não tem nenhuma obrigação para conosco. O amor apenas auxilia os espíritos a evoluírem, a crescerem, a se expandirem.

Então, mesmo quando estamos cobrando do outro uma postura que ele não tem como nos retribuir, por estar sendo natural, espontâneo, fazemos — em nome do amor — uma sandice. E atrapalhamos o crescimento do outro e o nosso também, pois ainda há muito a ser aprendido para dizermos que sabemos amar.

Muitas vezes, quando na Terra, estragamos a nossa vida e a vida dos que estão envolvidos em situações relativas ao que chamamos de amor, por simples questão de vingança, de ódio, de rancor, de orgulho. Achamos que as pessoas têm que nos amar fazendo coisas para nós, nos elegendo maiores nas vidas delas, e esquecemos que cada um é uma alma livre, que nunca pode ser acorrentada a nós mesmos. E que nós também somos almas livres. Assim, não temos que achar que a vida só vale a pena se for partilhada com alguém, se for vivida na companhia daquele alguém específico.

Nossa passagem no plano terreno é para podermos ver que nossas experiências transcendem o que dizemos que aprendemos.

Não adianta dizermos que amor machuca, que amor só traz sofrimento, pois isso não é verdade. O amor só machuca, o amor só traz sofrimento, porque aceitamos representar o papel de dependentes, porque aceitamos a pequenez, porque não percebemos nossa própria grandeza e a liberdade necessária a cada alma para crescer e louvar a Deus. Este, sim, merece nosso amor, nosso zelo. E dEle não temos como cobrar nada. Ou você diria a Deus “Deus, eu te amo tanto, por que você fez isso, isso e isso comigo?” ou “Deus, você tem que ser fiel a mim, só privilegiar a mim, fazer todas as minhas vontades e você fica proibido de ser livre, tendo que preferir ficar apenas comigo”?

Não somos capazes dessa sandice, pois sabemos que temos que aceitar a vida como é e que nada sabemos, pois ainda estamos aprendendo a amar a Deus na medida perfeita.

Então por que não agimos assim em relação às pessoas, preferindo até-las a nós e vivendo o papel de atrasar a evolução dela com nossos choramingos?

Podemos até dizer que não fazemos isso com Deus porque Deus é maior do que nós. Mas essa explicação encontra lastro em relação ao respeito que deveríamos ter para com os outros? Os outros não são seres tão cheios de direitos como nós somos?

Ao aprendermos os caminhos do amor aqui no plano espiritual, nossos mentores nos colocam em situações em que temos que tentar orientar nossos irmãos no plano físico sem esperar nada em troca, nem forçá-los a aceitar o que achamos que é correto, pois se achamos que algo é correto, ainda assim temos que respeitar as escolhas dos irmãos, pois não existe o que é errado ou certo, mas escolhas que abrem oportunidades de aprendizados e experiências pessoais para cada um.

Mesmo quando os pais encarnados estão diante do desencarne de um filho isso é um aprendizado, pois perante uma situação que, culturalmente, principalmente, é sentida como desespero, há aí a oportunidade do aprendizado, da maturidade dos pais.

Então, gente, sem desespero, tudo, exatamente tudo o que vivenciamos, serve para nossa maturidade espiritual. Nada de revoltas, nada de desesperança, não há nenhum tipo de injustiça no mundo, na vida, no Universo. Tudo está perfeito. Tudo é perfeito. Tudo o que nos acontece é para nos tor-

narmos melhores e melhores. E se alguma dor parece insuportável é apenas porque não encontramos uma forma diferente de olhar, uma perspectiva melhorada, uma ampliação, por sermos ainda limitados e julgarmos as coisas que nos ocorrem a partir dessa limitação.

É como quando somos crianças no plano físico. Quando queremos algo e esse algo não sai do jeito que queremos, costumamos fazer birra, chorar, fazer birra. Depois, já adultos, compreendemos que nosso universo infantil era muito estreito para entendermos a grandeza por trás das restrições, das coisas que nossos pais nos deixavam, ou não, fazer.

Procuremos, então, pensar nisso quando estivermos diante de situações que são dolorosas para nós, pois sempre acabamos sabendo o motivo pelo qual a vida está nos trazendo os acontecimentos que estamos vivenciando.

Ao nos prolongarmos nos estados de tristeza, desânimo, depressão, fazemos um mal danado é contra nós mesmos e contra os que nos cercam, pois a vida é perfeita e sempre nos mostrará — se permitirmos, exercitando nossa fé, nosso amor, nossa confiança verdadeira em Deus — que havia um propósito para o que nos aconteceu. E agora, se reclamamos, que saibamos compreender que agimos assim porque ainda somos criancinhas. Só que, é claro, não é porque sabemos que ainda somos criancinhas, que vamos continuar reclamando. Que esse reconhecimento sirva para que possamos, nós mesmos, nos apoiarmos, nos amarmos e continuarmos amando a vida sem reclamações desnecessárias. Dessa forma, continuaremos colaborando com a nossa saúde física e também com a saúde da vida em sua perfeição tão misteriosa.

Além de tudo o que consigo transformar em palavras a fim de falar um pouco sobre a grandiosidade do amor equilibrado, desinteressado e alavancador, posso dizer que quando amamos a nós mesmos, conseqüentemente amamos os que nos cercam. E ao amarmos a nós mesmos, damos ao outro o mesmo tratamento que gostaríamos de ter se estivéssemos na condição dele. Logo, quando agimos em relação ao outro com o ego, ao invés de com o espírito, que é o único que pode expressar o amor verdadeiro, não estamos exercitando o amor que devemos ter em relação a nós mesmos. O resultado disso é que — quando não nos amamos — não conseguimos amar ao outro. Podemos dizer que amamos muito à outra pessoa. Mas se fôssemos nós no lugar dela e não aceitássemos o tipo de amor que estamos

dando a ela, esse tipo de amor também não serviria para nós. Portanto, não deve ser dado a ela. A única coisa com a qual deveríamos concordar é aquilo que aceitaríamos se fôssemos nós no lugar da pessoa.

E sei que muitas vezes ficamos tão dominados por nosso ego que dizemos que estamos fazendo o melhor para a outro, e obrigamos o outro a aceitar o que estamos forçando que ele aceite, e ainda queremos que ele nos glorifique, sem percebermos que o fato de não o termos respeitado já é condição suficiente para esse tipo de amor ser motivo de maldição e não de bênção, que é o que todo amor deveria ser.

A verdade é que pensar sobre o amor faz com que nos transformemos. E tudo o que aprendemos não consegue ser esmiuçado em palavras. Mas pode ser sentido e mantido se nos demorarmos pensando a respeito da igualdade e do respeito que apreciamos para nós e estendermos esse respeito para o próximo. E quando fazemos isso, acabamos nos transformando, como se vestíssemos roupas novas. E pensar sobre o amor é um dos caminhos mais garantidos para a aceleração da evolução de cada um.

Conheci muita gente boa neste ano que passei aqui no Além. Na verdade, aqui onde estou só tem gente boa. Aprendi que todos somos perfeitos exatamente no caminho em que estamos. Pena que poucas pessoas — principalmente na Terra — reconheça a própria perfeição e prefira se chamar de coitado, de pecador, de imperfeito, de sei lá mais o quê. A partir da condenação que se imputam, encontram mais dificuldades para alcançar a perfeição que almejam. E quando se reconhecem perfeitos, só fazem atrapalhar a imperfeição que ainda têm. Sim, somos seres perfeitos e em busca da ampliação dessa perfeição. Para alguns, é muito difícil entender isso. Acham que, se são perfeitos, que todos têm que curvar diante deles. Outros acham que, se são imperfeitos, devem se condenar à maldição eterna, pois não são merecedores da perfeição. Muitos até declaram que se fôssemos perfeitos, não precisaríamos fazer a jornada evolutiva que fazemos. Mas quando falam isso, espelham-se nas próprias concepções distorcidas e limitadas. Ao invés de se ampliarem através do amor, através do merecimento, através das oportunidades que Deus nos dá todos os dias, preferem continuar enfurnados em ideias limitadas e que não compreendem uma perfeição em busca de mais perfeição.

E por isso acabamos aumentando o número da quantidade de vezes que temos que reencarnar, deixando o processo da evolução muito mais lento do que poderia ser, pois nos recusamos a aproveitar bem a encarnação presente a fim de nos expandir.

Muitas vezes, enquanto tinha as aulas na Universidade do Amor, eu gostava de pensar sobre o aproveitamento de nossas encarnações. Eu ficava pensando... imagina se encarnássemos e nos centrássemos em nosso crescimento, em nossa evolução, sem meter o bedelho na vida dos outros irmãos, respeitando as pessoas como elas são, mantendo a certeza de que todos os nossos projetos seriam coroados pelo êxito, pela bem-aventurança... e se passássemos mais tempo a sós, pensando na perfeição da vida, pensando em aproveitarmos os prazeres da viagem à Terra, buscando cooperar com os que estão ao nosso redor, tentando fazer a vida dos outros mais feliz apenas como a nuvem que passa sobre a cabeça dos encarnados sem significar-lhes um peso insuportável de ser carregado... e que quando surgissem os momentos de aperto, os momentos em que nos sentimos tristes, chateados, em função de algumas coisas não saírem como esperávamos, que nos recolhêssemos com nosso Espírito, buscando compreender, através da mente, o desenrolar da vida, como quem observa, sem nos lançarmos a sentimentos de revolta, de ódio, de maquinações, de vinganças... e, assim, nos desenvolveríamos em nossos estudos, na escolha de nossa profissão, planejando — com a certeza de que um dia realizaríamos — fazer aquilo que no momento não podemos, pois uma profissão é, acima de tudo, uma atividade da qual temos lucro financeiro, mas, independente do lucro financeiro, é uma atividade a partir da qual expressamos nossa alma, nosso espírito, nosso poder criador e criativo... e teríamos nossos relacionamentos com as outras pessoas, com namorados e namoradas, com noivas e noivos, com esposas e esposos, de uma maneira respeitosa, dando ao outro a liberdade de ele ser quem ele nasceu para ser... e quando algo não saísse a contento, que simplesmente continuássemos nossa vida sem fazer cenas inúteis que só nos declaram o nível de imaturidade em que ainda estamos... e que quando chegasse o momento de o outro continuar sua jornada, fosse pelo que é chamado morte ou pelo que é chamado partida ou despedida, que soubéssemos aguardar no silêncio de nossa alma pelo desenrolar da

vida...devo admitir que ainda agora, que penso nisso, fico comovido, pois sei que não é assim, pois cada pessoa ainda está em fase de aprendizado e devo respeitar isso, mesmo tentando orientá-las, como tantas vezes tenho feito nessa Colônia onde fiquei por um ano inteiro.

Eu aprendi muitas coisas aqui, trabalhando com pessoas que estavam no mesmo nível evolutivo que eu, ajudando encarnados que me serviram como ferramenta de crescimento pessoal também, pois estavam no nível evolutivo em que eram capazes de receberem minha ajuda, mesmo que não aceitassem. Minha ajuda, em meu trabalho de fé e de amor, sempre esteve disponível. Assim como a de tantos outros. Se a ajuda não foi aceita é porque não era o momento, porque o encarnado havia decidido — ainda que não conscientemente, o que não deixa de ser uma decisão pessoal — não aceitar ver além da mesmice que seus problemas rotineiros poderiam fazê-lo alcançar. E toda a ajuda necessária continuará sendo fornecida. E todas as decisões — ainda que não sejam as mais adequadas — continuarão a ser respeitadas. De qualquer forma, todos evoluirão, não há como isso não acontecer. A qualidade dessa evolução é que pode variar de um para outro, o tempo que se perde numa encarnação é que poderia ser melhor aproveitado. Mas não podemos ir além do livre-arbítrio da pessoa, pois todos têm seu livre-arbítrio, ainda que o plano em que estejamos nos limite em relação a algumas escolhas das quais precisamos estar à altura a fim de decidirmos por nós mesmos. Conforme nos tornamos mais responsáveis, mais maduros, melhores escolhas podemos fazer por nós mesmos.

Saindo aqui da Colônia São Bernardo, eu irei para outra colônia, onde farei novos amigos, seguindo o objetivo da vida, que é acolher a mudança, pois dentro da mudança estão as ferramentas para a expansão do amor. A mudança significa que a vida está interagindo conosco, e é uma oportunidade para interagirmos com ela, através de pessoas e acontecimentos. E a vida, sendo puro dinamismo, opera através das mudanças. Negar a mudança, não dar à mudança uma chance de acontecer, preferindo ficarmos reclusos na revolta pela situação que mudou o estado pessoal de vida para outro para o qual não estávamos acostumados, é não dar à vida a oportunidade de acontecer, é negar a perfeição que Deus escolheu para desenhar a vida como é.

Assim, acolho a mudança a cada momento de minha vida, e não há tristeza com a minha partida, pois aqui optamos pelo estado de alegria, pelo estado de aceitação de que novas surpresas virão, de que novos aprendizados só podem ocorrer a partir da mudança que se apresenta a cada um de nós. Meus amigos, aqui, fizeram muita festa quando ficaram sabendo que eu estaria de mudança, cumprimentaram-me desejando-me o melhor, desejando que eu continuasse progredindo no caminho de luz que escolhi com o coração aberto para mim mesmo e, conseqüentemente, para todos que estão à minha volta, pois, quando aceitamos a vida como ela é, nós também privilegiamos todos que estão ao nosso redor, sejam encarnados, sejam desencarnados. Quando eu evoluo, eu dou passagem a outros para evoluir, para ocupar meu lugar na criação, para ajudar outros a virem comigo. Não há como desejar que a evolução ocorra se prefiro encaixar-me em situações imutáveis. Saber isso, concordar com isso e, principalmente, vivenciar isso, nos faz crescer, faz com que tenhamos em nós mesmos uma ampliação imensa de valores, de ideias, de responsabilidades que não têm preço, que não acontece sem essa atitude.

Dói deixar os nossos e continuar seguindo adiante? Dói ver que os nossos se foram, ainda que momentaneamente, de nós e que não os teremos como antes estávamos acostumados?

Sim. Mas quando entendemos — com a mente e com o coração — que a vida não flui sem essa passagem, sem essa mudança de situação, sem essa mudança de papéis que representamos na vida dos outros e, os outros, na nossa, nada dói mais do que sabermos que se optarmos pela imutabilidade, toda a alegria da vida estará presa, fixa num tempo sem tempo... perdida.

— Nossa, Miguel, que felicidade saber de sua evolução!

— Aí, cara, valeu!

— Meu Miguel, vai com toda nossa luz!

— Meu irmão, toda a paz para você, que você continue nessa jornada iluminada!

E todos juntos, uns dez amigos, gritaram:

E pro Miguel, nada? Toda Luz!

E pro Miguel, nada? Toda Luz do Universo!

Evoluir é isso, estar sempre partindo, estar sempre mudando!

Sempre que possível, virei visitá-los, pois aprendi muito com eles e nos tornamos um... eu me tornei eles, eles se tornaram eu.

As meninas estão organizando uma festa surpresa, que não é tão surpresa assim, pois — e isso me diverte — eu já sei da festa. Mas brinco pilheirando sobre não saber.

Enquanto isso, eu continuo apreciando cada momento final nessa Colônia, me lembrando de como foi chegar aqui, do contato que foi possível fazer com minha mãe, do livro que foi escrito, do fato de ter podido dar notícias de casa para os que ainda estão colhendo seus aprendizados no plano físico, da alegria de saber que há uma continuidade para nossas consciências, que somos essa perfeição em busca de mais aperfeiçoamento, dos aprendizados que tive.

E, intimamente, uma alegria maior me move. A alegria de saber que continuarei crescendo, interagindo, aprendendo, ensinando, sendo útil nessa engrenagem que é o Universo com todos os seus mistérios e privilégios.

Na vida há apenas bondade, beleza. Se assim não fosse, o mundo já teria se destruído. E é para essa bondade, essa beleza, que olho todos os instantes em que me reconheço como filho de Deus. Há perfeição, beleza e bondade em cada elemento da natureza, em cada pássaro, em cada planta, em cada movimento da vida. E me sinto abençoado por pertencer a esse conjunto de seres que se ampliam todos os dias, todas as noites, todos os momentos desse tempo sem tempo, o tempo eterno em que a vida ocorre.

Na Terra, vivi tudo o que me foi possível até onde possível.

Aqui, vivo tudo o que me é possível até onde possível.

E continuarei assim, vivendo plenamente tudo o que é possível até que seja possível.

Quando não for mais possível, Deus me proverá lugares mais amplos, pois Ele saberá que ali já não sou necessário, que ali já não me cabe, que ali já é pouco para mim. Então me proverá mais possibilidades.

E continuarei me ampliando a partir de novos lugares, de novos conhecimentos, de novos desafios. Os novos lugares trazem os novos desafios que, por sua vez, trazem mais oportunidades de ampliação pessoal à medida em que representam interrogações a serem respondidas, vivenciadas e se acumulam como novos conhecimentos. Isso representa a evolução. E

a evolução é o processo da maturidade da energia. E essa é a energia vital da qual precisamos, como precisamos de alimento, e que encontramos em cada movimento que a vida nos apresenta. Assim somos nutridos, cuidados, sustentados.

E se acolhemos a mudança de braços abertos, de coração contente, mais realizações colhemos, até que estejamos preparados para novos campos, novos estados, novas perspectivas. Ao longo dessa expansão, mais paraísos, mais universos, mais seres de luz nos vão sendo apresentados. E vamos nos tornando mais capazes de absorver todas essas novas paragens, de encarar cada nova onda, de nos misturarmos com as bênçãos, que são como gotas de água de um grande oceano, onde as marés só servem para nos certificar de que podemos encarar desafios maiores.

E isso continua infinitamente.

Isso nunca termina.

Isso se chama eternidade.

O dia da “festa surpresa” aconteceu quando entrei na entrada do prédio onde estava morando. As luzes se ampliaram em intensidade assim que entrei no espaço e ficaram piscando, evocando uma festividade bastante conhecida dos momentos de celebração e alegria. E o som de uma música, como se fosse uma serenata, ocupou cada canto, as vozes de meus amigos encheram o ambiente numa comemoração de alegria, acompanhada de murmúrios, saudações e palavras que expressavam contentamento e bons augúrios.

A festa teve continuidade no pátio do prédio, um lugar com um jardim maravilhoso, cujas flores não existem ainda na Terra, com bichinhos parecidos aos vaga-lumes, pois acendem e apagam suas caudas, mas numa explosão de cores. Sim, luzes coloridas, azuis, amarelas, vermelhas, verdes. E apesar de não estarmos tristes, não temos como conter as lágrimas diante de tanta beleza e sensação de paz provocada por todo o espetáculo que se descortina diante de nossos olhos nesse espaço do plano não físico.

Nessas festas normalmente conversamos sobre planos futuros, sobre os trabalhos que estão em andamento, sobre as novas almas que foram resgatadas através dos serviços que mantemos nas diferentes partes do Umbral a que temos acesso. Aconselhamos, somos aconselhados, pensamos em no-

vas estratégias e nos organizamos em relação a novas formas de atitudes e abordagens.

E quase no final de nosso encontro, recebi um cartão que me foi lido por um amigo, e que continha uma mensagem que enaltecia, nobremente, a fraternidade e lealdade que nos une.

Após a entrega e leitura do cartão, um de meus professores, o Prof. Jefferson, pediu a palavra:

— Estamos felizes, pois este jovem, que não é tão jovem assim, está recordando-se cada vez mais rápido de suas vidas passadas, tomando consciência da verdade da experiência pessoal, amadurecendo e se mostrando preparado para desafios adequados à altura que ele atinge agora, por esforços próprios. Mesmo quando ele se mostra disposto a aprender, a se aconselhar a fim de realizar o trabalho necessário da maneira que mais resultados positivos trazem, é pelo próprio esforço e comprometimento pessoal que realiza essa tarefa.

Miguel, eu sinto uma satisfação inigualável com seu progresso, e esperamos, de coração, que você continue assim, com seu sorriso contagiante, com suas brincadeiras amorosas que servem para aliviar o peso das situações com as quais temos que conviver no trabalho que nos dispomos a fazer em prol de nossos irmãos. E que os caminhos de Jesus continuem sendo sua vocação natural. Nós amamos você e te desejamos o “Universo de Amor”.

A mensagem me encheu de uma emoção tão positiva que até agora, quando releio o cartão, quando penso nas palavras de meu professor, sinto-me comovido e penso em cada um com quem tenho vivido ao longo desse tempo em que aqui estou, e ela me fortalece para continuar, como sempre, aberto, corajoso, decidido a partilhar o meu melhor com cada um em sua jornada de expansão espiritual. O reconhecimento do amor que me consideram me faz uma pessoa feliz e me faz perceber que “amar é deliciar-se no bem”, por isso — quanto mais sinto amor — mais desejo sentir, pois o amor é um prazer que meras palavras não conseguem traduzir.



Partidas e chegadas

Quando amanheceu, sendo hora de partir, passei alguns momentos em estado meditativo, absorvendo da doce paz e do sentimento de realização que me cercavam.

Minha pequena bagagem contém apenas objetos pessoais, retratos de minha mãe, de meu irmão, de minha avó Toinha, do meu tio Pedro e da tropa de amigos que deixei na Terra.

Sim, temos fotos aqui, trabalhos belíssimos plasmados com a energia astral que chamamos de fotos. E, sim, o que há na Terra é uma cópia do que temos em nosso plano.

O transporte aéreo indicado para meu campo estava me esperando e embora eu já sentisse uma saudade antecipada por não ter mais o contato regular com aqueles a quem eu já havia me habituado nesta Colônia, minhas emoções de alegria e suave expectativa pela nova Colônia me atingiram com firmeza e o pensamento que ficou comigo, enquanto o transporte em que eu estava se afastava dali, era o de dever cumprido, de apreciação pelo que, grosso modo, se torna passado e pelo, grosso modo novamente, futuro que me aguardava.

A nova colônia, a Colônia São Sebastião, me deu a impressão de ser um “paraíso”. E se eu já tinha a impressão de que o paraíso era a colônia anterior, diante desta fiquei mais estupefato, pois, a cada nível em que me encontro, mais belezas se fazem presentes.

Árvores de tamanhos variados, jardins com flores que parecem nos ceder a passagem, mudando de cor conforme passamos por elas. Se não fossem as maravilhas que me deixam boquiaberto eu poderia dizer que algumas partes dessa colônia me fazem lembrar o sítio em que morei na Terra junto com minha mãe e meu irmão.

Há uma grande profusão de pássaros, de todas as cores, formatos e tamanhos. E cantam tanto que, às vezes, temos a impressão de que estão cantando um hino de felicidade. E pousam em nossos ombros sem o menor medo, brincando de ir e vir, como se estivessem se divertindo com o amor que acabamos por lhes dedicar logo de antemão.

Fui recebido por Ricardo, coordenador do curso que farei. Na verdade, já nos conhecíamos, pois já tínhamos conversado várias vezes através de um aparelho parecido com um computador dos que temos na Terra.

Ricardo é destes espíritos puros, de muita luz, que não necessita mais de reencarnações na Terra.

Abraçamo-nos emocionados, como se estivéssemos nos reencontrando após longa distância afastados um do outro. O que não deixa de ser verdade, já que nos conhecemos há muito tempo, pois já tivemos algumas encarnações juntos.

No entanto, enquanto conversávamos pelo que vou chamar de “Apavoz” — que é um nome que me ocorreu agora, por ser um aparelho parecido com um computador, através do qual podemos falar tanto por escrito como por voz, como um comunicador virtual, mas com muitos outros recursos que ainda não existem na Terra, mas que não posso informar, pois ele acabará sendo “criado” na Terra, já que tudo o que temos na Terra foi pensado aqui primeiro. E dou esse nome, “Apavoz”, numa mistura de “aparelho” mais “voz” — Ricardo nunca comentou comigo nada a respeito de nossas encarnações juntos.

Por isso, quando o vi aqui, pessoalmente, pois antes já o havia visto pela tela do “Apavoz”, senti uma afinidade que me abriu os sentidos da memória e me lembrei de nossas experiências em outras épocas de minha jornada pela Terra.

E, após recuperarmos-nos da emoção desse reencontro, eu lhe perguntei:

— Como pude não perceber que era você a pessoa com quem eu estava falando? Como fui “mané”, e por que você não me falou nada, Ricardo?

Ao que ele me respondeu, ainda rindo da gíria que eu havia usado:

— Não era adequado. O despertar da memória se processa gradualmente e apenas quando necessário, pois o que importa o que passou se passado, em si mesmo, não existe, podendo ser acessado quando preciso for?

Depois que nos recuperamos das emoções, Ricardo me levou para meu novo prédio, minha nova morada:

— Vamos, Miguel, conhecer sua nova morada.

— Não é morada de gente morta, como se costuma dizer na Terra, é moradia de gente viva, bem viva, como eu.

Rimos à minha pilhéria.

O prédio tem seis andares. Portanto, não é tão alto quanto o da Colônia São Bernardo, mas tão lindo ou até mais. Ele fica no centro de um bosque, cercado de muitas árvores, muitos pássaros. E como cantam estes pássaros! Cantam de maneira harmoniosa, formando uma orquestra, com sons que se combinam, numa sintonia perfeita.

O apartamento que me foi destinado fica no sexto andar.

Meu quarto é bem parecido com o outro em que eu morava, tem uma cama grande que sei que quase nunca usarei, ao lado de um guarda-roupa e uma prateleira onde coloquei os porta-retratos de minha galera. No quarto há um banheiro que, também sei, usarei muito pouco. Tenho também uma poltrona para leitura e um aparelho dos que citei, o Apavoz, pois ele nos ajuda muito em nossos estudos, através dos quais também podemos acompanhar nossos familiares na Terra. E há uma janela enorme, com cortinas e flores no peitoril. As flores têm cores lilás, rosa e branca. E o mais importante, também no quarto, um retrato de Jesus, que me ajuda a lembrar que estamos todos em nossos sistemas de realidade — físico ou não físico — para aprendermos e colocarmos em prática os ensinamentos do Grande Mestre, que resumo numa frase: “Monte guarda na porta de sua mente e estarás pondo em prática os meus ensinamentos”.

A antiga ocupante do quarto em que estou agora se mudou para uma colônia mais evoluída que essa. E isso me chama a atenção para o fato da constante mudança na vida de todos e que, por uma questão de inteligência, saber disso e contentar-se de que nada é para sempre, como comumente desejamos que o seja, é uma benção, pois nos abre para dar boas-vindas às mudanças e perceber que elas somam mais vitalidade à nossa energia pessoal.

Muitas vezes, diante de mudanças, tendemos a resistir, pensando que toda mudança só pode trazer coisas ruins. Mas isso é porque — de certa forma — temos medo de mudar, temos medo do desconhecido. Só que esse

medo é um resultado da falta de fé com a qual vivemos, pois quando temos fé sabemos que tudo o que nos espera é para nosso bem. E aí nos abrimos mais facilmente para as mudanças. E por termos em mente que tudo é para o nosso bem, as coisas que significam o nosso bem acabam por acontecer. Sempre.

E não se trata de sermos “cordeirinhos”, aceitando tudo o que nos acontece. É diferente disso. Trata-se de mudarmos a forma como vemos o que nos acontece. Trata-se de interagir com os fatos, com os eventos, com as pessoas, procurando tirar o melhor de tudo o que nos acontece, tomando atitudes e posturas que nos favoreçam. Dentro da postura de sermos “os cordeirinhos” — que é uma postura bastante negativa, por sinal, pois não é do coração, mas uma atitude aprendida da cultura dos sofredores — há uma espécie de não pensamento, de comodismo, de conveniência pessoal que é negada em nome de um falso moralismo.

Quando falo sobre a aceitação é porque tenho aprendido que é possível aceitar dinamicamente, ao invés de aceitarmos passivamente, que é o que a maioria de nós faz quando está na Terra. E se não é assim, logo vamos para o extremo, que é o da revolta. Por isso, justificamos nosso sofrimento, abraçando-o, mesmo dizendo que não advogamos a favor do sofrimento.

Ao escolhermos viver nossas vidas em alegrias, isso tem que acontecer de forma prática e consciente. Daí que começamos a atuar mais equilibradamente, tomando as melhores decisões diante de qualquer situação que nos ocorra.

Existem muitas pessoas que têm dificuldades em entender a escolha pela alegria. Chegam a dizer que escolhem a alegria, mas no desenvolvimento da rotina diária acabam optando pela rigidez, pela ira, por um senso de responsabilidade exagerado.

Bastaria que a pessoa se centrasse na flexibilidade e amor do próprio espírito, mantendo-se atento aos sentimentos do espírito para conseguir viver em alegria e ampliar o próprio bem-estar.

Assim, o que é preciso fazer para se comprometer e vivenciar a alegria de fato? Apenas estar conectado ao próprio espírito. Não tema ao achar que, ao estar conectado com o espírito, o mundo material com suas obrigações será deixado de lado e prejudicado. Aí, sim, que ele se harmonizará e que todas as obrigações se tornarão leves e poderão ser realizadas com a perfeição adequada.



Controle dos pensamentos

Controlar nossos pensamentos é — basicamente — tudo o que Jesus nos ensina, já que, ao controlarmos nossos pensamentos, praticamos tudo o que Ele nos ensinou.

Algumas pessoas dizem ter dificuldade com o controle do próprio pensamento. No entanto, se começarmos a ser mais criativos, entenderemos que basta nos ocuparmos do que é puro e que nos dá prazer a fim de conseguirmos usar o pensamento em coisas boas, não em coisas ruins. E a própria dificuldade de se controlar um pensamento é algo ruim, pois o pensamento de ter que se controlar o pensamento gera esforço, uma sensação de que não conseguiremos. Mas enquanto continuarmos alimentando essa ideia, mais difícil será estarmos no controle. E é fácil, é bem fácil. Basta que nos dediquemos ao que nos dá prazer, àquilo que amamos. E, assim, perceberemos que começamos a cuidar do pensamento, já que — ao estarmos interessados no que amamos — começamos a gerar mais e mais pensamentos de acordo com o que desejamos.

As religiões da Terra, por serem organizadas e conduzidas por humanos em estado de aprendizado, possuem o hábito de complicar as coisas. Não são as religiões em si que fazem isso, mas os dogmas, as regras, compostas por seres humanos ainda em estado de evolução. Os idealizadores de uma religião não encontram um corpo de regras no momento da inspiração que os leva a ter uma reunião formada, mas seus seguidores e futuros líderes, sim. Encontram regras sociais, regras morais, tabus e informações sem sentido e desnecessárias que só enchem a cabeça de muita gente de coisas totalmente inúteis. E estar no caminho do Divino é simples. Assim como é simples o Divino. Basta que passemos mais tempo conosco, com

nosso Espírito, pois ele é o nosso maior guia. E quando fazemos isso, somos intuitivos a prestar mais e mais atenção ao que amamos. E ao estarmos com o que amamos, sejam pessoas, animais ou atividades, começamos a gerar pensamentos bons. Assim, não há a necessidade específica de controlar nada, pois o controle tem por meta nos colocarmos em estado de bons pensamentos. E se estamos em bons pensamentos, não temos que controlar os bons pensamentos. Apenas temos que continuar mantendo-os. E como fazemos isso? Fazendo mais do que gostamos, do que apreciamos. E, desse modo, mais coisas de que gostamos e de que apreciamos, chegam até nós.

Você já tentou imaginar uma vida vivida em prazer? Já imaginou como pode ser acordar de manhã pensando em coisas boas e — caso algo de ruim nos aconteça — relegarmos o que não nos agrada ao tempo, ao vento, a tudo menos mantermos o que é negativo longe de nós?

Já imaginou como é ter um dia totalmente voltado para o que você ama e que lhe dá prazer? Já imaginou escutar suas músicas preferidas, andar por algum lugar que lhe dê prazer no local onde você mora mesmo? Já imaginou poder fazer alguma atividade que lhe dá prazer, mesmo se você precisar, por necessidade financeira, permanecer num emprego que, a princípio, não lhe agrada tanto? Já imaginou como é possível deixar os seus dias melhores com várias coisas a fazer e todas elas voltadas para o seu prazer?

Deus nos deu a imaginação e, com ela, a criatividade. Sendo assim, está dentro de nossa capacidade a inventividade que pode ser usada para termos mais controle dos pensamentos e, conseqüentemente, uma vida mais prazerosa.

E se você pensar com cuidado a respeito do que está sendo sugerido para você aqui, enquanto eu escrevo essas palavras, verá também que tudo na vida é simples. E que os melhores resultados vêm das coisas simples, pois todas as coisas simples estão ao nosso alcance.

Tenho aprendido em meus estudos que o sofrimento é desnecessário e que nos inclinarmos para ele, admitindo-o em nossa vida, não nos faz melhores, não nos garante nenhum lugar no céu, nem faz do mundo — tanto o espiritual quanto o terreno — um lugar melhor.

E não estou dizendo que devemos ser revoltados também.

Há uma postura de equilíbrio nisso tudo. E essa postura de equilíbrio é a desejada por Deus para nós, suas criaturas e filhos. E por não entendermos tudo isso é que nossa evolução espiritual acaba sendo mais prolongada e de uma qualidade inferior à qualidade que poderia ter.

E Deus não tem nada a ver com isso, pois Ele nos criou com a capacidade de sermos mais do que preferimos ser. E se preferimos ser alguém do que podemos ser é porque fazemos uso de nosso livre arbítrio de uma forma muito mais voltada para o egoísmo pessoal primitivo do que para a abertura do espírito.

Quando decidimos escutar mais o nosso espírito — que é nosso guia e guardião, estando sua luz e inteligência à nossa disposição sempre, bastando que mantenhamos os olhos do coração voltados para ele —, mais ganhamos em sabedoria, evolução, amor e prosperidade.

E não é difícil para nós fazermos isso. Basta darmos o primeiro passo, comprometendo-nos conosco mesmos, com nossa luz interior. Deus nos fez perfeitos e a eternidade de nosso caminho pode ser aproveitada através dos acertos, de maneira que nossa vida ganhe uma qualidade melhorada, de maneira que possamos vivenciar todos os elementos contidos na realidade escolhida, a realidade do espírito. Não precisamos fazer como muitos que aproveitam a eternidade apenas para se acertarem numa próxima vida.

Dizer que vamos melhorar numa próxima vida não nos isenta da responsabilidade, pois somos sempre nós mesmos — e com consciência disso — que teremos que fazer o trabalho de nossa evolução. É o que acontece com todos. Sem exceção.

Se há algo para melhorarmos, que melhoremos agora. Temos o tempo para isso. Que o saibamos usar de maneira objetiva, centrada no espírito e nas possibilidades.

Não há necessidade alguma de darmos os passos para isso já pensando no que pode dar errado, pois fazer isso é demonstrar para nós mesmos que não acreditamos em nós, tampouco em Deus e em seu maravilhoso plano para a nossa evolução.

Aqueles que pegam o hábito de adiar o próprio aperfeiçoamento, delegando para uma vida futura, terão mais dificuldades no percurso, pois esse hábito tende a se agravar, tornando-se vício. E um vício que desperta quan-

do a pessoa está numa próxima encarnação, fazendo com que ela — mais cedo, mais tarde — tenha que enfrentar o que tem a ser aprendido e muitas vezes já nem pode contar com o tempo da eternidade que pensava que tinha. Não que o tempo vá acabar — afinal, ele é eterno. Mas a qualidade desse tempo se modifica e a vida — que não admite ser negligenciada, pois até ela serve a um propósito — empurra-nos para situações em que somos, praticamente, obrigados a tomar decisões e a nos responsabilizar por nós mesmos. No tempo do agora.



No dia seguinte à minha chegada, fui à aula na “Universidade Jesus Cristo”.

O prédio é majestoso, com milhares de estudantes, com salas bastante diferentes das que eu já vi. São salas bem amplas, providas de telões que mostram fatos reais, com acesso a períodos no tempo, que servem para análise e reflexões.

Meu professor me disse que podemos, instantaneamente, transportar-nos para os fatos e períodos que vemos nos telões, quando necessário. Isso foi uma novidade para mim, e entendi depois que as visitas que podemos fazer a estes períodos e fatos sempre têm por base a instrução de quem é visitado e de quem visita. E todas as cenas e períodos, para os quais podemos nos transportar, de certo modo estão relacionados conosco.

Naquele momento em que a aula a respeito do assunto estava sendo dada fui todo ouvidos, por assim dizer. Mas há algumas coisas que ainda não posso compartilhar através deste livro.

Se você é como eu — quando eu estava na Terra — pode ficar muito bravo por eu poder falar apenas uma parte da história, não toda ela. Eu tinha o hábito de querer saber de tudo. E hoje entendo que não estamos preparados para saber de tudo, pois se até o que sabemos não nos impele a cuidar somente de nossa vida e a manter a fé na perfeição de todo o sistema existencial, que dirá se eu contasse tudo o que vivencio por aqui. E se me permito contar apenas uma parte é porque eu mesmo gostaria de contar tudo, pois tudo me deixa maravilhado. Mas, sinceramente, não posso desobedecer meus mestres. E se eles pedem por segredo, grandes razões há para isso. E sei que — assim como pensamos sobre algo que deu errado “ah,

ainda bem que eu não sabia disso” — também será assim que você, ao vir para cá, quando chegar a sua vez, também agradecerá e entenderá o motivo pelo qual não lhe foi contado tudo.

Posso dizer que contar algumas coisas para os encarnados é como contribuir para a mania de sofrimento que temos quando estamos na Terra, pois os encarnados escolheram uma forma de interpretar a realidade, e tudo o que há de diferente dessa forma é negado, é desvalorizado. Os encarnados agem como criancinhas que não têm maturidade ainda para entender algumas coisas. Por isso somos orientados a não falar tudo, só o necessário para alguns que estão prontos a entenderem ou, pelo menos, a admitirem que não sabem de tudo e que Deus é realmente maravilhoso, pois guarda sempre o melhor para aqueles que abrem seus corações a Ele.

Normalmente, quando estamos na Terra, dizemos que nada acontece por acaso. Infelizmente, essa frase é mais uma das tantas que as pessoas repetem sem pensar e não aplicam no dia a dia, pois se realmente honrassem o conhecimento dessa frase, não duvidariam de algumas coisas que são relatadas.

E realmente é verdade que nada acontece por acaso. Tudo tem um propósito, embora o propósito não seja exatamente da maneira como cultural e socialmente nos habituamos a pensar e a conjecturar quando estamos na Terra. Todo o plano Divino é muito mais maravilhoso do que podemos supor. E mesmo estando na Terra, se prestarmos atenção à perfeição da natureza, da vida em si, esse conhecimento se abrirá a nós. Portanto, como tenho dito, o ideal e mais proveitoso é nos voltarmos para nosso espírito, mais e mais.

Nos arredores desse prédio há um pátio para meditação. Esse pátio é cercado por árvores que abrigam pássaros muito pequeninos e que cantam divinamente, enquanto pulam de um galho a outro, olhando-nos com olhinhos espertos. Fiquei tentado a passar toda a tarde olhando-os, tão encantado fiquei com eles. Há várias fontes próximas ao prédio, com uma água cristalina que quase nos serve de espelho, tão límpida é essa água.

Realmente, um lugar perfeito para meditar. Se não fosse minha atenção aos pássaros que se esgueiram de galho em galho, como se quisessem chamar a atenção de qualquer um que olha para eles.

Há um salão para reuniões e encontros sociais. Esse salão mais parece uma cantina. Só que não é cantina, pois não precisamos comer aqui.

Há algumas salas nesse grande campus, acho que posso dar esse nome, pelo menos para os leitores entenderem do que falo. Nessas salas há grupos estudando coisas diversas. Não usam livros propriamente.

Há salas que são todas de vidro e podemos ver as pessoas olhando para painéis que parecem ser de plástico, ou de acrílico. E os professores não escrevem — como numa lousa, com giz. Eles tocam nesses painéis, que, lógico, fazem a vez de uma lousa. E conforme tocam, as informações vão aparecendo, sendo substituídas, como se fosse numa apresentação de multimídia terrena, mas muito mais sofisticada, pois há cores, traços, não propriamente letras ou símbolos numéricos. E os alunos não escrevem, apenas olham os símbolos e vão compreendendo a natureza do que lhes é ensinado. Algumas vezes — pelo que posso observar — um aluno levanta a mão e o professor, ou professora, para e olha amorosamente para o aluno. Então, o aluno acena com a cabeça, como quem demonstra que entendeu. E a aula prossegue.

Eles aprendem fundamentos de assuntos abordados na Terra (como matemática, biologia, ciências, história etc.). Além disso, existem aulas de Sistemas de Linguagens, ou Idiomas, tanto novos quanto os antigos — que continuam em processamento nas faixas atemporais — e, mais importante, significados e informações que lhes servem para a elevação do espírito, não apenas como informações ocorridas, fatos ou eventos.

É como se cada grupo de alunos recebesse exatamente aquilo para o qual está pronto em termos de capacidade de absorção. Os professores — há tanto professores quanto professoras — usam batas brancas até os joelhos, com calças brancas ou cinzas. Ainda não entendi exatamente tudo; estou, portanto, transmitindo o que consegui observar e saber por certo. E que eu possa transmitir.

Passam muito tempo entretidos nessas aulas. E muitos, depois que as aulas são findas e o grupo se dispersa, continuam empenhados em placas

que possuem informações que nunca consigo ver, pois as informações estão disponíveis apenas para os que frequentam essas aulas. Muitos outros se dirigem a laboratórios onde manipulam máquinas que nunca vi. E estas máquinas são grandes e também pequenas. Há cabos, fios, esferas de um material que eu nunca vi. Não é plástico, ou ferro, é algo diferente.

E não ousou fazer tantas perguntas, pois, muitas vezes, quando cheguei a indagar algumas coisas por aqui, apenas recebi um semi-sorriso e um olhar amoroso de meus mestres, que acabam mudando de assunto; e isso, de certo modo, me diz que eu não teria condições de compreender o que penso querer saber.

Já fiz algumas aulas, mas as minhas são diferentes. E ao mesmo tempo não são, já que a forma de aprendizado aqui é muito similar às que vejo nessas outras classes. Mas o material com o qual aprendemos é diferente, são praticamente palpáveis.

Não consigo entender ainda por que estou aqui. Esta colônia é para pessoas bem evoluídas, então sinto que há muito mais informação do que consigo absorver, embora todas as informações que me são passadas sejam absorvidas sem muita dificuldade. Mas sinto que meu processo de aprendizado, bem como o de todos que estão na mesma classe que eu, é bem mais lento do que o que percebo nessas classes que mencionei. Eu tenho a impressão de que posso passar a eternidade aqui, aprendendo e aprendendo. Parece-me haver um universo de informações.

Deus é maravilhoso comigo por me permitir ter vindo para cá.

A vida aqui começa cedo, às seis da manhã já devemos estar na Universidade, para o começo das aulas. E vamos até a noite, sem parar. O tempo aqui voa. É como se o dia findasse assim que damos por encerrado um assunto. E as aulas possuem conteúdo e estilos tão interessantes que não temos vontade de parar. Talvez até pela atmosfera do lugar, temos uma energia que, até então, eu desconhecia possuir.

As aulas tocam os nossos corações a cada momento, então você sente que a mudança interior está ocorrendo, pois me desconheço, como se eu nada tivesse a ver com quem eu era quando cheguei ao plano espiritual, ou com quem eu era quando estava na colônia anterior. Menos e menos me reconheço como o Miguel que já viveu na Terra um dia. Como se tudo isso

não fosse nem passado, mas uma história inventada. Meus interesses mais e mais se tornam outros.

No entanto, me mantenho fiel ao meu compromisso de levar minha mensagem, através de minha mãe terrena. E minha mensagem é que as pessoas deixem de sofrer, pois não há valor algum no sofrimento.

Ter sido uma pessoa que gostava do que eu gostava, quando na Terra, agora passa a ter menos importância. É como se eu tivesse representado um papel, como se eu fosse o personagem de minha própria vida e, através do que eu praticava, as lições a serem aprendidas chegassem até mim. Assim, tudo o que eu gostava, tudo o que eu fazia, eram portas abertas para que os aprendizados chegassem. Minha essência, minha alma, meu espírito, continuava a se desenvolver, muito embora eu não tivesse essa consciência espiritual. Ter tido a oportunidade de curtir a vida, de interagir com minha família, me deu estrutura para eu ver a vida como vejo agora. Ainda estou só de passagem aqui, como estive na Terra, como estarei, decerto, em qualquer lugar onde eu estiver. A alma é essa coisa ampla, aberta a aprendizados, que goza o prazer de viver, de se estender, de se expressar, de fazer fluir o poder de Deus. E o poder de Deus é esse, a vida fluindo através de qualquer coisa viva. E todo o Universo é vivo. Pois vida é a única coisa que realmente existe.

Às vezes, escutando estes pássaros, imerso em minhas aulas, adquirindo mais conhecimento ou até mesmo meditando, percebo que somos mais do que sabemos. E penso naqueles que ainda se limitam achando que a vida é menos do que supõe ser. Como uma poesia, como uma música, como um acontecimento que é rápido em nos fugir dos dedos, demoramos a reconhecer a sutileza do que somos, pois atrás de tudo o que vivemos — atrás de tudo o que pensamos, atrás de tudo o que sentimos — está o que realmente somos. O resultado de tudo isso é que é nossa essência, nosso eu real. E como falar disso que somos se ainda nos apegamos ao mais grosseiro, ao mais visível, ao mais superficial? Com palavras, reconheço, é impossível. Pelo menos para mim.

Acho que estes pássaros têm algo a ver com esses pensamentos menos rasos que ando tendo. Tenho que escutá-los mais.



Aulas e reflexões

Hoje, na Aula que aborda o tema “Renúncia” (há aulas em que praticamente dissecamos assuntos, como já fazíamos na antiga colônia onde eu estava, embora aqui eles consigam trazer elementos muito mais profundos à tona), o professor começou perguntando:

— Ao que devemos renunciar?

E deu continuidade com o que tento transmitir aqui em palavras:

“Devemos renunciar às vontades menos nobres, aos prazeres mais superficiais. E, dessa forma, seguir a vontade do Deus Interno, daquela porção em nós que nos traz para a sensatez, para as boas resoluções, para o equilíbrio que começa em nós e que pode, só desse modo, espalhar-se para o coletivo. Algumas pessoas — dependendo de seu nível de compreensão, de entendimento, de evolução — podem achar que obedecer ao Deus Interno é questão de ditadura de um plano espiritual que tem como representante máximo o Deus que dizem adorar.

“No entanto, temos que observar que a representação personificada de um Deus como representante máximo de um plano espiritual é apenas uma imagem construída a fim de facilitar o entendimento daqueles que não conseguem ainda se separar de sua personalidade física, fazendo com que, dessa forma, não consigam ver o Deus Verdadeiro.

“Quando dizemos que devemos seguir a vontade de Deus e as pessoas pensam que estamos falando de um Deus personificado, como um Ser externo a elas, não há dolo nisso, pois essa mensagem em nada atrapalha o propósito do comportamento almejado, que tem como meta elevar a consciência do espírito, ainda que o trabalho aconteça a partir do plano físico.

“Se estamos no plano físico, ou no não físico, há sempre oportunidades que devem ser aproveitadas — em quaisquer dos planos — e em cada plano há possibilidades que, em outros, não são possíveis.

“O Deus Interno, ou o Deus Externo (que é imagem que a maioria faz do Verdadeiro Deus), devem ser nossa orientação máxima e a Ele estão relacionadas todas as positivities, expansão consciencial e evolução espiritual equilibrada.

“Assim, a suposta ditadura que muitos podem evocar quando dizemos que devemos seguir os mandamentos de Deus, não é ditadura. Se é vista desse modo é apenas porque o espírito ainda está em estágio evolutivo infantil, pois se utiliza de comparações relacionadas às dificuldades do plano físico, dificuldades estas criadas pelos próprios espíritos em função da própria imaturidade ainda. E se até as conjecturas são feitas nessa base, isso é mais uma prova de que precisam da realidade que criam e que não se pode esperar mais do que isso se considerarmos o estágio evolutivo em que ainda estão. Tudo é perfeito e até o estágio evolutivo em que muitos estão faz parte da evolução, pois não poderíamos condenar um fruto por ainda estar verde, já que é compreensível que seja necessário passar pelo estágio inicial a fim de se chegar a estágios mais amplos em termos da evolução de qualquer ser vivo, incluindo-se aí o espírito.

“A magia da existência está presente na renúncia que fazemos das coisas mais instintivas, tendo os elementos instintivos um lugar especial na evolução da criação divina. Ao visarmos o equilíbrio, tudo entra nos seus eixos.

“E a revolta que se acerca de nós, quando em estados ainda primitivos de evolução espiritual, ao nos ser instruído que devemos deixar de lado o que não tem a ver com Deus, é resposta de nossa parte mais animal. E o que há de animal em nós deve servir apenas como roupagem para vivermos no plano físico. E, ainda assim, com acuidade, com zelo e observação.

“Ao nos depararmos com o desejo de fazermos a vontade divina, que pensemos em deixar fluir nossos sentimentos menos sutis, mas de forma sensata, sem carregar o próximo com nossas insatisfações ou insanidades. Deixar fluir é não discutir com a vida, é não interrompermos nossa interatividade com a vida e com o que nos ocorre como se fôssemos crianças

mimadas que — insanamente — decidem fazer mal a si mesmas, apenas como forma de chamar a atenção dos pais que lhes privaram de algo que elas, em sua imaturidade, consideravam certas naquele momento.

“Dentro de nossas próprias dificuldades, dificuldades consideradas como dificuldades apenas porque estamos em estágio de aprendizado, estão nossos mais belos frutos. E se olharmos as situações que nos ocorrem com um olhar menos egoísta, menos provido de ego, entenderemos as relações do que nos ocorrem e do que precisamos compreender.

“Nossa mania de querermos interferir em planos mais elevados, mostrando-nos insatisfeitos, rancorosos, cheios de mágoas e de toda sorte de posturas e sentimentos perturbadoramente negativos, apenas faz com que o que dizemos desejar se afaste ainda mais de nós. Ao confiarmos em Deus, ou em nosso Deus Interno, seja lá como queiram chamar, a orientação nos chega e os portais dos paraísos se abrem para cada um de nós, de acordo com nossas necessidades e desejos.”

Todas essas informações nos foram passadas muito rapidamente, através das placas das quais falei, marcadas com símbolos, desenhos e musicalidade própria. Mas a rapidez com que foram passadas não é a rapidez que conhecemos no plano físico. Trata-se de punhados e punhados de blocos de informação que vamos recebendo, junto com a capacidade de processarmos essas informações e pedirmos esclarecimentos, se assim precisarmos.

O que passo aqui, portanto, é apenas o que minha mãe consegue traduzir dos blocos de informação que tento passar para ela também.

Neste curso temos várias matérias, mas a matéria básica é essa, a da “Renúncia”. Como na Universidade do Amor, na colônia anterior, aprendemos bastante sobre o Amor e o Perdão, é mais fácil entender a relação que essa matéria tem com as matérias anteriores.

Ao pensar nesse tema, várias imagens me surgem. E mais importante, as imagens, os conceitos, ressoam em mim e me torno uma pessoa diferente. Sinto isso, mas não sei expressar em palavras, a fim de que eu possa me fazer entendido, pois essas matérias e lições têm por base fazer exatamente isso, trabalhar na natureza verdadeira de quem somos. Por isso, quando alguém

reencarna, é dito que essas pessoas têm uma postura diferenciada, pois ela já veio de muito tempo de aprendizado no plano não físico. E a mistura do que ela é no não físico mais as oportunidades e interatividade com o físico é que resultarão na evolução tanto do planeta quanto da própria pessoa.

Esse trabalho de evolução também está ocorrendo na Terra. A única diferença é que não admitimos isso, pois nos deixamos conduzir por uma visão distorcida que nos diz que apenas a realidade física tem sentido. Basta que entremos em contato — um pouco só — com nosso espírito para sabermos que há a possibilidade, agora mesmo, de acelerarmos a qualidade de nossa evolução pessoal.

No primeiro momento a renúncia se nos apresenta como agressiva, pois não queremos renunciar a nada. Para muitos, a própria palavra é ofensiva, pois é como se tivéssemos que abrir mão de direitos nossos. E embora as religiões devessem esmiuçar esse assunto na Terra, não conseguem passar como uma coisa boa, pois é. E não conseguem simplesmente porque possuem líderes que não têm compromisso com o Eu Espiritual na medida necessária para se lidar com certos assuntos.

Nenhuma religião em si deve ser condenada, pois o princípio que rege cada religião é relacionado com os propósitos divinos que tentam despertar os veios do espírito em cada ser.

As pessoas podem julgar atos humanos, não humanos. A mesma coisa com as religiões. As pessoas podem julgar atos religiosos, não as religiões. Ao se julgar os primeiros (atos), há grande chance de aprimorar os segundos (humanos e religiões). Ao se julgar os segundos (humanos e religiões) não há como desenvolver os primeiros (atos). E a base de todo aprimoramento não deve ser julgada, mas aquilo que mancha a base. Toda base é pura. E não posso me estender mais nesse assunto, pois trata-se de uma estrutura pertinente aos mistérios sagrados e que deve ser entendida no próprio desenvolvimento individual de cada um.

Quanto mais somos comprometidos com nosso espírito, melhor sabemos lidar com assuntos de cunho divino. Essa postura de comprometimento com o Deus Interno, ou com Deus, ou com o Eu Espiritual, se traduz — na Terra — como fé, como um chamado a confiarmos em Deus. Mas, ao estarmos na Terra, nos deixando levar pelos conceitos cunhados sobre

o egoísmo, os desequilíbrios, o ego, também esquecemos que até mesmo a fé — que dizemos ser necessária — acaba sendo vivenciada de maneira equivocada. E damos tanta corda a esse tipo de comportamento, por nos privarmos da análise, das considerações espirituais, que nos perdemos de nós mesmos e começamos a passar adiante até mesmo aquilo que, embora acreditemos ser verdade, não praticamos.

Os ensinamentos recebidos, tanto aqui no não físico quanto no plano físico, são ensinamentos simples, de uma sabedoria mais profunda do que os costumes e conceitos desenvolvidos no plano físico. E são o “bê-a-bá” da vida, da existência como um todo. E nos auxiliam a enxergar a luz, a caminhar para ela, a sermos luz de fato. E eles nos impelem à prática. Infelizmente resistimos — quando estamos na Terra — às práticas que realmente validam estas verdades. E talvez por isso esqueçamos tão facilmente o que dizemos acreditar ser o mais correto para a evolução do espírito. Sem a prática, não temos como irrigar o solo — que é fertilizado por natureza divina — para que a planta perfeita venha à superfície de quem somos.

Meu professor continuou:

“Vamos renunciar a pensamentos e sentimentos negativos, pois estes dois sempre estão juntos. Harmonizar pensamentos e sentimentos é o mais importante a fim de conseguirmos sucesso em nossas empreitadas.

“Nenhum valor há em pensarmos positivamente, representando o papel de que tudo está bem conosco, mas nutrirmos o sentimento negativo, como quem finge.

“Nenhum valor há em pensarmos, por exemplo, ‘a vida é maravilhosa, fácil e farta’ e sentirmos ‘mas não para mim; o que será de mim? Estou sofrendo e os que amo também.’

“Separem tempo para analisarem a vida pessoal, para perceberem se há incongruência. E se perguntem — se perceberem a existência do conflito entre o pensar e o sentir — sobre o motivo pelo qual o conflito se apresenta. É uma grande oportunidade para se conhecerem, para se alinharem com a divindade que todos somos.

“E trabalhem pelo alinhamento, observando o conflito, acolhendo a si mesmos, de maneira amorosa, pois todas as situações pelas quais passamos, ou vivenciamos, são oportunidades de ampliação e evolução pessoal

em si mesmas. Nada há de erro em percebermos os conflitos. Se algum erro há, este é o erro em tentarmos ocultar o conflito de nós mesmos, perdendo a oportunidade de caminharmos um passo a mais no conhecimento de nós mesmos. Todas as dores — que apenas são dores enquanto não compreendemos — trazem em si a oportunidade da maturidade pessoal e espiritual. Saibam, portanto, ter a perspectiva adequada, a de olhar para si percebendo a vulnerabilidade a que estes conflitos podem nos levar e meditando a respeito do motivo pelo qual agem como agem, pelo qual sentem como sentem. E aguardem os belos resultados da flor de lótus, a alma, se abrindo no grande rio cristalino da existência, a própria vida.

“Apenas quando os pensamentos e os sentimentos estiverem íntegros, unidos, harmônicos, é que a vida fluirá — fazendo com que a renúncia positiva ocorra. E isso tanto vale para os encarnados, na Terra, quanto para os chamados desencarnados, no plano espiritual.

“Fala-se muito em ‘conhecer a Deus’. Entretanto, o trabalho do conhecimento de Deus não deve ser feito por Deus, passivamente, mas por cada um de seus Filhos, pois Deus já é o Todo que se mostra acessível. Assim, ‘conhecer a Deus’ é ter a capacidade de reconhecê-Lo, já que Ele sempre esteve e está a nosso lado. E fazemos isso quando nos alinhamos, quando fazemos nosso caminho para Ele, mergulhando no Todo, que é onde Deus está.

“Mesmo pessoas que são religiosas, se não praticam aquilo que estudam, aquilo com o qual dizem concordar e acreditar, pouco valor têm para si mesmas, pois só faz tornar o caminho mais moroso, mais árduo, já que a grande parte — a prática — ainda está por ser feita.

“Aqui mesmo — onde temos teorias, pois uma aula dessas é composta de partes teóricas que têm o propósito de despertar a porção que impele à prática — é necessário praticar. Não à toa temos nossos trabalhos na interação dos planos, onde ajudamos os irmãos que precisam de orientação, cuidados e energização.

“Em tudo, a prática é fundamental. É ela que nos faz responder que sabemos o que dizemos saber. É ela que nos faz ensinar — através de nosso exemplo ao praticarmos — àqueles que dizem não saber.

“Embora seja apreciável desenvolver o intelecto quando se está na Terra, esse não é o trabalho mais importante. Caso fosse, não teríamos tantos conflitos internos pessoais e tantos sofrimentos desnecessários. O trabalho mais importante é o de praticar — deliberadamente — os ensinamentos de Jesus, o Grande Mestre. Alimentar apenas o intelecto nos leva a vias onde reina o ego. E não à toa, geralmente, os que mais servem a si mesmos e à humanidade, disseminando exemplos de amor, são aqueles a quem faltou conhecimento intelectual ou riquezas materiais, pois há na privação uma aproximação sábia do ser físico para com o ser espiritual. Não precisaria ser assim. Mas a história tem nos mostrado isso com grande constância. Por isso, muitas almas, ao estarem se preparando para seus reencarnes, acabam preferindo uma vida provida de recursos e recheada de dificuldades. Têm a esperança de que, assim, poderão se elevar além do que poderiam se nascessem cercados de bens e facilidades.

“Aqui mesmo, no plano espiritual, ou mesmo no plano físico, é adequada a autoanálise, com certa periodicidade, como numa prova escolar, onde nos façamos as seguintes perguntas:

“ — Estou aprendendo algum ensinamento este mês?

“ — Estou colocando em prática o que estou aprendendo?

“E independente de termos, na Terra, uma religião, ou não, o trabalho é produtivo, pois nos tira da condição de autômatos, nos elevando à condição de ser que zela pela própria evolução pessoal e espiritual.”

Os mestres mais adiantados, que por serem espíritos mais adiantados ganham o título de mestres por parte daqueles que ainda estão no caminho da expansão pessoal, nos dizem que ter uma religião é algo maravilhoso, pois as religiões são uma oportunidade de o espírito se ampliar, enquanto está na Terra, e de manter sua porção física em contato com sua porção não física.

Eles dizem também que ter uma religião pode ser algo perigoso, já que a tendência humana é seguir pelo orgulho, promovido pelo ego, e nesses casos muitas pessoas passam a perder o contato com o espírito e privilegiam o desprezo pelas pessoas que não seguem a mesma religião que elas.

É interessante perceber como, quando no plano físico, nos deixamos envolver pelos extremos e somos capazes até mesmo de manchar recursos

tão úteis, tão preciosos, denegrindo-os ao fazermos mal uso deles, distorcendo-lhes o melhor dos propósitos.

Isso não ocorre — aprendi com meus professores — porque o ser humano é ruim, pois nada é ruim na criação de Deus. Isso ocorre porque há uma Energia em ocorrência. E essa energia tanto pode ser qualificada para resultar no que desejamos, como também desvirtuada, resultando naquilo que não desejamos. O que falta, completou meus professores, é consciência — que vem do contato estável com o Espírito, portanto — do que estamos criando no exato momento em que estamos atuando nos mínimos detalhes de nossa vida.

Quando temos a tendência para importanciar o ego, isso ocorre porque ao estarmos no estado de tempo presente, aquele em que estamos focados, aquele em que estamos centrados, teremos inclinação para fortalecer mais e mais aquele estado. Imagine que você pode ser uma criança e um adulto ao mesmo tempo. Quando estiver no estado de criança, tenderá a fortalecer tudo o que está relacionado à criança. Sensações, forma de falar, desejos, queixumes. Tudo o que for relacionado ao estado infantil, obterá ênfase. Quando no estado de adulto, tudo o que estiver relacionado com o estado de adulto, receberá a ênfase.

Esse, é lógico — continuou o professor que explanava esse tema —, é um exemplo bem rudimentar. Mas acredito que seja suficiente para vocês, meus alunos, entenderem o porquê de termos tanta compreensão com o espírito quando ele está em sua jornada evolutiva, representando papéis que lhe facilitarão o aprendizado e manutenção da maturidade. Compreendemos a que o espírito está exposto, por isso o auxiliamos. Pois, já estivemos na parte do caminho onde ele está agora.

Quando na Terra, é natural que se fortaleça, que se dê ênfase, à parte física, que compreende representações do ego, orgulho, julgamento superficial. Assim, usar as religiões para se enaltecer também é um ato do ego.

Deus não tem religião, os espíritos não têm religiões. Todos somos seres em evolução, submetidos à mesma vulnerabilidade, às mesmas condições. Por isso estamos juntos. Por sermos similares. Por termos, basicamente, as mesmas escalas de aprendizado.

Aquele que se julga melhor que seu irmão não entende que ele é igual a seu irmão. Ele pode não cometer os atos que julga como inadequados, mas, se prestar atenção com o espírito, que está sempre acessível, perceberá que comete outros atos que seriam julgados como inadequados se estivesse ele numa posição diferente daquela em que está atualmente.

Se um comete o erro do orgulho, outro comete o erro do julgamento.

Se um comete o erro do não amor, outro comete o erro de não ajudar naquele suposto erro julgado.

Assim, o que comete o erro “A” é igual a seu irmão que comete o erro “B”, pois erro é sempre erro. E erro, para nosso Criador, não existe, pois todas as situações e atos são oportunidades para ajustar-se, para evoluir, para se expandir.

Logo, considerar a existência do erro é um dos erros fatais, do qual nascem todos os outros erros. Por isso é importante vigiarmos a nós mesmos, colocando-nos no lugar dos outros. Mas quando se é falado que devemos nos colocar no lugar do outro, não significa que devamos nos colocar no lugar do outro sendo quem somos, mas sendo o outro realmente. Dessa forma, se quero me colocar no lugar do outro, tenho que “fingir” plenamente. Quer dizer, tenho que ser o outro, considerar que tenho a cultura dele, o entendimento dele, as vulnerabilidades dele. E nem sempre conseguimos fazer isso. É um treino. E, como todo treino, quanto mais treinamos, melhor ficamos. E o lucro disso é só nosso, pois todo crescimento pessoal tende a privilegiar-nos, não ao outro.

Aqui no Além, temos várias colônias. E para as que precisam trabalhar a humildade, temos também a “Universidade da Humildade”. Além de assuntos pertinentes ao próprio crescimento do espírito, há uma ênfase específica sobre o aprendizado da humildade. Estes espíritos, além de estudar, de refletir a respeito do tema, também têm seus trabalhos de campo atendendo seres que estão em situações e lugares onde é possível exercer — na prática — o aprendizado que adquiriram.

E não é nada fácil, pois o julgamento que essas pessoas fazem das outras é algo espantoso, já que sempre enfatizam o lado negativo, achando-se mais amigos de Deus por terem frequentado determinadas denominações religiosas.

Não há brigas, nem decepções, apenas o aprendizado de que poderiam ter aproveitado melhor a oportunidade que tiveram quando na Terra, pois se foram chamadas, ou atraídas, por determinadas denominações, isso é porque aquela denominação possuía aquilo que mais se adequava a elas.

Por exemplo, as pessoas que desenvolvem sua espiritualidade em religiões de linha evangélica têm por base o aprendizado do amor. E estas pessoas são as que, normalmente, menos amam. As que são chamadas, ou atraídas, para linhas afro como a Umbanda ou o Candomblé, estão aprendendo a caridade. E estas pessoas são as que, normalmente, menos são caridosas. As que são chamadas, ou atraídas, para linhas tradicionais, como o Catolicismo, por exemplo, estão aprendendo a aceitação, a compreensão. E estas pessoas são as que, normalmente, menos exercitam a aceitação, a compreensão.

Lógico, o exemplo que dei acima é bastante superficial, no entanto é útil para entendermos que não existe nada sem propósito em nossa existência. Todas as pessoas estão sendo chamadas, ou atraídas, para aquilo que mais precisam. Esse chamado, ou atração, representa a inclinação natural da necessidade do aprendizado específico, dependendo do caso de cada um.

Normalmente, portanto, as pessoas repetem aquilo que poderia ser corrigido por suas religiões, se realmente estivessem dando atenção ao desenvolvimento espiritual.

E inicialmente, quando as pessoas estão praticando suas religiões, elas tendem a praticar aquilo que lhes é ensinado. Infelizmente, com o passar do tempo, vão se endurecendo e acabam praticando exatamente o contrário daquilo que foram ensinadas. Não é culpa da religião. A religião é uma ferramenta de crescimento magnífica. Se a humanidade não insistisse na cegueira do ego, melhor uso dela faria.

Mesmo os líderes espirituais, que deveriam ser mais voltados para o espírito, insistem em se voltar para o ego. Distorcem as palavras de Jesus a fim de enaltecerem a si mesmos. Acham-se donos da verdade, mas no íntimo elas sabem que já perderam a conexão com a verdade há muito tempo. E que só retomarão esse vínculo com a verdade quando Jesus estiver à frente, não elas mesmas. E o preço que pagam por isso é doloroso, pois terão

que abandonar o próprio ego e muitas vezes terão que programar várias reencarnações a fim de consertar o próprio caminho, pois agiram contra o espírito, esquecendo-se de que são espíritos.

Seguir uma religião é coisa muito séria, esconder-se atrás do rótulo de religioso, pretendendo ser o que não se é só tem sentido na Terra, e ainda assim apenas para alguns, pois muitos sentem — pela inspiração do espírito, e por ser alguém comprometido com o próprio espírito — que há algo de errado nas pessoas que agem assim. Falta aos que se escondem atrás de rótulos, a integridade com o próprio espírito. Aqueles que têm comunhão com o próprio espírito procuram, geralmente, se afastar dos chamados lobos em pele de cordeiro.

Muitas vezes, estes que se escondem atrás de rótulos, chegam aqui viciados em mentir. E dão o maior trabalho para os orientadores, pois precisam ser como que reprogramados e a guisa de sofrimento pessoal. A evolução acaba ficando prejudicada. E por causa disso acabam — por si só — escolhendo reencarnações onde passarão pela humilhação até sentirem na própria essência o peso de terem enganado outros, desvirtuando o caminho dos fracos.

Os fracos, por sua vez, não são assim tão fracos, pois ao final — pela justiça divina — semelhantes se atraem. E cabe a cada um cuidar da própria evolução espiritual. Mas o chamado pecado de quem fez não se torna menor por causa daquele contra quem fez. Tampouco o chamado sofrimento daquele que sofreu não se torna maior por causa daquele de quem sofreu injúrias ou desvios da evolução espiritual. Todos temos aquilo que merecemos, essa é a grande verdade. Assim, ao cuidarmos com zelo de nossa própria evolução, fazemos um favor a nós mesmos, apenas nós mesmos somos beneficiados ou prejudicados.

Todos aqueles que frequentam uma religião deveriam rever seus passos, suas próprias condutas, o papel que a religião escolhida tem em suas vidas e aproveitar melhor esse cesto de bênçãos que se mostra disponível através da prática espiritual que escolheram.

As religiões são as Universidades, como as que temos aqui no Além. Quando as pessoas chegam aqui no Além, as Universidades significam algo como um “provão”, um teste a partir do qual podem receber o diploma, por

terem aproveitado as lições na Terra, ou um estágio de recuperação para quem não aproveitou o que foi colocado à disposição pelas Leis Divinas.

Posso dizer, pelo que observo, que o nível de reprovação aqui está sendo muito alto, pois muitos espíritos estão tendo que passar pelo estágio da recuperação. Cabe aos líderes religiosos honrar o papel que por Deus lhes foi destinado, ensinando as pessoas a praticarem os ensinamentos de Jesus. A mais pura verdade é a que devemos nos apegar a Deus, a cada dia mais, à sua palavra e à prática de nossas atitudes, pois isso é o que mais contribui para a nossa felicidade.



O equilíbrio de onde estamos

Supõe-se que uma colônia espiritual é um local de paz. E verdadeiramente o é. No entanto, a paz da qual falo é uma paz bastante diferente da paz que a maioria está acostumada. Paz, para as pessoas na Terra, significa ausência de guerra, ausência de brigas, de desentendimentos.

E aqui também é assim. Mas, paz, para nós, significa mais. Significa pessoas pensando, criando, provocando discussões, estudos, análises, e se centrando na própria maturidade, que permite uma paz de energia diferenciada.

E muitas vezes, existem contendas, mas não são propriamente guerra; ainda continuamos a fazer a paz, pois as contendas acabam sendo promovidas com o propósito do despertar de alguns seres. Ontem mesmo, andei por algumas colônias, menos evoluídas em relação a essa em que estou. E pude perceber a diferença de cada uma. Existem colônias que abrigam espíritos mais arredios. E embora estas colônias possuam um orientador, ainda assim senti a diferença entre essas e essa em que estou.

Por estarmos no Plano Espiritual, não significa necessariamente que estamos no que — quando encarnados — chamamos de Paraíso. Na verdade, sempre nos é oferecida a oportunidade de progredirmos, de continuarmos o aprimoramento de nossa evolução. Entretanto, alguns espíritos, embora tenham evoluído um cadinho quando na Terra, após desencarnarem ainda chegam a estas paragens com muitas das características que tinham quando estavam na carne.

Espíritos estes que, como se estivessem na Terra, mantêm o orgulho, a petulância e outras animalidades tais. Seus orientadores tentam lhes mostrar caminhos mais amenos, mas eles se recusam a escutar seus mentores.

Então, após muito esforço, paciência e sensatez, são convidados a se retirarem das colônias, quando não se retiram por si mesmos, que é o que muitas vezes acontecem.

E espíritos que não ficam no alto, tampouco se adequam aos ditames do baixo, acabam ficando como que incrustrados no meio. Exatamente, vagam pelo orbe terreno, entretendo-se como se fossem encarnados, muitas vezes entrando em conchavo com outros iguais ou piores que eles, onde só se metem em confusão e, logicamente, muito sofrimento.

Muitas e muitas vezes, estes espíritos são atraídos para encarnados que possuem os mesmos vícios que eles tinham quando também encarnados; outras vezes, viciam-se em sexo, por isso preferem lugares onde reina a promiscuidade, o sexo ilícito, as orgias e depravações que os encarnados conseguem realizar na Terra sem nem saber que ao redor deles estão hordas e hordas dessas consciências não físicas, mas igualmente sofredoras; há os que vampirizam encarnados que insistem em alimentar depressões, raivas, mágoas, revoltas e sentimentos afins; e outros existem que embrenham-se em criações que são uma mistura de todas estas coisas e outras mais.

Há espíritos de toda sorte; há até os que vagam a esmo, sem identificar-se com nenhum grupo de encarnados, passam muito tempo tentando entender as próprias memórias que, aceleradas, desencadeiam-se trazendo muita confusão, falta de consenso e alucinações variadas. Perdem-se tanto em seus próprios distúrbios que se afastam mais e mais de quaisquer possibilidades de cura, tornam-se como que desespiritualizados, pois lhes falta a vitalidade do Fluxo da Vida, dos anseios da evolução e da ordenação, falta-lhes energia divina do polo positivo, pois como tudo vem de Deus nesse Universo existencial, entregam-se à energia do polo negativo do Criador, que — aprendemos mais à frente — tem seu propósito nos ditames da Vida.

Esses espíritos acabam necessitando de muito amparo espiritual e se beneficiam grandemente quando os que ficaram na Terra não perdem seu tempo em lamentos, mas em oração que envia energia de direcionamento e evolução para eles. Muitas vezes, esperam anos e anos nestes umbrais de desorganização e dor até que alguém a quem foram muito ligados na Terra desencarne e busque por eles nas colônias. Aí sim, agrupamentos de seres

não físicos conseguem se aproximar da escuridão em que se encontram e tentar o resgate e dão início, enfim, ao trabalho evolutivo que já poderia ter começado se não se mostrassem espíritos tão arredios e cheios de ilusão.

Tanto a vida na Terra quanto a vida no plano não físico se tornam muito mais fácil, fluídica, quando nos despojamos da arrogância, do pensamento de que somos maiores. Todos somos iguais. E o tanto que um pode crescer, evoluir, serve sempre para auxiliar o próximo. E na própria Terra esse aprendizado pode ser colocado em prática, evitando-se, assim, sofrimentos para os encarnados, bem como para os desencarnados.

Nesta Colônia que visitei, conheci um rapaz chamado Abelardo. Ele está começando a conhecer o valor da humildade. Antes, movido pelo medo insensato de se tornar escravo de outros, preferia manter a postura de arrogância, como uma forma ilusória de defesa. Ilusória porque ninguém é escravo de ninguém, já que toda criatura de Deus é feita para ser livre, pois é na liberdade que melhor crescemos. Por conta desse pensamento insano, ele tratava a todos com muita petulância e desprezo, afastando-se, assim, da oportunidade de receber e doar amor, o que lhe teria evitado muito tempo de infortúnios pessoais. Abelardo costumava tratar os encarnados, quando ele mesmo estava encarnado, e também os desencarnados, assim que chegou aqui, com desmedida frieza e espezzinhamento. Depois, tinha por hábito justificar-se. Dizia coisas como “só agi assim para não ser pisado depois” e neuroses do gênero.

Dessa forma, Abelardo demorou muito a perceber que ninguém consegue inferiorizar ninguém, a não ser que a pessoa, ou espírito, esteja na mesma sintonia que aquele que deseja inferiorizar. Esse fenômeno, podemos dizer assim, é como a frequência de um rádio. Acessamos a estação — ou faixa de comunicação — que desejamos, mesmo que não tenhamos noção disso. E acessamos a faixa da frequência em que nos sintonizamos simplesmente por centrar nossa mente àquilo que nos interessa. Essa é a única forma de a vida fluir positiva e saudavelmente.

Quando desencarnei, senti essa necessidade. Eu tinha duas opções, a de me lamentar por ter deixado os que eu amava ou a de me sintonizar com o que era produtivo, com o que me faria feliz, com o que me ajudaria a superar as dificuldades. E optei pela felicidade. Só assim minha vida continuou

a fluir. E cada escolha que eu fizesse, me geraria um grande leque de resultados. Que poderiam ser negativos ou positivos. Assim, exercitei minha escolha e continuo colhendo os resultados benéficos para minha evolução. E sei que aqueles a quem eu amava, a quem ainda amo — que ficaram na Terra por não ter chegado ainda o momento de terem seus aprendizados aqui no plano não físico — continuam também fazendo suas escolhas.

De vez em quando, sinto saudades do período em que passei no plano terreno em minha última encarnação. Penso em minha mãe, em meu irmão, em meus amigos, e me sinto positivamente orgulhoso por ter tido aquela experiência de vida, por ter aprendido as coisas que aprendi, por ter tido uma família maravilhosa. Infelizmente, penso agora, eu poderia ter aproveitado mais minha estadia no corpo físico. Porém, quando estamos encarnados, influenciados pela cultura, pela sociedade, pelos conceitos de que a vida na terra é a realidade máxima, não conseguimos desenvolver com facilidade a noção de que estamos apenas de passagem. E embora vivamos repetindo que todos somos passageiros na vida terrena, isso funciona muito bem na teoria. Na prática, acabamos sendo um fiasco.

Quase que geralmente, quando na Terra, tendemos a salientar os sofrimentos, as insatisfações. Dedicamos pouco tempo para agradecer a oportunidade de estarmos tendo uma experiência física onde, somente assim, temos como apreciar a natureza, o contato com as pessoas, a percepção humana na depuração de acontecimentos que nos ensinam bem mais do que percebemos.

Tão entretidos ficamos elaborando planos de aquisições de bens materiais, que não valorizamos a capacidade de desejar estes bens, a aventura de arquitetar modos de conseguir o que desejamos. Centramo-nos na aquisição apenas, no valor e status que a posse daquele bem representará para nós. Pouco nos observamos. Pouco de nós sabemos. E tudo está ali, toda possibilidade de nos conhecermos, de desfrutarmos das experiências humanas a fim de percebermos, de maneira ampliada, que ter tido a oportunidade da encarnação é um presente divino sem comparação.

A vida, por si mesmo, se resume em aulas práticas, em aprendizados e prazeres sublimes. São poucas as pessoas que atentam para essa realidade a fim de aproveitar cada minuto de existência na Terra.

Olhando de fora, parece fácil. Quando estamos vivenciando por nós mesmos, o fácil se torna a teoria e a prática se esvanece. E a cada encarnação vamos ajustando nossa percepção, de maneira a perceber mais e mais a dádiva da encarnação.

Enquanto o mundo terreno sofre suas mudanças, no plano não físico também passamos pelas nossas. Afinal, embora estejamos num tempo presente, bastante sincronizados uns com os outros, cada um de nós, em grupos ou individualmente, tem atividades e interesses próprios.

Quando penso nisso, logo me vem a ideia de que nenhum sofrimento tem peso suficiente que justifique perdermos muito tempo estacionados em lamúrias, reclamações, vitimismos, sentimentos de vingança, revoltas e afins. Conforme vamos amadurecendo espiritualmente, todo sofrimento terreno parece brincadeira de criança.

Espíritos que insistem em comportamentos que enfatizam posturas e sentimentos de orgulho, avareza, egoísmo, ausência de humildade, por exemplo, tornam mais árdua a própria jornada e, desse modo, insistem muitas vezes em várias encarnações onde repetem as mesmas experiências por vezes sem conta, até que se purifiquem do cancro que representam para a criação divina.

De qualquer forma, tudo o que deve ser aprendido, será. Pois somos como frutos verdes que, de um jeito ou de outro, teremos que amadurecer. O que muda, porém, é a forma, o modo como vivenciamos essa maturação.



Pinceladas de vidas

Uma senhora que conheci aqui no Além sofre de amor por um homem que, em vidas passadas, foi seu grande amor. Em determinada vida terrena ela o fez sofrer muito, e ele traz grande mágoa em seu coração, de maneira que, em todas as vezes que se encontraram, embora nutram profundo amor um pelo outro, ele não consegue perdoá-la. Na última encarnação não conseguiram acertar-se novamente, pois o orgulho dele os afastou. Por um motivo ou outro, não conseguem completar o aprendizado que escolhem a partir do ponto não físico e que deve ser realizado a partir do ponto físico.

Ele, decerto, precisará de mais três ou quatro encarnações para compreender e exercer a dádiva do perdão.

Muitas vezes, o espírito arredio apronta destas, consigo mesmo na verdade. Sai do plano não físico rumo ao plano físico e acaba se enredando nas vaidades do mundo, alimentando o anseio do amor. E quando vai para seu encontro marcado, lembra-se de suas supostas dores egóicas e encontra dificuldades para manter os relacionamentos com os quais pretendia arrebatar conhecimento, compreensão e redenção.

Do lado do plano não físico, nós, espíritos, tentamos lhe sugerir com questões que o encorajam a prosseguir na jornada escolhida quando estava aqui, se preparando para a grande aventura que é a vida física. Mas não podemos ir contra seu próprio livre-arbítrio, já que isso seria ferir a possibilidade de o aprendizado ser eficaz e renovador.

Assim, temos que todo desacerto que pensamos estar cometendo para com o outro, resulta em desacerto para nós mesmos. Uma grande tolice que faz parte de muitos aprendizados, mas um fato.

Logicamente, a mulher de quem falo, em vidas passadas não foi nenhuma vítima inocente. Também ela representou papel de pessoa muito bela fisicamente, igualmente orgulhosa, aproveitando-se dos homens a quem seduzia, iludindo-os com a promessa de amor eterno para, depois, deixá-los no fogo das paixões. Conforme suas vidas na Terra foram se sucedendo, foi aprendendo a duras penas, através de relacionamentos malsucedidos com homens de caráter duvidoso. Gradualmente aproveitou suas chances de regeneração espiritual, pois o encontro entre o feminino e o masculino implica em troca, companheirismo, evolução partilhada, não apenas para o desfrute do corpo carnal, a procriação ou os prazeres que podem ser obtidos através dele.

Ao conscientizar-se sobre a Lei do Retorno, o espírito se posiciona sobre a velha e boa lei terrena que diz que devemos fazer aos outros o que queremos que nos façam. Essa conscientização nos leva a empreender nossos resgates, que tem a ver com aprendizados, pelo amor e não pela dor. Inclusos nesses dramas pessoais, arquétipos que vivenciamos repetidamente, estão a oportunidade de considerarmos as situações a partir de um ponto de vista mais sutil, a oportunidade de buscarmos nosso próprio caminho ao invés de seguirmos pelos ditames culturais. E, lógico, aproveitamo-nos dos ditames culturais, mais como desafios do que cangas postas sobre nossas costas.

Os supostos seres prejudicados em vidas terrenas não foram, nem são, vítimas inocentes. Criamos as situações que vivenciamos a fim de obtermos a mudança espiritual necessária para a maturação de nós, como almas. E isso não significa que estamos numa vida terrena para aprender ou vivenciar apenas um único drama, uma única situação. Enquanto observamos as situações que mais nos marcam, existem muitas outras questões sendo trabalhada pela alma, ou espírito, a fim de a evolução continuar sendo alcançada.

E não existe um fim, um propósito conhecido, nessa aventura da alma. A todos nós está destinada uma experiência de glória, de abundância, liberdade e acertos. Nada pelo qual a alma passe é algo errado. Todas as coisas que nos acontecem são aproveitadas pela Lei Maior, a do Amor.

Nas aulas nas quais estou inscrito aqui no Além, temos estudos que abordam a natureza da matéria-prima da vida, a nível metafísico e energético. Esses estudos são ministrados pela Professora Clarisse.

Ela nos diz que energias como a do amor, a do seu representante que é o carinho, a da compaixão, entre outras, são matéria-prima essencial, pois podemos transformar essa matéria-prima, ou energia primordial, em bens valiosos, bastando apenas que saibamos como usar essas energias, que, na verdade, derivam da energia principal, que é a do Amor.

Enquanto move alguns painéis à nossa frente, as lições vão sendo como que liberadas e as palavras vão ganhando um encaixe perfeito, de modo que conseguimos apreender seus significados.

Essas energias são mostradas em atuação em vários orbes, planos, ou planetas. Casos de espíritos, pessoas e situações vão sendo usados como exemplo. E a compreensão dos alunos se amplia a partir disso.

Através da reflexão, comprometidos com o Espírito, não com o ego, podemos nos dar às experimentações que nos aproximam de pessoas e situações, facilitando, com isso, nosso entendimento e compreensão a respeito do próximo e de como as situações se desenvolvem. Assim, oportunidades se abrem a nós, em qualquer plano onde estejamos, seja o físico ou o não físico. De certo modo, todas as situações a que estamos submetidos — a de encarnados ou desencarnados — seguem os mesmos princípios, pois não somos apenas seres físicos, quando encarnados; somos, sempre, seres espirituais, numa jornada energética que assume muitas formas, mas sempre fiéis estas formas à energia chamada de espiritual.

A conscientização sobre o que realmente estamos pondo em prática nos ajuda a avançar no manejo perfeito não destas energias, mas de quem somos, pois delas somos formados. E o objetivo maior, conforme já mencionado, é a Evolução, orientada sob os princípios do Amor.

Uma vez tomada a decisão de nos expandirmos, nada pode nos impedir, exceto nós mesmos. Interrompermos o hábito de culpar, ou responsabilizar, os outros por nossos próprios tropeços é essencial para que tornemos nossa jornada pessoal fluídica e numa base constante de aquisição de sabedoria e ascensão espiritual.

Quando nos responsabilizamos por cada atitude e situação gerada em nossa vida, temos como buscar formas de conviver e crescer a partir daquilo. E aí se abrem à nossa frente realidades singulares que fazem com que construamos uma vida digna e de valor. E ao vivenciarmos essa realidade

que construímos para nós, ajudamos os outros irmãos, que estão na mesma senda evolutiva, a alçarem patamares mais altos, pois só conseguimos ajudar a alguém, só conseguimos ensinar a alguém, aquilo que vivenciamos por nós mesmos. É o exemplo da maneira como vivemos nossos ditames que é lição para o próximo, não apenas as palavras. As palavras são apenas o esqueleto de um edifício que pode ser forte, ou não, se as transformamos em atitudes.

Ao produzirmos, com a matéria-prima da Vida, paz de espírito, equilíbrio, sensatez, independente do que aconteça atrairemos momentos providos dessas qualidades. E, a despeito de onde estivermos, seja na Terra ou no Plano Espiritual, teremos conforto, compreensão, sabedoria, amor e felicidade.

Não somos mais ou menos felizes por estarmos na Terra ou no Além, mas por estarmos vivenciando nosso tempo presente de maneira plena, inteiramente envolvidos, compromissados conosco mesmos. A felicidade, carregamo-la conosco. A felicidade, somos nós. E não se trata de felicidade a partir do que acontece no externo, pois a semente da felicidade está em nossa postura pessoal. Basta que saibamos desenvolvê-la, gradativamente, pacientemente, com a mente aberta para os desafios que funcionam como testes. Estes testes não servem para provarmos aos outros as nossas habilidades, mas para mostrar a nós mesmos o quanto crescemos, o quanto somos maduros. E, assim, termos a capacidade de obtermos mais das benesses que estão à disposição daqueles que tiveram a coragem de elevarem-se além do que eram.

No plano físico, esse comportamento de equilíbrio começa com o controle deliberado de nossa mente. Momentos a sós conosco mesmos, momentos meditativos sem a alimentação dos sentimentos de ordem negativa, momentos em que oramos ou refletimos sobre a perfeição do espírito, podem nos ajudar a dar os passos iniciais.

O sucesso de nossas práticas não depende de merecimento por sermos pessoas boas, pois o merecimento é o resultado do trabalho que empreendemos em nós mesmos, na nossa própria autocorreção e aprimoramento pessoal. Somente sendo pessoas ajustadas, teremos condições de colaborar com o ajuste de outros. Ninguém dá aquilo que não tem. Por mais que finja que está dando algo que tem, se a pessoa não tiver, nada conseguirá dar.

Por sermos todos iguais, basta querermos algo e trabalharmos — a partir de nosso equilíbrio interior — para obtermos.

Essas são as reflexões da aula com a Professora Clarisse. Cada mestre traz algo especial a ser ensinado e eu poderia dizer que não é a matéria que ensinam em si que chega a ser o mais relevante, mas a maneira como transmitem os ensinamentos, pois estes mestres têm o carisma e o amor pelo que fazem. Quando acontece de algum deles encarnar, isso é feito em trabalho de abnegação, muitas vezes para acompanhar um grupo seletivo de espíritos que, igualmente encarnados, será responsável pelo equilíbrio de uma era terrena ou como composição de outro grupo a quem dará suporte através da ênfase de conceitos que, mesmo utilizando vocábulos diferenciados, transmitirão a mesma mensagem, ou uma parte essencialmente importante — sem a qual outros ensinamentos não conseguiriam compreensão e acolhimento.

Nada do que acontece, acontece por acaso. É sempre bom repetir, pois a Divina Providência tem um plano harmonioso, perfeito.



Amadurecimento, mudanças e responsabilidades

Após a aula de hoje, sentei-me para apreciar a atmosfera da área em que estou e que não me canso de admirar.

Cada tipo de flor me chama a atenção e me enche de admiração e respeito pela perfeição dos detalhes, pelo virar das pétalas de algumas flores conforme segue a viração das cores no céu.

O som de pássaros vistos apenas nessa região me encanta grandemente.

A Professora Clarisse, saindo do prédio onde tínhamos acabado de ter uma de nossas aulas, parou e começou a conversar comigo.

— Olá, Miguel, como está?

— Oh, olá, Professora. Estou bem.

— Apreciando a vista?

— Sim, gosto de passar algum tempo comigo mesmo, admirando estas paisagens que só encontramos aqui, fico pensando a respeito de algumas pessoas na Terra que ficariam encantados com esses lugares que temos aqui.

— Você ainda está bastante ligado às pessoas que deixou na Terra, Miguel?

Demorei algum tempo para responder essa questão. Fiquei refletindo sobre o quão ligado eu ainda estava. Não sabia muito bem como expressar que, embora me lembrasse das pessoas que amo na Terra, não me sinto tão ligado a elas. A Professora Clarisse aguardou pacientemente, com os olhos fechados, como quem me acompanha nas confabulações mentais. E, finalmente, eu disse:

— Não necessariamente, Professora. Acompanho, vez ou outra, o que minha mãe faz, o que meu irmão faz, como a vida deles se desenvolve. Mas

agora, mais e mais, isso se torna menos frequente. No lugar daquela ligação carnal, aos poucos entra um respeito muito grande por eles fazerem parte de minha família universal, pois também penso naqueles a quem conheci aqui.

Ela abriu os olhos, serenamente, e me disse, com um olhar compassivo:

— Isso o incomoda?

— Não, Professora. Isso me deixa intrigado, pois eu não gostaria de perder os laços com minha família terrena, pois aprendi a amá-los como são, e não consigo explicar em palavras esse tipo de amor, entende?

— Sim, mas isso é natural, Miguel.

— Como assim, Professora Clarisse?

— Miguel, somos uma grande família, todos somos irmãos, pois partimos da mesma Fonte, fomos criados pelo mesmo Arquiteto, nosso Grande Pai Maior. Assim, todos na Terra e no Plano Não Físico, somos irmãos, compondo uma grande família.

Meus olhos se aprofundaram nos dela revelando-lhe um interesse vívido.

Ela continuou:

— Miguel, na Terra não nos sentimos assim porque, obedecendo a um propósito de aprendizado divino, nos dividimos fisicamente em grupos que respondem a interesses relativos às necessidades diferenciadas de aprendizado.

— Mas, Professora, aqui também estamos em grupo. E não sentimos essa divisão. Por que isso acontece na Terra?

— Porque nos centramos mais em torno de motivos culturais, identificando-nos com as bandeiras nacionais em termos do que defende cada país. E a mesma coisa ocorre com os Estados, com as Cidades e com as divisões menores e menores, como bairros, comunidades dentro de bairros e até nas células familiares. Aqui, ao contrário, não enfatizamos essas diferenças, pois nos organizamos em torno de um Bem Comum, que é o Conhecimento Maior. Reconhecemos os graus hierárquicos, mas eles não são formados, esses graus, com base no poder individual, ou de grupos, como na Terra, mas em torno de valores como estes que estudamos — valores estes que são reconhecidos pelas qualificações da Grande Energia.

— Mas, na Terra, poderíamos ser assim também, não é mesmo, Professora?

— A Terra e os outros orbes estão evoluindo, Miguel, e todos chegarão lá.

Eu devo ter demonstrado uma expressão de chateação ou de tristeza, pois ela me perguntou:

— Isso lhe incomoda, Miguel?

Dei um suspiro.

— Não, Professora. É que penso que poderia ser mais rápido esse processo.

— Miguel, esse processo tem a justa rapidez, aquela que fortalece qualquer aprendizado para que, uma vez aprendido, nunca mais possa ser esquecido.

— Entendo.

— E em relação ao distanciamento que você identifica, esse processo que é natural e que acontece a todos nós, inclusive com você e sua família terrena, aos poucos, conforme você avança em compreensão e amadurecimento, mais e mais você se voltará para outros interesses, aprendendo a confiar que todos estão bem. Por isso, não haverá mais a necessidade da preocupação para com eles, pois sua confiança em Deus aumentará no sentido de que nosso Pai Maior está cuidando deles também.

“Agora há pouco, quando você disse que esse processo de evolução terrena deveria ser mais rápido, embora você não tenha percebido, ele está acontecendo com você também. Esse processo de desligamento familiar carnal é lento porque implica em outros aprendizados e no desenvolvimento de uma confiança, de uma fé, que ocorre aos poucos enquanto você amadurece.

— É, Professora, não tinha percebido isso ainda. Realmente é verdade. Conforme me volto para outros aprendizados, sinto esse desligamento de minha família carnal se fazendo presente. E ainda luto contra a dor de estar me distanciando deles.

— Não lute, Miguel. Embora a luta faça parte também da maneira como vamos nos desenvolvendo, quanto mais você luta, mais doloroso se torna o processo.

— Isso eu não quero, Professora. Não quero nenhuma dor como amiga.

Ela riu.

— Sei disso... E, mais a mais, Miguel, você ainda tem separado algum tempo para enviar mensagens para sua mãe terrena a fim de escreverem um livro que exorta as mães e familiares em geral a não sofrerem pelo desencarne dos seus, não é verdade?

— Sim, Professora, é um trabalho que me tem trazido muito prazer, pois sinto que ele é importante, já que as pessoas costumam atravancar tanto a própria evolução quanto a do espírito que veio para o Plano Não Físico quando ampliam a dor pela partida de um ente querido.

— Isso é uma forma também de você contribuir com a agilidade da evolução no Plano Físico, Miguel, não pensou nisso?

— É, Professora, não havia pensado assim.

— Todos nós exercemos uma função no Grande Plano Cósmico da Vida, Miguel. Mesmo que não o façamos intencionalmente, temos papel importante nessa grande teia que é a vida como um todo — tanto a vida para os encarnados quanto para os desencarnados.

— Mas existem pessoas que não fazem muita coisa, Professora.

Ela fez silêncio por um momento, como quem busca as melhores palavras e disse:

— Não é verdade, Miguel, pois todos nós, mesmo que — aparentemente — não estejamos fazendo algo, estamos fazendo.

— Como assim, Professora?

Ela guardou mais um momento de silêncio, como se desfrutasse do canto dos pássaros que, nesse instante, pareciam estar cantando mais alto ainda, e disse:

— Miguel, todos nós estamos trabalhando o que se chama de fortalecimento da intenção, ou do pensamento. O conhecimento que todos vamos adquirindo sobre as nuances do espírito se reporta à identificação da importância de nossa intenção, ou de nossos pensamentos. Conforme vamos ampliando esse conhecimento, vamos obtendo mais conscientização sobre nosso papel na Criação Divina. Dessa forma, vamos ganhando também mais mestria na maneira como pensamos, como atuamos. E, desse modo, começamos a nos conscientizar do que estamos fazendo, pois todos estamos fazendo algo. Mesmo quando achamos que não estamos fazendo algo,

estamos fazendo. E o trabalho feito por aqueles que já estão com maior mestria no que estão — deliberadamente — fazendo, ajuda aos que ainda estão se aperfeiçoando no controle e uso dessa Fonte de Energia, que pode ser representada pelo uso do pensamento.

— Nossa, Professora, como é que todos estão fazendo algo se vemos pessoas tão passivas na vida?

— Miguel, temos que nos lembrar que, mesmo que não seja por atos físicos, todo ser está fazendo algo, pois toda ação começa no pensamento, não no ato físico em si.

— Professora, não consigo entender isso tudo ainda muito bem, embora entenda sobre toda ação começar a partir do pensamento.

— O que você não consegue entender, Miguel? O que eu poderia lhe dizer que facilitasse esse entendimento de modo mais completo?

— É que eu entendo que todo ato começa no pensamento, mas sei também que muitos atos não são realizados por causa das necessidades financeiras que os espíritos têm quando estão no Plano Físico. Sendo assim, por mais que tenham um pensamento de fazer algo, não conseguem realizar exatamente o que pensam por causa da necessidade financeira.

— Até isso, Miguel, é gerado a partir do pensamento.

— A falta financeira?

— Sim.

Fiquei pensativo por alguns instantes.

Ela continuou:

— Vou lhe contar uma história que ocorre com muitas almas, Miguel. Vamos pegar o caso do menino Rodrigo. Ele era feliz, com seus pais, vivendo na Terra, apesar de todas as dificuldades financeiras pelas quais passavam. Chegaram até mesmo a passar fome. Um dia, Rodrigo desencarnou em função de uma doença bastante grave para o corpo físico. No entanto, essa doença — como muitos pensam a respeito das doenças — não tinha fundamento no físico, mas no espírito. Doenças, na verdade, não existem. O que existem são os trabalhos nos quais a alma está envolvida, produzindo o que é chamado de doença no Plano Físico, expressando-se como doença.

— Mas, Professora, se me permite interromper, como uma alma pode produzir doença?

— Doença, Miguel, não existe. Cada alma está desenvolvendo um aprendizado, e o que é chamado de doença é apenas uma expressão do processo no qual a alma está envolvida.

— Mas, por que, quando as pessoas vão ao médico, ficam curadas?

— O mesmo processo de ir até a um médico, Miguel, muitas vezes cura o espírito, pois ele está interagindo a partir de diversos níveis que o auxiliam a desenvolver o trabalho de alma e, amadurecida, essa alma passa a não mais expressar o que é chamado de doença.

Por exemplo — ela continuou —, se alguém está num processo interno de evolução, e todos estamos, e esse processo faz a alma estacionar em equações espirituais que se apresentam no físico como neuroses, sentimentos negativos, medos, valorização de aspectos relativos a impedimentos financeiros ou relacionados a orgulhos, entre outros, de tanto tempo que a alma permanece alimentando a resolução desses chamados conflitos, muitas vezes protelando a chegada a uma única compreensão que a faria libertar-se e continuar fluindo, então aquele conflito a faz expressar no corpo físico aquilo que é chamado de doença. Ao buscar um médico, por exemplo, a alma está trabalhando a confiança, ou o poder de decisão, ou o conhecimento de alguma pessoa encontrada nesse processo da busca da cura, que a fará — através de diálogos ou processamento mental sobre alguns conceitos relativos à evolução e ao entendimento, normalmente envolvidos em humildade, ampliação da própria capacidade de seguir adiante, entre outros — curar-se.

— Então, Professora, não são os remédios que curam?

— Não necessariamente, Miguel. Alguns remédios são verdadeiros paliativos, mas sempre para o corpo, auxiliando aquele espírito a passar por aquela fase de evolução de uma maneira mais qualitativa. E esse assunto, Miguel, é por demais extenso para que eu pretenda lhe passar tudo numa conversa informal como essa que estamos tendo, pois cada caso é um caso, nem todos são iguais, nem tudo o que chamam de doenças está relacionado exatamente a essa explicação, mas são fundamentados em outros motivos, outras razões. Isso será melhor abordado quando você estiver nas classes que têm por base o ensinamento desse assunto.

“No caso de Rodrigo — o espírito de quem estou lhe contando a história a fim de exemplificar a questão da suposta impossibilidade financeira rela-

cionada com a fonte, com a origem dos pensamentos como mola propulsora para as realidades que criamos —, ele desencarnou depois de conseguir resolver, em termos espirituais sempre, algumas questões que tinham a ver com sua própria história reencarnacional.

“Os pais de Rodrigo — a Professora Clarisse continuou — vivenciaram essa separação temporária, promovida pelo desencarne do filho, como o fazem as pessoas mais evoluídas. O choro ganhou seu lugar, mas não a partir do egoísmo. O sofrimento que vem do ego — pois a alma não sofre, já que aceita perfeitamente todos os ditames do Criador — foi arrefecido pela firme certeza de que fizeram o que puderam para o filho amado e que Deus está a encargo de tudo o que tem a ver com as vidas humanas.

“Como frequentadores assíduos de um centro espírita, receberam as notícias do filho, a quem foi concedido comunicar-se com seus pais tão logo chegou no Plano Não Físico, por ser alma dócil e voltada para a missão pessoal da evolução.

“Através da mensagem, Rodrigo pôde informar aos seus que a morte, como normalmente se pensa na Terra, não existe de fato, consistindo apenas no deslocamento da consciência do corpo físico para a integralização da essência, que é o que verdadeiramente somos.

“Juntamente com essa mensagem, Rodrigo pôde dizer a seus pais que as tantas dificuldades financeiras pelas quais passaram juntos eram resultado das criações mentais caracterizadas pelo apego ao sofrimento e perfeccionismo de alguns que insistem em criar situações difíceis na Terra a fim de promover o crescimento, a evolução necessária ao espírito.”

— Professora Clarisse, desculpe-me interrompê-la, mas se o espírito quisesse se expandir sem passar por dificuldades financeiras na Terra, isso seria possível?

— Logicamente que sim, Miguel.

— Mas como ele evoluiria, então? Como teria acesso a situações que lhe promovessem o aprendizado pessoal se não estaria diante de desafios que o levassem a colher seus aprendizados?

— Miguel, os espíritos só escolhem essas situações vexatórias na Terra porque optam pelas condições que mais são comuns. A riqueza ou a pobreza de fato não existem, exceto na Terra, onde as pessoas julgam riqueza ou

pobreza a partir da falta de bens materiais que começam a desejar simplesmente por viverem em grupos sociais que valorizam o que não possuem. A partir do momento em que o espírito se conscientiza de que, por seu próprio pensamento, é um ser rico, pois possui tudo o que é — verdadeiramente — necessário para que cumpra seus aprendizados, até a riqueza material lhe é acrescida. E o uso adequado de todas as riquezas necessárias — como a saúde, a sensatez, a alegria, as condições que lhe garantem a integridade física — faz com que o espírito multiplique suas chances de acumular bens na Terra, que nada mais são que a expressão, a representação do valor que o espírito dá a tudo o que verdadeiramente precisa e que já tem.

A explicação de Rodrigo, aliás, está bastante relacionada a isso que estamos conversando, pois junto com essa informação que ele pôde passar aos pais terrenos, também disse que em vidas passadas, encarnados como uma família, não souberam valorizar a riqueza material que possuíam, gastando desmedidamente, não importando-se em contribuir para o crescimento de outros espíritos irmãos, embora isso estivesse dentro do escopo da própria evolução pessoal deles. Assim, perderam-se. Possuídos do orgulho, tornaram-se ávaros, submetendo a subalternos aqueles a quem deveriam auxiliar com a ferramenta que possuíam, que era a ótima condição financeira que conseguiram criar para si mesmos. Em várias outras vidas posteriores encarnaram como pessoas abastadas, mas sempre caíam por razões pertinentes ao comportamento ávaro e mesquinho. Assim, por fim, escolheram, ainda no Plano Não Físico da Vida, uma condição de extrema pobreza material, de modo que pudessem valorizar de maneira ajuizada a importância da riqueza e as formas como criá-la.

Através dessa mensagem, e de outras de teor similar, os pais de Rodrigo compreenderam que a produção da riqueza material competia apenas a eles mesmos. E, gradualmente, foram mudando de vida, estabelecendo-se como comerciantes e colaboradores da comunidade ondem viviam.

— Mas, Professora Clarisse, se o espírito escolhe uma vida pobre na Terra, ele pode mudar de ideia quanto a essa escolha quando está na Terra?

— Na verdade, Miguel, nenhum espírito escolhe a pobreza material da forma como, quando encarnados, julgamos. O que o espírito escolhe é vivenciar seus aprendizados na companhia de outros espíritos determinados,

as condições de pobreza ou riqueza material estão à disposição do indivíduo a partir da maneira como se comportam no mundo, a partir do modo como se relacionam com os conceitos de riqueza ou pobreza material. Muitas vezes espíritos, quando encarnados, criam verdadeiros paradoxos onde anseiam pela riqueza material, mas por não saberem como destrinchar os conceitos culturais ou religiosos pelos quais optaram, odeiam os que possuem recursos materiais, acreditando que as posses materiais, em função do exemplo de pessoas que não administram bem suas riquezas materiais, não obterão a salvação do espírito. Assim, passam suas vidas desejando a riqueza material e deitando por terra as oportunidades para enriquecerem materialmente.

— Professora, isso quer dizer que, se bem compreendo, nossa missão de evolução pessoal está bastante relacionada mais com as experiências que vivemos com outros espíritos do que com a formação de um destino no qual estejamos presos na pobreza?

— Exatamente, Miguel. Se nos voltarmos mais para nós mesmos, sem nos centrarmos no que as outras pessoas fazem, pensam ou dizem, criamos para nós toda riqueza imaginada, pois ela está à disposição em todo o Reino de Deus, sejam os reinos físicos ou não físicos.

— Mas, Professora, se temos que usar nossa riqueza material para ajudar nossos irmãos, isso significa que devemos também nos centrar em suas necessidades, não?

— Não, Miguel. E sei que, ao menos inicialmente, esse assunto é bastante complexo de se entender. A riqueza material que produzimos ajuda nossos irmãos ao promovermos empregos e salários dignos, ou quando partilharmos um pouco do que temos através de doações a grupos fortemente comprometidos com trabalhos sociais, por exemplo. A forma de contribuirmos — de maneira consciente — com a evolução do mundo, enquanto encarnados, é ampla. Basta que estejamos comprometidos com nosso espírito.

Ela ficou em silêncio. Também eu, absorto em considerações.

— Professora, qual é o sentido disso tudo?

— O de compreendermos, Miguel, que a felicidade não está necessariamente nos bens, nas supostas posses, mas no poder da realização, seja de bens materiais ou de bens mais verdadeiros e sutis, esses sim, nossa verdadeira riqueza. Ao continuarmos acreditando que somos felizes apenas

porque somos ricos materialmente, sofremos ao desencarnarmos, pois veremos que nunca tivemos nada de fato; sofremos ao nos depararmos com a possível infelicidade sem entendermos o motivo pelo qual não somos felizes se temos todas as posses materiais; e sofremos ao não entendermos que a vida consiste em muito mais do que riquezas materiais, pois acabamos ficando impedidos por um bom tempo de encontrarmos o sentido da verdadeira felicidade.

— Mas, Professora, se muitos não utilizam a própria mente para criar suas riquezas materiais, agem assim por falta de conhecimento. Como seria possível ensiná-los?

— Ao dizer-lhes que devem aprender a controlar seus pensamentos, Miguel, já estamos dando um bom começo a qualquer indivíduo. E no Plano Terreno já existem vários espíritos fazendo esse trabalho, pessoas que produzem filmes, escrevem livros, realizam programas, reuniões, eventos nos quais tratam desses temas, Miguel.

— Mas nem sempre essas pessoas são levadas a sério, Professora.

— Miguel, o que os outros pensam a respeito de você realmente não importa se seu compromisso é com seu espírito. Nossa felicidade está centrada sobre o poder da realização. Isso é o bastante. A realização nos certifica de que somos como Deus, nosso Pai, que criando tudo, nada possui, pois Ele em Si Mesmo é o que cria todas as coisas.

— A senhora quer dizer que é possível que um dia cheguemos à consciência de que somos o que criamos?

— Apenas sendo é que temos, Miguel.

O silêncio se instalou, serenamente, novamente; até que ela falou:

— Bom, Miguel, pense em tudo isso, assimilando os conceitos contidos.

— Professora, eu posso compartilhar isso com outras pessoas da Terra através do livro que eu e minha mãe estamos escrevendo?

— Sim, Miguel, mas tenha certeza de que entendeu bem esse conceito. Essa é uma forma de você partilhar a riqueza do conhecimento, a riqueza mental a partir da qual outros podem construir suas riquezas também, pois toda riqueza está à disposição dos filhos de Deus, basta que manifestem através do comportamento mais adequado. Vou deixar você a sós agora, Miguel. Muito obrigada por essa oportunidade.

— Professora, eu é quem tenho a agradecer.

Quando ela estava se afastando, lembrei-me de perguntar:

— Professora, o Rodrigo ainda está por aqui ou já reencarnou?

Ao que ela respondeu:

— Você acabou de falar com ele, Miguel.

Então ela se distanciou, como que sorrindo, numa leveza de quem acabou de cumprir mais uma importante realização espiritual e me deixou mergulhado numa sensação de surpresa e agradecimento.



Processo de Crescimento

Passei muitos dias pensando sobre a última conversa com a Professora Clarisse. De certo modo, sinto-me mais forte, mais bem preparado para os novos caminhos que se abrem à minha frente. Percebo que quanto mais aprendo, maiores se tornam as responsabilidades para comigo mesmo. Responsabilidade para exercer a confiança no Plano Divino e seguir adiante, sabendo que os que ainda estão no Plano Terreno estão vivenciando a própria evolução e aprendendo suas preciosas lições. Responsabilidade para abrir mão de formas antigas de amar, ampliando a noção do amor para além do que conheço e me lançando a novas atividades, atividades que requerem mais de minha entrega ao grande serviço de auxílio ao próximo e de aprendizados pessoais.

Inconscientemente até, muitos pensam “coitado de quem morreu”, como se esse não fosse o caminho de todos, como se não tivéssemos a fé que dizemos ter em Deus, nosso Grande Arquiteto.

Muitos dizem “não fomos criados para lidar com a morte física”. No entanto, é o que fazemos todos os dias, pois a morte significa apenas “partida”, “mudança”, “evolução”. Portanto, a morte física é tão natural quanto o nascimento — seja o nascimento físico ou o não físico, já que ao encetarmos a viagem para o Plano Físico também — de certo modo — morremos para o Plano Espiritual. Assim, de fato, morte não existe, mas expansão pessoal.

A prepotência do ser humano não admite que um filho empreenda a viagem de volta ao lar antes dele. Dizem que o natural é que um pai vá antes de um filho. E isso a que chama de natural é apenas o que acontece à maioria. Apenas isso, mais nada.

Não é o que acontece à maioria que é natural, pois a Terra é o grande nicho que nos acolhe em nossa jornada de aprendizados. Ao terminarmos o aprendizado, prontos ou não, voltamos para casa.

Quando minha mãe chegou em casa, após o funeral de meu corpo físico, deitou-se no sofá e eu pude lhe soprar: Mãe, dispa-se da prepotência humana, ela de nada vale, apenas nos prejudica, estendendo à nossa frente o véu da ilusão de que — ao invés de amarmos e aceitarmos os ditames de Deus — somos deus e nossas regras é que devem ser as aceitas. De nada sabemos, ainda estamos aprendendo. Não podemos escolher o dia do retorno de alguém, pois a cada um cabe a própria experiência de vida. Não disputemos com Deus, mãe; Deus é o mais sábio dos seres e disso nos dá provas todo santo dia.

E senti que minha mãe recebeu essa mensagem, ela recusou os calmantes que tentavam oferecer-lhe a fim de apaziguar um sofrimento que, por tradição, sabiam que ela poderia ter. Mas ela foi forte, agiu serenamente, sem condenar o irmão humano através de quem aconteceu meu desencarne, negando-se a contaminar-se com o lixo da culpa, entregando-se à limpeza da mente, evitando os sentimentos negativos que teriam tomado conta de seu coração promovendo apenas infelicidade. Minha mãe estava consciente de que ela não possuía aval para ser o julgador de alguém, essa não era sua tarefa. E por isso consegui partir tranquilo, aproximar-me dela com minha mensagem, realizar meus serviços e me decidir, nesse momento, que chegou mais um instante de partida.

Sei que haverá lembranças a serem recuperadas, sei que estarei em novas jornadas, sei que conhecerei e me reencontrarei com outros a quem amei e que ainda não foram necessários nessa passagem por essa colônia ainda.

Sei que minha mãe continuará seguindo em frente, sabendo que continuo vivo, não em corpo carnal, vivendo a realidade temporal, mas em corpo espiritual, que é a realidade permanente.

Aquilo que para muitos significa sofrimento já não é sofrimento para ela, pois qualquer evento nos é lição quando nos mostramos prontos a acolher todas as situações para amadurecimento espiritual.

No plano Não Físico somos, todos, centelhas divinas. E ainda que muitos estejam em aprendizado a fim de se reconhecerem de tal modo, não

há as condições de paternidade e maternidade, ou a marital, ou a fraternal biológica. Todos somos personagens — quando na Terra — interagindo uns com os outros a fim de representar nossos dramas pessoais, visando ampliar a perspectiva, a visão, a capacidade de interpretarmos histórias mais verdadeiras.

Temos todo o tempo necessário, todo o tempo em que pudermos pensar, pois a perfeição da vida não nos apressa, ela apenas nos exorta, e nos empurra docilmente com seu bico — como ave que encoraja o filhote a voar, usando seu bico, amorosa e imperativamente — para o voo a que estamos destinados. Aquilo que nos parece dor só é assim porque ainda somos pequeninos e acreditamos que o que nos priva do que desejamos naquele momento é algo ruim. Por isso é dito que o sofrimento é uma ilusão, pois o sofrimento é firmado sobre pensamentos egoístas de nossa parte quando ainda estamos no estágio evolutivo em que tomamos o ego como nosso espírito.

As dores podem ser comparadas a injeções, e sei que esse exemplo é bastante infantil, mas estou me esforçando para usar palavras simples e que possam ser bem entendidas pelos que lerão estas mensagens. Quando tomamos uma injeção é porque temos a intenção de nos curar ou de prevenir mal maior.

Assim, resolvi escrever esta segunda parte deste livro para que, com minha experiência, seja economizada grande quantidade de caixas de injeções, pois, se não confundirmos nosso espírito com nosso ego, tudo o que devemos aprender será aprendido e nossa expansão terá a fluidez que têm todos os elementos da criação divina.

Viver em equilíbrio não é algo difícil, e tanto encarnados, quanto desencarnados, podem fazer isso. Está ao nosso alcance, desde que deixemos o espírito atuar.

Minha mãe, embora seja um ser especial, pois todos somos especiais na criação divina, não é nenhum ser extraordinário por aceitar abertamente minha partida do plano físico, numa reação diferente da maioria das pessoas, num comportamento incoerente, como muitos podem pensar. Ela apenas aceitou a vontade de Deus a partir do conhecimento de que há frutos preciosos para ela e para mim nesse acontecimento, sabendo que toda a

vida está repleta de perfeição, ainda que possamos não entender a perfeição a partir de um grau menos perfeito em que estamos, que está atado ao estágio evolutivo de cada um. E os frutos preciosos não são relativos apenas a mim e a ela, mas à família como um todo e também a outros que, se não fosse dessa forma, não se privilegiaria dessa mensagem que envio através dela, a mensagem de que a morte não existe e de que o sofrimento é inútil e prejudicial para muitos e para a evolução individual.

A vivência do amor incondicional implica em nos mantermos conectados ao Altíssimo, somente assim podemos nos manter no equilíbrio que só o amor torna possível. E onde há amor, não há como haver desespero, insatisfações, iras, revoltas e sentimentos afins. E assim como a fé sem obras se torna morta, também a palavra que sai de nossa boca, em declarações de amor eterno ao Grande Arquiteto, quando não vivenciadas em seu todo e de maneira honrosa, também se torna morta. Essa é a única maneira de verdadeiramente conhecer a glória de Deus, vivenciando realmente a paz, o conforto, a alegria.

Desde que cheguei a essa colônia eu tenho sentido que caminho a passos largos em meu amadurecimento, percebendo que o mesmo ocorre com aqueles a quem amo, tanto com os que estão no plano físico quanto com os que estão no plano não físico da vida. A crença no plano da vida, a despeito de onde a vida se desenvolva, e se apresenta como fé em Deus de um modo prático. E independente das religiões que temos na Terra, que nos ajudam a entender que a vida é eterna e dinâmica, nosso próprio espírito é testemunha das benesses que obtemos a todos os momentos.

Saber apreciar a vida do jeito que ela é, e buscando enfatizar as riquezas nela contidas, nos faz sentir como se estivéssemos plenos da Graça de Deus. E a harmonia que pode ser experimentada aqui, também pode ser experimentada no plano físico, basta que nos entreguemos à luz de nosso espírito.

Rafael, um amigo aqui do Além, sempre me fala sobre os encantos da vida e da gradualidade em que eles ocorrem, nos dando oportunidade de não contabilizarmos tempo perdido, dizendo que todo tempo é sempre ganho.

Muitas vezes, lembrando-me de minha última encarnação, consigo comprovar, usando minha percepção, que o nascimento físico ocorre

gradualmente, a vida acontece diariamente, e também a morte chega aos poucos. Nada há que seja repentino na criação. Lembro-me que antes de partir do plano físico para o não físico, desfrutei de meus últimos dias de encarnado com zelo e alegria. Dormia muito naqueles últimos dias, ia até o plano não físico correspondente ao meu estágio evolutivo na época, a fim de receber energizações e conselhos para minha transição. Andei pelo sítio em que minha mãe morou, joguei bola no campinho do condomínio e no clube vizinho, que era algo que eu não fazia havia muito tempo; cheguei a almoçar ao ar livre, olhando meu irmão Guilherme montar a cavalo e passei com os cachorros.

Na tarde anterior à minha transição de fato, cheguei a cortar o cabelo e a fazer a barba, chegando em casa cheio de entusiasmo, brincando com o pessoal. Era o meu preparo para o retorno à verdadeira pátria, ao lar do Pai.

Lembro-me que ao me dar uma canelada, no jogo de bola no bairro, uma amiga, a Sheila, eu disse a ela “Ai, Sheila, assim você me mata!”. E ela, em tom de pilhéria, me disse, “Nossa, Miguel, morrer de uma canelada?”, ao que eu respondi: “Morrer não é nada, difícil é ser cremado e ter minhas cinzas jogadas no Havaí”.

Espiritualmente já sabemos de tudo o que está para nos ocorrer. E embora as pessoas possam duvidar disso, achando que só falamos assim depois do ocorrido, não é exatamente do ocorrido que falamos, mas de toda a realidade emocional que está por trás do que é representado pelos eventos físicos. Por isso, o fato de podermos agir de modo diferente não tem nada a ver com impedir a tragédia da morte, como pensa os que estão focados no plano físico. A morte não é uma tragédia. Tragédia é o que fazemos com o que nos acontece quando nos prestamos a sofrimentos desnecessários que impedem nossa compreensão do plano maior que o Criador estabelece para nós.

Na noite do velório, na época de minha última transição, minha tia Cynthia foi buscar um padre para que rezassem uma missa em memória de minha partida. E embora minha mãe não estivesse gostando da ideia, por achar que o padre iria realizar seu serviço em torno da mensagem de que eu acordaria apenas nos fins do tempo, ela mesma se surpreendeu quando escutou o discurso do padre:

— Só vim aqui hoje porque Miguel está vivo, porque se ele estivesse morto nem aqui eu viria. Estamos todos de malas prontas para o retorno à casa do Pai, embora não saibamos o dia da volta; devemos viver como se hoje fosse o último dia de nossas vidas; se eu fosse casado, diria para minha esposa: mulher, nós vamos dormir agarradinhos, pois esta é a nossa última noite.

“Temos que rezar é pela família de Miguel e não por Miguel, que está com Deus. Comparemos a vida ao casulo e a borboleta; quando estamos vivos, estamos no casulo; e, quando morremos, voltamos a ser borboletas.”

Meus amigos colocaram o par de pés-de-pato sobre o caixão que abrigava meu corpo e fizeram uma homenagem à nossa amizade.

Naquele dia, assim que chegou em casa, minha mãe colocou o sofá no jardim e deitou-se ali a fim de repousar. Uma borboleta pousou sobre a região de seu coração e ela sentiu minha mensagem dizendo-lhe “mamãe, te amo, mas preciso ir”, e riu ao lembrar-se do discurso do padre.

E após a missa de sétimo dia por meu falecimento, minha mãe resolveu celebrar minha vida com um encontro regado a salgados e vinhos num restaurante, cercada por alegria ao invés de por tristeza, pois ela entendeu que, se estamos com Deus após nossa partida, não é coerente que brindemos esse evento com o sofrimento do luto que é exagerado pela partida dos que amamos. E, ao invés de uma oração de tristeza, minha mãe propôs o envio de energia de luz e paz para mim. E, a partir daí, a conversa girou em torno das coisas engraçadas que eu aprontava quando na Terra, enquanto as pessoas riam das traquinagens e de algumas coisas que eu dizia.

Ao final, despediram-se do encontro, dando parabéns à minha mãe, ao invés de “pêsames”, e todos estavam contentes por terem tido a chance de terem tido um amigo como eu e de serem amados por mim.

E quando se completou um ano de minha transição para o Além, enviei uma mensagem para minha mãe, pedindo que ela rezasse comigo naquele dia. E minha mãe, então, reuniu os amigos no campo de futebol do condomínio e fizeram uma fogueira, enfeitando o quiosque com velas. Umas sessenta pessoas se deram as mãos e rezaram, enviando-me energia de alegria e celebrando com músicas até o final do encontro. Nesse encontro minha mãe comentou com os seus: “Meu filho voltou para seu lar, quem sou eu para impedir ou para me revoltar contra isso?”

Oh, certamente tenho uma família terrena abençoada, e sou muito grato por ter tido essa experiência de vida, e não uma experiência de morte. E não há alegria maior para ninguém do que sentir orgulho por sua família, de colaborar com os membros dessa família para que eles vivam o melhor deles, pois todos nós possuímos nosso melhor, e basta que vivencemos esse melhor ao invés de nosso pior, que é apenas o lado negativo de nosso melhor, já que somos compostos apenas do melhor, por sermos criaturas Divinas. Nada ruim vem de Deus.

Minha mãe decidiu viver seu luto em companhia da alegria, não da tristeza. Por isso se tornou digna de ser a portadora da mensagem espiritual a favor da vida e não a favor da morte. E quando pensei em poder escrever o primeiro livro falando de minhas incursões no Além, minha mãe enviou o manuscrito para o Quito, desejando que ele escrevesse o texto de Apresentação. Em sonhos, falei com o Quito, mostrando-lhe o livro, com a mesma capa que ora o leitor tem em mãos, e dizendo a ele que estava contente por minha mãe ter seguido adiante com o projeto. Estes são alguns dos sinais com os quais nós, os espíritos, podemos trabalhar de acordo com o merecimento que os encarnados e os desencarnados adquirem ao longo de seus projetos. Todo o nosso trabalho deve ter como base a evolução espiritual. Se não for assim, atrapalhamos a grande oportunidade que o Criador nos dá de nos expandirmos sob sua luz.

Todo repasse de meus últimos dias na Terra são indícios de que estou me despedindo da identidade que ainda tenho com essa última encarnação, para começar a viver mais e mais voltado para a continuação da construção de minha identidade espiritual.

Daqui para frente sei que outras aventuras me surgirão, sei que conhecerei pessoas e me depararei com situações que me farão progredir em minha aquisição de sabedoria e maturidade. Passarei por novas colônias, mais completas que essa onde estou atualmente, assim como essa é mais completa do que anterior, e sempre será assim, pois de acordo com nossa maturidade espiritual é que julgamos a perfeição do lugar onde estamos. E, assim, meus próximos caminhos serão abertos, podendo incluir até mesmo uma nova encarnação na Terra ou em algum outro plano que o Criador nos reserva.

Até lá, minha última mensagem é: independente das crenças, independente das religiões, independente das orientações de outras pessoas, siga seu caminho apoiado por seu livre-arbítrio, sem preocupar-se com o caminho alheio, siga seus bons sentimentos. Eles são nossos indicadores de que estamos na rota iluminada, essa da qual não devemos sair jamais.

FIM...

Ou... **“começo”**,

*pois fim não existe... a vida é um eterno recomeço.
Um dia você entenderá isso, se é que já não entendeu.
Miguel*

*fala.miguel@bol.com.br
helenalapenda@yahoo.com.br*



Este livro foi impresso pela
Singular Digital
2014